



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

INSTITUTO DE
ESTUDOS
POLÍTICOS

O SIGNIFICADO DO IÉMEN NO GRANDE MÉDIO ORIENTE

Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em
Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa

Por: José Pedro Coelho Monteiro Limão;

Aluno nº: 100516003

Orientador: General Luís Vasco Valença Pinto

AGRADECIMENTOS

Ao General Luís Valença Pinto, meu orientador, por toda a ajuda, apoio, disponibilidade, pela atenção e cuidado com que leu cada palavra que escrevi e pelos sábios conselhos, de valor imensurável, que me acompanharam durante todo o processo

Aos meus pais, pelos valores que me transmitiram, pela força que me dão, pela paixão pelo conhecimento que deles herdei e por tudo me terem dado ao longo da vida

Aos meus irmãos, por serem o meu amparo mesmo quando não se apercebem que o são

À minha família e aos meus amigos de sempre, que me acompanham todos os dias e me dão ânimo para continuar a percorrer o meu caminho

A todos os professores e funcionários do IEP, pela sua dedicação e pelos ensinamentos que deles recebi

A todos aqueles que, no Iémen,
perderam a vida ou a de entes queridos.

A todos os que ali viram o seu futuro ser
negado em nome da guerra

À avó Jenny e à Tia Lulu

RESUMO

O Iémen é hoje um país pautado pela instabilidade e marcado por uma crise Humanitária de enormes proporções. Ao longo da sua História milenar, o Iémen atravessou períodos de maior e menor prosperidade e unidade. Durante cerca de 1000 anos, o país esteve sob o domínio dos Imãs Zaiditas e, entre o século XIX e o século XX, esteve ocupado a norte pelo Império Otomano e a sul pelo Império Britânico. Tanto o norte como o sul tornaram-se independentes no século XX e, em 1990, o país reunificou-se. Apesar da esperança que veio com a reunificação, o Iémen nunca conseguiu, até hoje, ser um país próspero, estável e pacífico. A guerra do Golfo em 1990 e 1991, a guerra civil em 1994, as guerras de Sa'dah entre 2004 e 2010, a Primavera Árabe em 2011 e o início da guerra civil em 2015, fizeram o país mergulhar no caos.

Apesar de ser o país Árabe mais pobre do mundo, o Iémen é um país importante e repleto de significado na região onde se insere. Através da análise da sua história, da geografia, das relações complexas que mantém com países vizinhos e através da análise cuidada do seu território e dos atores que ali exercem influência, conclui-se que o Iémen é um país relevante na região. Pela sua posição geoestratégica privilegiada, pela situação política que atravessa e pela crise humanitária que ali se gerou, o Iémen é hoje um dos mais países que mais atenção e preocupação suscita em todo o globo e, a presente dissertação, procura demonstrar isso mesmo.

Por fim, é objetivo desta dissertação alertar para a necessidade da guerra do Iémen deixar de ser a “guerra esquecida”.

Palavras-Chave: Iémen; Médio Oriente; Arábia Saudita; Irão; Geopolítica; Geoestratégia

ABSTRACT

Yemen is, today, a country characterized by instability and marked by a huge Humanitarian Crises. Throughout its millenary History, Yemen went through moments of greater and lower prosperity and unity. For about 1000 years, the country was under the rule of the Zaidist Imams and, between the XIX and XX centuries, the north of the country was occupied by the Ottoman Empire, while the south was occupied by the British Empire. Both the north and the south became independent during the XX century and, in 1990, the country managed to reunite. Despite the hope that came with the reunification, Yemen, until nowadays, never accomplished to be a prosperous, stable and pacific country. The Gulf war between 1990 and 1991, the civil war in 1994, the Sa'dah wars between 2004 and 2010, the Arab spring in 2011 and the beginning of the civil war in 2015, immersed the country into the chaos.

In spite of being the poorest Arab country in the world, Yemen is a country full with significance and importance for its region. Through the analysis of its History and geography, through the study of the complex relations it maintains with its neighbouring countries and through the careful examination of its territory and of all the influencing players there, it is possible to conclude that Yemen is a relevant country in the region. Due to its privileged geostrategic position, due to the political situation that the country faces today and due to the Humanitarian crises that generated inside the country, Yemen is one of countries raising more attention and concern in the world and, this dissertation, seeks to demonstrate just that.

Finally, one of the greatest goals of this dissertation is to warn and alert about the importance of no longer characterizing the Yemeni war as the “forgotten war”.

Key words: Yemen; Middle East; Saudi Arabia; Iran; Geopolitics; Geostrategy

ÍNDICE GERAL

| | Página |
|--|-----------|
| Agradecimentos----- | i |
| Dedicatória----- | ii |
| Resumo e palavras-chave & Abstract and key words----- | iii |
| Índice geral----- | vi |
| Índice de anexos----- | viii |
| Introdução----- | 1 |
| Capítulo I – O Iémen e o Grande Médio Oriente----- | 6 |
| 1.1 Do século III a.C a 1990----- | 8 |
| 1.2 Da Unificação à Revolução (1990-2011) ----- | 23 |
| Capítulo II – Guerra no Iémen. Atores Regionais e Conflito----- | 43 |
| II.1 Arábia Saudita----- | 45 |
| II.2 Irão----- | 49 |
| II.3 <i>Proxy War</i> no Iémen entre 2000 e 2010----- | 55 |
| II.4 Do fim de Saleh à captura de Sanaa (2011-2014) ----- | 61 |
| Capítulo III – O Significado do Iémen na Região no pós 2014 até à atualidade--- | 69 |
| III.1 Situação Política----- | 71 |
| III.2 Posicionamento Geoestratégico do Iémen----- | 79 |
| III.3 Crise Humanitária----- | 93 |
| III.4 Negociações de Paz----- | 105 |

| | |
|-------------------|-----|
| Conclusão----- | 117 |
| Bibliografia----- | 123 |
| Anexos----- | 131 |

INDÍCE DE ANEXOS

| | Página |
|-----------------|---------------|
| ANEXO I----- | 132 |
| ANEXO II----- | 133 |
| ANEXO III----- | 134 |
| ANEXO IV----- | 135 |
| ANEXO V----- | 136 |
| ANEXO VI----- | 137 |
| ANEXO VII----- | 138 |
| ANEXO VIII----- | 139 |
| ANEXO IX----- | 140 |
| ANEXO X----- | 141 |
| ANEXO XI----- | 142 |
| ANEXO XII----- | 143 |
| ANEXO XIII----- | 144 |

INTRODUÇÃO

“You don’t understand that I am sitting on a nest of snakes and scorpions, and you will see what happens once I am gone”¹

Ali Abdullah Saleh

A presente investigação tem como objetivo responder a uma questão essencial: Qual a importância e significado que o Iémen assume no Grande Médio Oriente, sendo o país Árabe mais pobre do mundo?

Esta questão aparentemente simples, merece atenção e cuidado, pois para além de originar outras perguntas, a resposta é complexa e multifacetada. A própria pergunta não é totalmente inocente ou ignorante. Ela pressupõe, como sendo evidente, que o Iémen é importante na região, embora a importância e os seus fundamentos não sejam facilmente evidentes. Bastará fazer uma pesquisa rápida para se compreender que o Iémen atravessa, em 2019, a pior crise Humanitária do mundo. A pergunta que imediatamente a seguir se coloca é “porquê”? “Porque é que os Iemenitas estão a morrer em consequência de bombardeamentos, da fome ou da cólera? Porque é que cerca de metade da população do Iémen necessita de ajuda Humanitária urgente?” Estas são perguntas naturais que, qualquer pessoa fará, quando pesquisar um pouco sobre o tema. Os mais curiosos e atentos procurarão, no entanto, respostas mais profundas a perguntas mais complexas: “Porque é que a Arábia Saudita lidera uma coligação que bombardeia o Iémen e porque é que os Estados Unidos da América estão envolvidos no conflito?” “Porque é que o Irão apoia rebeldes Xiitas em território Iemenita?” Para estas perguntas,

¹ Frase retirada do livro de Marieke Brandt, no capítulo “The Language of War”, p. 253

não encontrarão a resposta se atentarem apenas ao que é difundido pela comunicação social, ou pelos artigos que respondem de forma resumida, ou parcialmente às questões. Existe, no entanto, uma última pergunta que surgirá na mente do observador mais atento e, relativamente à qual, dificilmente se encontrará resposta: “Que significado é que o Iémen assume no Grande Médio Oriente para que atores regionais – e até globais – travem, naquele país, uma guerra que já se revelou absolutamente destrutiva?”. É a todas estas perguntas, e em especial à última, que esta dissertação procura dar resposta, procurando preencher um espaço pouco explorado até ao momento, especialmente em Portugal, onde o Médio Oriente, e em particular o Iémen, é um espaço pouco conhecido e pouco estudado. Mesmo adotando um prisma Europeu, chegar-se-á facilmente à conclusão de que a Europa não tem uma estratégia clara e definida para ajudar a resolver o caos em que a região se encontra. Ao contrário dos EUA ou da Rússia, a Europa - em especial a União Europeia - não tem sabido assumir, na região, nenhum papel de especial relevância. Esta conclusão agrava-se quando se observa que a Europa sofre diretamente as consequências do que acontece no Médio Oriente, algo que foi particularmente visível com a crise de refugiados, que atingiu o seu pico em 2015.

Com o objetivo de desenvolver melhor o tema e de encontrar respostas para as perguntas formuladas, utilizar-se-á o método de “Estudo de Caso”. Para entender a região e para compreender o significado do Iémen na mesma, afigurou-se como sendo essencial estudar o país de forma aprofundada. No método de “estudo de caso” as perguntas “como” e “porquê”, assumirão um papel fulcral ao longo da dissertação. Este método afigura-se também como sendo o mais apropriado visto que boa parte da investigação se relaciona com acontecimentos atuais e com o conflito que se está atualmente a desenrolar. O método escolhido permite então estudar os processos e

dinâmicas do objeto da dissertação tornando mais nítida a compreensão da importância e significado que o Iémen assume na região onde se insere.

Para compreender o que se passa atualmente no Iémen, é necessário entender o país, o seu território, a geografia e a sua História. É necessário ter em consideração que, ao contrário de muitos países na região, o Iémen é um país milenar e que não foi apenas criado em 1916 com a assinatura do Tratado de Sykes-Picot. É importante saber que, neste sentido, o Iémen não foi sempre um país em guerra e em convulsão e que, em tempos idos, foi um país fértil, estável e até poderoso.

O primeiro capítulo começa por traçar o desenvolvimento do Grande Médio Oriente, recuando ao tempo em que na região se sucediam os Impérios. A análise começa por se focar no século III a.C, altura em que o Egipto estendeu o seu domínio ao longo do Nilo até ao Sudão, e altura em que se fundaram os Impérios da Mesopotâmia, da Suméria e da Babilónia. Far-se-á especial referência ao acontecimento mais marcante e que representou a mudança mais profunda na região, protagonizado pelo profeta Maomé quando, no início do século VII d.C, iniciou a expansão do Islão. A análise da região manter-se-á até aos nossos dias, com especial relevância para o já referido Tratado de Sykes-Picot, assinado em 1916. Como mencionado, o Iémen não foi criado nessa altura e os Iemenitas fazem recuar o nascimento do seu país ao reino de Sabá, que ao longo de 1000 anos foi o reino mais importante do sul da Arábia. O Iémen tem, aliás, a particularidade de ser referido na Bíblia e no Corão, o que lhe confere uma simbologia única. Com o objetivo de conhecer e estudar a história do Iémen, a presente dissertação traçará também o desenvolvimento do país, sublinhando o tempo em que esteve dividido entre a República Árabe do Iémen (Iémen do Norte) e a República

Democrática Popular do Iémen (Iémen do Sul), assim como a reunificação do país em 1990.

No segundo capítulo procurar-se-á explicar em que medida é que os dois principais atores regionais (Arábia Saudita e Irão) têm influenciado o curso dos acontecimentos no Iémen. Neste sentido, estudar-se-á até que ponto é que ambas as potências se têm envolvido naquele país e explicar-se-á que o Iémen é hoje palco de uma *proxy war* entre os dois países, que têm apoiado fações opostas nos diferentes conflitos. Nesse capítulo, a *proxy war* será apenas analisada entre os anos 2000 e 2010, sendo que para a entender será necessário estudar a Arábia Saudita e o Irão, explicando as suas diferenças e aprofundando os motivos da sua rivalidade. No mesmo capítulo, abordar-se-á o fenómeno das Primaveras Árabes e os seus efeitos, em particular no Iémen. Consequentemente, será sublinhado o facto de Ali Abdullah Saleh ter deixado de ser, nessa altura, Presidente do Iémen. O capítulo estender-se-á até 2014, ano em que os rebeldes Houthis capturaram a capital do país, Sanaa.

O terceiro capítulo será essencial para comprovar a importância que o Iémen assume na região. É nesse capítulo que se analisará o país desde o final de 2014 até Março de 2019, data em que a investigação terminou. O terceiro capítulo estará dividido em quatro sub-capítulos onde se estudarão a situação política vivida no Iémen, a sua importância geoestratégica, a crise Humanitária existente naquele país e, por último, as mais recentes negociações de paz que resultaram no *Acordo de Estocolmo* de Dezembro de 2018.

Por fim, o objetivo principal desta dissertação é o de demonstrar que o Iémen é um país importante e de grande significado na região onde se insere. Ao longo dos capítulos serão explicadas as razões que sustentam essa afirmação.

Capítulo I - O Iémen e o Grande Médio Oriente

Tendo como propósito compreender melhor o Iémen, país menos bem conhecido no Ocidente, o seu estudo será integrado numa análise sobre a evolução Histórica da região em que se insere: o grande Médio Oriente². O capítulo será dividido em dois sub-capítulos.

O primeiro, será focado na evolução do grande Médio Oriente, entre o século III a.C, ano em que ali nasceram as primeiras grandes civilizações como a Suméria e a Babilónia e o ano de 1990. Posteriormente, ainda no mesmo sub-capítulo, será abordada a história e evolução do Iémen, incidindo essencialmente no século XX, mas que obrigará a recuar no tempo e, em poucas páginas, explicar como era o Iémen antes do início desse século. A análise terminará no ano de 1990, por ser a data da unificação do Iémen³.

No segundo sub-capítulo, o objetivo será estudar e explicar a história mais recente do Iémen, desde a sua unificação em 1990. Neste sub-capítulo analisar-se-á a década de 1990 e mostraremos como o Iémen nunca atingiu a estabilidade e a prosperidade que, no início da década, se esperava com a unificação. Analisar-se-á também a década de 2000, a família Al-Huthi⁴ e a sua ascensão até se ter transformado num movimento de oposição

² O grande Médio Oriente inclui os países do Magreb, do Levante e do Golfo Pérsico

³ Como será explicado durante o capítulo, durante grande parte do século XX o Iémen esteve dividido entre a República Árabe do Iémen (Iémen do Norte) e da República Democrática Popular do Iémen (Iémen do Sul) até à unificação em 1990

⁴ A família Al-Huthi é a família que, especialmente a partir de 2004, se opôs ao regime Iemenita e que teve um grande impacto a nível nacional

ao governo do Presidente Ali Abdullah Saleh⁵. Esta é uma década marcada pelas guerras de Sa'dah⁶, que se iniciam em 2004 nessa província e que são essenciais para o enfraquecimento do regime de Saleh. O sub-capítulo terminará com o fim da última guerra de Sa'dah, em 2010, nas vésperas do início da Revolução Árabe de Fevereiro de 2011.

⁵ Ali Abdullah Saleh, como veremos, foi Presidente do Iémen do Norte e assumiu a presidência do Iémen aquando da sua unificação

⁶ Sa'dah é a capital da província de Sa'dah, no noroeste do Iémen. Houve seis guerras de Sa'dah, entre 2004 e 2010. Estas guerras, que começaram por opor a família Huthi (que passará a ser o movimento Houthi) e o regime de Saleh, rapidamente começaram a envolver várias tribos, levando a que o conflito passasse a ser motivado por causas diversas. Como explicaremos durante o capítulo, o regime de Saleh saiu muito enfraquecido destas guerras, desde logo porque o Presidente nunca conseguiu encontrar uma estratégia forte e coerente para lidar com os seus opositores.

I.1 Do século III a.C a 1990

O Grande Médio Oriente antes de 1990

“O Grande Médio Oriente estende-se do Mar Mediterrâneo às montanhas do Irão. De norte a sul, se começarmos no Mar Negro e terminarmos nas costas do Mar Árábico no litoral de Omã⁷”

O Médio Oriente é hoje palco de diversos conflitos. No entanto, esses conflitos não tiveram início na atualidade e são resultado de conflitos mais antigos, em muito devidos à variedade de povos que ali coexistem: Turcos, Curdos, Arménios, Árabes, Judeus, Pasthos, Baluquis e outros.⁸ As consequências desses conflitos são ainda visíveis e é difícil encontrar nele um padrão comum, considerando que as suas causas vão desde as rivalidades entre Árabes⁹, ao conflito entre a Palestina e os sionistas, que resulta no ainda atual, conflito entre Israel e a Palestina, às disputas territoriais, à emergência de estados Árabes nacionalistas e aos problemas que ocorreram com as descolonizações, como se verificou em específico com o Iémen do Sul¹⁰. Para além do já mencionado, motivos relacionados com o território, a água e até a ideologia¹¹ surgem também como catalisadores de conflitos.

⁷ T. Marshall, *Prisioneiros da Geografia*; Edições saída de emergência, 2017, 130

⁸ Médio Oriente, “O Crescente Fértil e as terras do Livro”, 6

⁹ Por motivos religiosos, mas também por motivos relacionados com a vontade de se encontrar um “líder” dos Árabes, como se verificou por exemplo entre o Iraque e o Egito.

¹⁰ B. BUZAN e O. WAVER; *Regions and Power*; Cambridge University Press, Cambridge, 2003, 216

¹¹ É o caso da rivalidade entre a Arábia Saudita e o Irão. A revolução de 1979 trouxe um elemento ideológico à disputa entre os dois países, ambos com o objetivo de liderar a região.

Mas, analisar e pensar o Médio Oriente faz-nos reconhecer a importância da região que, muito antes do nascimento de Cristo, foi o berço das primeiras civilizações urbanas como a Suméria ou a Babilónia, graças ao chamado Crescente Fértil, correspondente à

“Região que, do Egipto, se estendia para norte, através da Palestina, até à Anatólia (a parte asiática da moderna Turquia) e daí voltava a descer pelos vales dos rios Tigre e Eufrates, para a Mesopotâmia (correspondente, *grosso modo*, ao atual Iraque), proporcionando as condições ideais para o aparecimento de algumas das civilizações mais antigas¹²,”

O Médio Oriente começou por ser um território de sucessão de impérios, em que cada um se considerava o centro da vida civilizada e se foi expandindo. No século III a.C, o Egipto estendeu o seu domínio ao longo do Nilo até ao Sudão e, fundados na mesma altura, os Impérios da Mesopotâmia, da Suméria e da Babilónia consolidaram-se nas margens dos rios.

A partir daí, o Médio Oriente passou a estar também intimamente ligado aos Impérios Grego, Romano e Persa, sendo que este último desenvolveu um sistema de soberania descrito como “ ‘a primeira tentativa histórica deliberada de unificar a heterogeneidade de comunidades africanas, asiáticas e europeias’ ”¹³ No final do século VI d. C, dois grandes impérios dominavam a maior parte do Médio Oriente. Kissinger explica¹⁴ que esses dois impérios eram,

“O Império Bizantino (ou império Romano do Oriente), com a sua capital em Constantinopla e professando a religião cristã (ortodoxa grega) e o Império Persa

¹² Médio Oriente, “O Crescente Fértil e as terras do Livro”, 7

¹³ K. Henry, *A Ordem Mundial*; D. Quixote, 2014, 118

¹⁴ K. Henry, “O Islamismo e o Médio Oriente: Um Mundo em Desordem”, 118

Sessânida¹⁵, com capital em Ctesifonte, perto da atual Bagdade e que praticava o Zoroastrismo¹⁶”

Já no século VII, surge o acontecimento mais marcante e que representa a mudança mais profunda na região, protagonizada pelo profeta Maomé, que inicia a expansão do Islão. Maomé e a sua comunidade de crentes criaram uma política, unificaram a Península Arábica e prepararam-se para expandir o território. Essa expansão revelou-se tremendamente forte e impressionante, como relata Kissinger:

“Em 632, os exércitos árabes tinham levado a nova religião até ao litoral atlântico de África, a maior parte [do que hoje é] Espanha, até à região central de França e a Oriente haviam chegado á Índia. Ao longo dos séculos seguintes, seguir-se-iam zonas da Ásia Central e da Rússia, partes da China e a maior parte das Índias Orientais, onde o Islão, levado alternadamente por mercadores ou conquistadores, se estabeleceu como presença religiosa dominante”¹⁷

Outro momento que muito impacto teve na construção do Médio Oriente como hoje o conhecemos, foi a morte de Maomé, em 632. Com a morte do profeta surgiu a questão essencial de decidir quem seria o seu herdeiro e, por consequência, o mensageiro último de Deus. Nesse ano, um conselho de anciãos tribais escolheu Abu Bakr, sogro de Maomé, considerando-o o mais capaz e habilitado para liderar a incipiente comunidade muçulmana. Havia uma minoria que considerava que uma questão tão essencial como a de suceder a Maomé não deveria ser decidida por votação, por estar assim sujeita à falibilidade humana. Estes, consideravam que o herdeiro legítimo era Ali, primo de

¹⁵ O Império Persa Sessânida foi o último Império Persa pré-Islâmico

¹⁶ O Zoroastrismo foi fundado na antiga Pérsia, pelo profeta Zaratustra. É considerado a primeira manifestação do monoteísmo e veio a influenciar o Cristianismo, o Islamismo e o Judaísmo

¹⁷ K. Henry, “O Islamismo e o Médio Oriente: Um Mundo em Desordem”, 119

Maomé e seu mais próximo descendente de sangue e defendiam que a administração da sociedade Islâmica era uma tarefa espiritual, que incorporava um elemento esotérico. Acreditavam portanto, que a sociedade precisava de ser guiada por alguém espiritualmente dotado e descendente do profeta. Os defensores de Ali ficaram para sempre conhecidos como Xiitas, que deriva de “Shiat Ali” que, literalmente significa “o partido de Ali”. Por outro lado, os proponentes de Abu Bakr e os seus sucessores acreditavam que a ligação de Maomé com *Alah* era única, exclusiva e decisiva e que a tarefa primordial do califado¹⁸ era a preservação do que Maomé revelara e edificara. Esses, por seu turno, ficaram para sempre conhecidos como Sunitas¹⁹, que vem de *Al Sunna*, ou “povo da tradição”.

Esta distinção é hoje causa (e quando não o é, é mesmo assim invocada como tal) das perturbações e desestabilizações que assistimos no Médio Oriente. É uma distinção fulcral e que ajuda a compreender a composição contemporânea da região²⁰.

¹⁸ O Califado representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. A posição do seu chefe de Estado, o califa, baseia-se na noção de um sucessor à autoridade política do profeta islâmico Maomé.

¹⁹ Este parágrafo, em que mencionamos o início da divisão do Islão em Sunitas e Xiitas, foi baseado na visão que Henry Kissinger deixou espelhada no seu livro *A Ordem Mundial*, mais concretamente no capítulo “O Islamismo e o Médio Oriente: Um Mundo em desordem” nas páginas 127 e 128

²⁰ Esta distinção é fundamental, na medida em que ajuda a compreender os conflitos que têm lugar na região. Os Sunitas compõem cerca de 80% do mundo Islâmico e os Xiitas os outros 20%. Ambos lutam pela liderança do mundo Islâmico, luta essa que se materializa geralmente em confrontos (não confrontos diretos, mas sim através de terceiros) entre a Arábia Saudita (Sunita) e o Irão (Xiita). No capítulo III faremos uma breve análise destas duas ramificações do Islão e como se combatem. No capítulo IV, analisaremos como a dimensão religiosa é importante no conflito Iemenita atual.

A expansão islâmica sofreu depois um abrandamento, por volta do século IX. No entanto, não deixando de ganhar adeptos e apoiantes, no século XII o grande herói curdo Saladino conseguiu recuperar Jerusalém. Durante o século XIII, os turcos otomanos retomaram a expansão, considerando-se líderes do mundo islâmico unificado, e conquistaram Constantinopla em 1453 (hoje Istanbul). Os Otomanos, à semelhança do império islâmico dos primórdios, “consideravam que a sua missão política era universal e promotora da ‘ordem do mundo’, sendo que o sultão se proclamava ‘sombra de Deus sobre a Terra e soberano universal e protetor do mundo’”²¹

Essa expansão dos Turcos Otomanos teve o seu pico em 1683 com o cerco a Viena²², mas já no final do século XVIII e, ao longo do século XIX, os Estados Europeus começaram a inverter o processo. O Império Otomano caiu no século XX, depois da I Guerra Mundial, quando se aliou à Alemanha e perdeu a guerra. Foi nessa altura que se tomaram algumas das decisões mais importantes e influentes para o Médio Oriente.

Em 1916 foi assinado o Tratado de Sykes-Picot, dividindo o Médio Oriente. Foi traçada uma linha “que ia de Haifa no Mediterrâneo, no que é hoje Israel, até Kirkuk (agora no Iraque) a nordeste²³” e que dividia a região em duas partes, no caso da *Triple Entente* derrotar o Império Otomano, na Primeira Guerra Mundial. No Tratado previa-se que os

²¹ K. Henry, “O Islamismo e o Médio Oriente: Um Mundo em Desordem”, 129

²² “No seu auge, estendia-se desde as portas de Viena, atravessava a Anatólia e chegava à Arábia e ao Oceano Índico. De oeste a leste, cobria o que são hoje a Argélia, a Líbia, o Egipto, Israel/Palestina, a Síria, a Jordânia, o Iraque e partes do Irão.” – T. Marshall, “Médio oriente”, 131

²³ *Idem Ibidem*, 131

territórios a norte da linha ficariam sob o controlo francês e, a sul, ficariam sob o controlo inglês:

“A Síria e o Líbano foram outorgados à França, a Mesopotâmia, mais tarde Iraque, foi colocada sob a influência Britânica e a Palestina e a Transjordânia integraram o mandato britânico, estendendo-se do Mediterrâneo ao Iraque²⁴”

O tratado de Sykes-Picot trouxe novos arranjos para a região, na medida em que levou à criação dos Estados do Líbano, Jordânia, Iraque, Arábia Saudita e Kuwait. O tratado levou também à criação da Palestina que, não sendo um Estado, é uma entidade coletiva com vida política organizada. O mundo muçulmano ficou ainda mais abalado, quando em 1924, os líderes da recém-proclamada República da Turquia, proclamaram um Estado secular.

Paralelamente a estes acontecimentos, foi depois da I Guerra e, na Declaração de Balfour em 1917 que o movimento favorável à criação de um Estado para o povo judaico ganhou ímpeto. O governo Britânico demonstrou-se então disponível para a criação de “uma pátria para o povo judeu”, no território da Palestina e em 1948 nasceu o Estado de Israel.

No grande Médio Oriente podemos definir três áreas de complexas relações entre os países envolvidos. A primeira é a zona do Levante, que opõe essencialmente Israel e os seus vizinhos árabes. A criação do Estado de Israel veio desestabilizar uma região que

²⁴ H. Kissinger, “O Islamismo e o Médio Oriente: Um Mundo em Desordem”, 134 – Kissinger acrescenta que estes arranjos “permitiam às potências mandantes governar também mediante a manipulação de tensões e, de passagem, lançar os alicerces de futuras guerras civis e internacionais”

era já muito pouco estável. Essencialmente por não ser Árabe e não professar a religião muçulmana, Israel tornou-se no inimigo comum dos vários Estados Árabes, levando a que o conflito entre Israel e a Palestina criasse um elo comum entre os muçulmanos que se estendia de Marrocos à Omã.

Barry Buzan and Ole Waever sustentam esta ideia, ao afirmar que²⁵:

“Without common cultural bonds, it is quite unlikely that the national security concerns of a collection of small and medium-sized powers with members as geographically far apart as Morocco and Oman would ever have cohered into a single pattern of security interdependence”

A segunda área de relações da região tem lugar no Golfo Pérsico. Esta tomou forma depois da Grã Bretanha ter saído do território em 1971 e é composta por um triângulo de relações que inclui o Irão, o Iraque e os restantes países do Golfo.²⁶

²⁵ B. BUZAN e O. WAEVER, “The Middle Eastern RSC: 1948–1990”, 191

²⁶ Este triângulo não é recente. Os conflitos entre o Irão e o Iraque surgiram por disputas territoriais, pela ambição e rivalidade de ambos os líderes, com a situação das minorias curdas e com a franja de população Xiita que habita no sul do Iraque. Para além disso, esta área é marcada pelos confrontos entre a Arábia Saudita e o Irão, que são os principais representantes do Sunismo e Xiismo respetivamente e disputam a liderança da região. Mas estes confrontos são mais antigos, sendo que existe um historial de conflitos entre os Árabes e os Persas. Por fim, os estados do Golfo e o Iraque têm também motivos de discórdia e de conflito entre si. Esses motivos relacionam-se com os preços do petróleo, com a ambição hegemónica de Saddam Hussein e com o facto de o Iraque ter rejeitado, repetidamente, que o Kuwait fosse independente - t B. BUZAN e O. WAEVER, “The Middle Eastern RSC: 1948–1990”, 191 e 192

Por fim, existe uma terceira área de complexas relações que é o Magreb, incluindo a Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos.

Dum ponto de vista global, depois da queda do Império Otomano, e pelo menos até à década de 50, a Grã-Bretanha e a França assumiram um maior protagonismo na zona. Ambas as potências tiveram, inclusive, um papel importante na formação do estado de Israel. Só mais tarde (principalmente depois de 1956²⁷) é que os Estados Unidos da América e a União Soviética começaram a exercer real influência na região, fazendo com que o Médio Oriente ficasse no meio entre o mundo comunista e o mundo ocidental. Neste sentido, a Turquia e o Irão aproximaram-se significativamente dos EUA, muito devido às políticas agressivas de Estaline, levando mesmo à adesão da Turquia à NATO. O Irão manteve-se um aliado dos EUA até à revolução islâmica de 1979. A União Soviética, por seu lado, tentou estabelecer-se na região, apoiando alguns regimes e movimentos radicais que surgiam na mesma, como a Síria, o Iraque ou o Iémen.²⁸

No entanto, a posição dos EUA e da União Soviética no Médio Oriente foi mudando ao longo dos anos, muito dependendo das alianças que iam sendo feitas²⁹

²⁷ Com a crise do Suez em que o Presidente Egípcio Gamal Abdel Nasser, nacionalizou o canal do Suez, que era administrado por empresas Britânicas e Francesas

²⁸ B. BUZAN e O. WAEVER, “The Middle Eastern RSC: 1948–1990”, 198

²⁹ Inicialmente a União Soviética contava com o apoio de Egipto, Argélia, Síria e Iraque. Por outro lado, os EUA contavam com a Jordânia, a Arábia Saudita, o Irão e Marrocos como aliados. Ao longo dos anos, algumas situações foram-se modificando. O Egipto, em 1973/74 mudou o seu posicionamento, considerando que a União Soviética não iria ajudar a recuperar a Península do Sinai (que tinha sido tomada por Israel em 1967, na guerra dos seis dias). A influência soviética foi-se também mitigando

Iémen no Grande Médio Oriente antes de 1990

“Os geógrafos da Antiguidade dividiam a Arábia em *Arabia Deserta* e *Arabia Felix* (Arábia Feliz) A *Arabia Felix* era uma terra abençoada pelos Deuses, abundantemente irrigada, produtora de incenso e das apreciadíssimas especiarias aromáticas. Atualmente, essa região corresponde *grosso modo* ao Iémen, com as suas verdes montanhas cercadas por desertos, as suas costas ponteadas pelos portos das antigas rotas do comércio entre o Ocidente e o Oriente”³⁰

Durante o Império Romano, esta *Arabia Felix*, que separava o Mar vermelho do Golfo de Aden, era um recanto de fertilidade num continente desértico. Era daqui que partiam as grandes caravanas de camelos, carregadas de incenso e mirra, sedas, pérolas, prata e ouro. Esta zona vem referida na Bíblia e no Corão³¹ e tem, por isso, um enorme significado para ambas as religiões.

devido ao facto da Síria e Argélia se terem tornado mais equidistantes relativamente aos conflitos. No lado oposto, o Irão, depois da revolução de 1979, afastou-se drasticamente dos EUA, aproximando-se da União Soviética. A posição relativamente a Israel também foi sendo alterada, já que em 1974 a Síria e Israel subscreveram um acordo de retirada para definir e garantir a linha da frente militar. Também a Jordânia e Israel celebraram um acordo de paz. Em 1979 Egipto e Israel assinaram um acordo de paz, tendo o Egipto sido expulso da Liga Árabe.

³⁰ Médio Oriente, “Iémen”, 89

³¹ “Na Bíblia, conta-se que a rainha de Sabá, ofereceu ao Rei Salomão, o maior carregamento de que havia memória de especiarias, ouro e pedras preciosas. A Bíblia não dá um nome à rainha, mas no Corão vem identificada como Bilquis. O Corão conta como o poderoso e sábio Rei Suleimão (Salomão em Árabe) soube de uma terra verde e maravilhosa, a sul, que adorava o Sol em vez de Deus e mandou-lhe, por uma poupa migratória, uma carta em que a incitava a abandonar os seus costumes pagãos. A rainha Bilquis ficou intrigada e enviou ao rei um emissário com adivinhas para testar a sabedoria de Salomão.

Os Iemenitas gostam de fazer remontar as suas origens ao reino de Sabá, que ao longo de 1000 anos foi o reino mais importante do sul da Arábia. De facto, o Iémen é um caso raro na região, dado que as suas tradições, sendo anteriores ao Islão, vêm muitas vezes referidas na literatura islâmica³².

O Corão data o fim do reino de Sabá no ano de 570 (ano do nascimento de Maomé). No entanto, o reino já vinha perdendo importância. O seu fim deveu-se substancialmente à destruição da principal barragem do reino³³ e pela perda do monopólio das caravanas, do comércio marítimo e pela ascensão do Cristianismo. A partir daí, o Iémen tornou-se num canto esquecido, de dinastias e tribos rivais que tinham como único denominador comum a submissão à nova fé do Islão.

Os Imãs Zaiditas³⁴, uma ramificação do Xiismo fundada por Ali, um dos descendentes do profeta, tiveram uma importância muito significativa na história do

Impressionada, resolveu viajar para Norte e, tal como na Bíblia, converteu-se a Deus”. De referir que a importância que aqui se dá à rainha de Sabá, é maioritariamente religiosa, visto que os registos históricos não asseguram que a rainha terá tido toda aquela importância. Alguns historiadores, julgam tratar-se de uma amálgama de fantasia e de realidade, sendo a personificação, para os Iemenitas, da glória perdida - Médio Oriente, “Iémen”, 92

³² Paul Dresch dá dois exemplos em que as tradições Iemenitas surgem com relevância. Afirma o autor que “(...) references to Yemen in traditions of the prophet are numerous” – P. Dresch, “Turkey, Britain and Yahya: the years around 1900”, 1

³³ A barragem tinha sido construída por volta do ano 800 a.C um século depois de Salomão e Bilquis. Esta servia para cultivar milhares de hectares na orla do deserto.

³⁴ Os zaiditas constituem uma dissidência bastante antiga do Xiismo. Devem o seu nome a Zaide Ibne Ali, um dos filhos do quarto Imã Xiita, Zaine Alabidim, que se rebelou, no ano de 740, contra o poder do Califado Omíada que foi o segundo dos quatro principais Califados Islâmicos estabelecidos após a morte

Iémen, visto terem governado o território de forma autocrática, ao longo de 1065 anos, até 1962³⁵, sendo que nessa data o Iémen era um dos países mais atrasados do mundo, sem estradas alcatroadas e onde as epidemias grassavam. As consequências deste atraso revelam-se, por exemplo, nas palavras do escritor Inglês Evelyn Waugh, que em 1930 estudou os Iemenitas e os descreveu como sendo “ ‘gente de pequena estatura e de fraco desenvolvimento muscular’ ”³⁶

As ligações à Índia e à África Oriental têm sido muito importantes para o Iémen ao longo da sua história. A zona mais próspera do país era a zona montanhosa à volta de Ta'izz, ibb e Jiblah e a área de Hugariyyah, que perfazem o “baixo Iémen” (*Ver Anexo I*). Paul Dresch explica a importância dessa zona, afirmando: “The mountains are terraced, the productive capacity is immense and the agricultural wealth of the region, if nothing else, makes this the “real” Yemen”³⁷

Efetivamente só se pode falar da existência dum Iémen dividido, quando dois Impérios “estrangeiros” tomaram controlo de grandes áreas do país. A norte, os Otomanos que dividiam o poder com uma autoridade local (Imã) e a sul, os Britânicos, que tinham

de Maomé e que era originário de Meca, na Arábia Saudita. Atualmente, os Zaiditas são maioritários apenas no norte do Iémen, sendo que a maioria da população a sul do país é Sunita

³⁵ Por esta altura, o porto de Aden (no sul) era um bastião Britânico há já 123 anos, desde 1839. Paul Dresch afirma que os Zaiditas se começaram a aventurar no norte, à volta de Sanaa, no ano de 896 d.C e que chegaram a dominar áreas enormes. A sul, no “baixo Iémen”, o Zaidismo exercia apenas influência local e a maioria da população era Shafi (Sunita).

³⁶ O autor continua, dizendo que “ ‘os rostos são glabros, ou cobertos por uma leve penugem, de expressão degenerada e ligeiramente imbecil, impressão acentuada pela maneira desengonçada e saltitante que têm de andar’ - Médio Oriente, “Iémen”, 92

³⁷ P. Dresch, “Premodern Yemen”, 13

de ir fazendo tratados com chefes tribais. Pode-se começar a falar de Iémen do Norte e Iémen do Sul a partir de 1914, ano em que ambos os Impérios demarcaram uma fronteira. Este é um ponto de vista estritamente territorial, visto que esses dois países só declararam a independência mais tarde e em momentos distintos, como se verá a seguir, constituindo a República Árabe do Iémen (Iémen do Norte) e a República Democrática Popular do Iémen (Iémen do Sul), situação que prevaleceu até 1990, quando o Iémen se tornou num país unificado.

Iémen do Norte

O Iémen do Norte, com capital em Sanaa, esteve sob o domínio Otomano desde 1872, tornando-se independente depois do fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Até 1962 o Iémen do Norte foi uma Monarquia (Reino do Iémen³⁸), tendo a República Árabe do Iémen sido proclamada nesse ano por Abdallah Al Salal, ao que se seguiu uma violenta guerra civil que devastou o país até 1970, colocando de um lado os republicanos apoiados pelo poderoso Egito e por outro os monárquicos, apoiados pela Arábia Saudita. Foi nesse ano que o Rei Saudita Faisal, considerou que podia tolerar a República moderada, deixando de apoiar os monárquicos e ordenando-lhes o cessar fogo.³⁹ Apesar de negociado um acordo de paz, o país manteve-se instável até Junho de 1978, ano em que Ali Abdullah Saleh chegou ao poder⁴⁰ e conseguiu estabilizar o país, afirmando a autoridade do seu governo na região,

“impulsionando uma política de equilíbrio entre o poderoso vizinho saudita e o Iémen do Sul (...) Desenvolve, por fim, estreitas relações com a URSS, em particular no plano

³⁸ Nas décadas que precederam a formação da República Árabe do Iémen, em Setembro de 1962, o país foi empobrecido e forçosamente isolado de qualquer influência externa, pelo seu governador autocrático, o Imã Yahya e o seu filho, Ahmad, durante as décadas de 40 e 50 – A. ORKABY, *a Passing Generation of Yemeni Politics*, Brandeis University, Middle East Brief 90, Março de 2015, No. 90 - Minha tradução

³⁹ O regime é aí reconhecido pela Arábia Saudita e pela Grã Bretanha. Da guerra, estima-se que tenham morrido cerca de 200 mil Iemenitas, cerca de 4% da população da altura - D. SEDDON, “Yemen”, 738 e 739

⁴⁰ Saleh é eleito pela Assembleia Constituinte, composta por 99 Homens e que tinha sido criada pelo seu antecessor, Ahmad al-Ghashmi, com o objetivo de preparar eleições nacionais em 1977. Al Ghashmi é assassinado em 1978 e Saleh é eleito Presidente pela nova Assembleia - D. SEDDON, “Yemen”, 739

militar, mantendo ao mesmo tempo laços de amizade com os Estados Unidos da América.”⁴¹

A República Árabe do Iémen manteve-se sempre um país pobre, embora sejam de salientar os avanços positivos que foram alcançados nas matérias sociais e económicas até ao ano de 1990, ano em que o Iémen do Norte e do Sul se unificam.

Iémen do Sul

O Iémen do Sul, comunista e com capital em Aden, “tornou-se inacessível, exceto a sequestradores de aviões e terroristas em fuga”⁴², sendo por isso difícil de saber mais e conhecer melhor a história do país. No entanto, enquanto o Iémen do Norte esteve sob o domínio Otomano, o Iémen do Sul esteve sob o domínio do Império Britânico, que ocupava Áden desde 1839, tentando influenciar as rotas marítimas que iam da Índia até ao Suez. Na década de 50, o porto de Áden era sobretudo administrado por Indianos e Europeus, o que começou a despoletar sentimentos nacionalistas aos Árabes que ali viviam⁴³, o que foi aumentando nessa década, à medida que o porto se expandia, que a migração aumentava e que os Britânicos introduziam reformas.

⁴¹ A. GRESH e D. VIDAL, “Iémen”, 177.

⁴² Médio Oriente, “Iémen”, 93

⁴³ Paul Dresch explica-nos como é que os nacionalistas Árabes se sentiam e o que desejavam, através da seguinte afirmação: “(...) The Arab citizen lived at the margin of life in his own country (...) Aden for the Adenis” – P. Dresch, “A new form of Politics: the 1950’s”, 58

Foi em 1967 que o país conseguiu a independência através da *Frente Nacional de Libertação* (FNL) que proclamou a independência da República Popular do Iémen, tendo adotado em 1970, a denominação de República Democrática Popular do Iémen.

O país,

“optou por uma via do tipo Socialista – muito mais radical do que a escolhida na Síria ou no Iraque, similar em certos aspetos à via cubana – e por uma estreita relação com a URSS (...) levando á construção do Socialismo: coletivização da agricultura e do conjunto da economia, incluindo o pequeno comércio”⁴⁴

Da FNL nasceu, em 1978, o Partido Socialista Iemenita (PSY) liderado primeiro por Abdel Fatah Ismail e, a partir de 1980, por Ali Nasser Mohamed. As divisões internas do partido criaram tensões graves e levaram a uma violenta guerra civil da qual resultaram vários milhares de mortos, entre os quais alguns dirigentes do partido, sendo que outros procuraram refúgio no Iémen do Norte, entre eles Ali Nasser Mohamed e 70 mil dos seus partidários. Esta grave convulsão, aliada às transformações que se verificaram na União Soviética e na Europa de Leste, fez com que o Iémen do Sul procurasse a sua salvação na unificação do Iémen.

⁴⁴ A. GRESH e D. VIDAL, “Iémen”, 177

I.2 Da Unificação à Revolução (1990-2011)

A década de 1990

O Iémen do Norte e o Iémen do Sul cumpriram um sonho secular, quando

“A 21 de Maio de 1989, os parlamentos dos dois países ratificam a unificação do Norte e do Sul (...) É eleito um conselho presidencial de cinco pessoas (três nortistas e dois sulistas), presidido por Ali Abdullah Saleh e instaurado um regime pluripartidário, dominado pela aliança entre o Congresso Geral Popular de Ali Saleh e o PSY”⁴⁵

Hoje, o Iémen é um país unificado e com uma posição geográfica importante e estratégica. Nele se situa o importante estreito de *Bab el Mandeb* (portal das lamentações, ou porta das lágrimas)⁴⁶, fazendo a ligação entre o Oceano Índico, o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo, uma posição que assumiu especial importância depois de em 1975 ter sido reaberto o canal do Suez (*Ver Anexos II e III*). O Iémen estende-se por 528 mil km². A população vive essencialmente nos campos, concentrada especialmente no Norte, “em 75 tribos aliadas no seio de confederações que desempenham um importante papel político.”⁴⁷ Cerca de metade da população é Zaidita, (ramo proveniente do Xiismo), principalmente a norte e a outra metade é muçulmana Sunita, principalmente a sul.

Em 1990, a população do Iémen do Norte, cerca de 11 milhões de pessoas, ultrapassava largamente a população do Iémen do Sul, que rondava os 2.5 milhões de pessoas. Mesmo assim, a solução política encontrada após a unificação, dividia de forma

⁴⁵ A. GRESH e D. VIDAL, “Iémen”, 178

⁴⁶ *Idem Ibidem* 177

⁴⁷ *Idem Ibidem* 180

paritária os cargos no governo, no parlamento e no conselho presidencial. Assim, os partidos que anteriormente tinham governado o Iémen do Norte e o Iémen do Sul ficaram juntos no novo governo. Desta forma, Saleh que era Secretário-Geral do Congresso Popular Geral (CPG) (maior partido no Iémen) assumiu a função de Presidente e Ali Salim al-Bid, o Secretário geral do Partido Socialista Iemenita (PSY), assumiu a função de Vice-Presidente⁴⁸.

A unificação do Iémen trouxe muita esperança aos seus cidadãos, criando expectativas muito elevadas relativamente ao futuro do novo país, como afirma Robert Burrowes:

“Some [Yemenis] thought that unification itself would quickly solve economic ills and bring the return of better times. They maintained that a stable, peaceful, enlarged Republic of Yemen would act as a magnet for the funds of foreign investors as well as wealthy Yemenis overseas”⁴⁹

Mas não era apenas a população Iemenita a ter esperança e a acreditar que a unificação traria um futuro áureo e próspero para o Iémen. Os líderes acreditavam também que

⁴⁸ Paul Dresch afirma: “The erstwhile governments remained in place as parties: the GPC (General Popular Congress), which had ruled the North and the YSP (Yemen Socialist Party) which had ruled the South. Ali Abdullah Saleh, general secretary of the GPC, was President and Ali Salim al-Bid, general secretary of the YSP, was Vice-President” O autor acrescenta ainda: “A five-man presidential council divided 3:2, the parliament produced by merging those of two states was divided 159:111 with 31 appointees and 40 ministerial posts were divided equally” – P. Dresch, “Yemen as a single state”, 251

⁴⁹ Robert Burrowes continua: “In particular, they made much of the untapped potential of well-located Aden, the “economic capital” of unified Yemen, as a free port and industrial zone. Similarly, many of the younger, more idealistic North Yemenis embraced unification as the solution to the problems of corruption, favouritism, disorder and lack of organization which they deemed of crisis proportions in the YAR [Yemen Arab Republic]” – Robert Burrowes, “Implications of and for Unification”, 57

muitas seriam as mudanças positivas na reorganização da vida política e também no plano económico, em função das reservas de petróleo encontradas.⁵⁰

Neste período de transição, a prioridade era garantir a boa e sólida integração do novo estado unificado que havia sido criado. Era também objetivo dar lugar à Democracia e garantir a liberdade de expressão e de imprensa, o que foi acontecendo⁵¹. Desta forma era importante perceber como os dois maiores partidos, O CGP⁵² (do norte) e o PSY (do sul), iriam reagir à unificação. Como se relacionariam um com o outro? Iriam juntar-se, formal ou informalmente, criando um espaço político mais abrangente? Iria o CGP de Ali Abdullah Saleh conseguir manter-se como a força dominante, como tinha conseguido fazer na antiga República Árabe do Iémen, contendo o surgimento de outros movimentos políticos? Iria o PSY conseguir sobreviver e revitalizar-se, apesar de estar tremendamente

⁵⁰ “These leaders thought that this period of grace would be sufficient to effect the merger of the Institutions and the reorganization of the political life, and that the revenue from as much as a doubling of oil output in the two parts of Yemen to 400.000 barrels/day would begin to revive the economy” – Robert Burrowes; ““Implications of and for Unification”, 58”

⁵¹ “The press, freed to a small degree before unification, flourished, while committees, councils and conventions of all sorts appeared and the freedom of speech long common in the northern countryside emerged within cities also and more hesitantly throughout the South” – P. Dresch,

⁵² Omar Daair sobre o CGP: “The GPC was created by Saleh prior to unification as an umbrella organisation replacing all political parties in a similar vein to Gamal Abdel Nasser’s Arab Socialist Union. With the political opening that followed unification the GPC was transformed into a political party and has won the largest number of seats in all subsequent elections” – “Introduction”, nota de rodapé nº 9

desacreditado em Aden e no território correspondente à antiga República Democrática Popular do Iémen?⁵³

O terceiro maior partido era o Al-Islah⁵⁴, geralmente descrito como uma força tribal islâmica e que tinha sido criado em 1990. O partido reunia três tendências principais – um movimento tribal, a Irmandade Muçulmana e uma Irmandade também de base religiosa, mas mais radical.

O partido Socialista esteve perto do colapso, mas com as dificuldades e, especialmente, com a incerteza que advinha da unificação, os sulistas continuaram a apoiar o PSY, essencialmente por ser um partido já conhecido, composto por pessoas que a população já conhecia. No entanto, o PSY foi também capaz de recolher algum apoio no norte⁵⁵, dado que a nível nacional o partido passava uma imagem de união e de modernidade.

Já o CGP (Congresso Geral do Povo), era o maior partido e assim se ia mantendo.

⁵³ Estas perguntas são lançadas por Robert Burrowes, no capítulo “Implications of and for Unification” na página 60

⁵⁴ The Yemeni Congregation for Reform. Omar Daair sobre o Al-Islah: “Islah is the second largest political party in the Yemeni parliament and has been so ever since the 1993 elections. It has, in the main, been a partner to Saleh. It is not a simple Islamist party, but rather a coalition of conservative elements – “Introduction”, nota de rodapé nº5

⁵⁵ Paul Dresch explica os motivos que levam a esse apoio: “(...) Many Northerners felt the socialists were a new path to job security, cheap housing and a ceiling on bride-price. Nearer Sanaa the party attracted interest among tribes, some of whom looked simply for a counterweight to the President, others of whom hoped the party had become, as it claimed, less authoritarian and might change the whole style of politics” –P. Dresch, “Yemen as a single state”, 189

Apesar do otimismo generalizado, após a unificação ocorreram uma série de eventos difíceis de ser controlados e geridos pelo novo Estado. Na região, o início da década de 90 fica marcada pela guerra do Golfo⁵⁶, que decorreu de agosto de 1990 a Fevereiro de 1991 e que provocou alterações nas relações de poder no Médio Oriente. O Iraque saiu enfraquecido depois da guerra, o Irão, que se tinha mantido mais neutral, saiu beneficiado e os países ocidentais, em especial os EUA, ganharam força e influência, fazendo com que os estados do Golfo se tornassem quase seus protetorados. Começaram ainda a ser criadas as condições para as negociações de paz entre Israel e a Palestina de um lado e a Jordânia e Síria do outro. Por fim, o facto de Saddam Hussein ter utilizado retórica Árabe para invadir outro país Árabe (Kuwait) teve consequências muito negativas para o Pan-Arabismo, aumentando o sistema Westefaliano na região e favorecendo movimentos mais nacionalistas⁵⁷.

O Iémen, apesar de não ter estado envolvido na guerra, sofreu consequências com a mesma. Quando o Iraque invadiu o Kuwait, surgiu a forte possibilidade de os EUA poderem intervir enquanto aliados da Arábia Saudita. Neste conflito, entre dois países Árabes, o Iémen teve o azar de estar no Conselho de Segurança da ONU – o único em 15 membros Árabes. Quando se condenou a conduta do Iraque, o Iémen absteve-se. Enquanto que outros países Árabes aceitavam a intervenção Americana, no Iémen aconteceu o oposto e iniciaram-se manifestações e protestos, em que se cantava “after

⁵⁶ A Guerra do Golfo é causada pela ocupação e anexação do Kuwait, por parte das forças armadas Iraquianas, lideradas por Saddam Hussein

⁵⁷ O parágrafo é baseado no livro de Barry Buzan e Ole Wæver, na página 202

today, no more America!⁵⁸”. Em consequência da abstenção Iemenita, a Arábia Saudita retirou o estatuto especial que tinha atribuído ao Iémen e expulsou vários Iemenitas, conduta que foi seguida por vários outros estados do Golfo e que fez com que 800 mil Iemenitas tivessem de voltar ao Iémen. Este colapso da ajuda estrangeira levou ao isolamento diplomático do Iémen⁵⁹. Com uma inflação⁶⁰ galopante, em 1992 emergiu mesmo uma ameaça séria de que o país se poderia desintegrar quando o YR (moeda Iemenita) passou de 30 para 42, relativamente ao dólar Americano e o Primeiro-Ministro Haydar Al-Attas, um sulista, ameaçou demitir-se, o que a acontecer deixaria o Estado bloqueado e sem poder tomar decisões. Outro sinal demonstrativo das diferenças e da instabilidade vivida no país pouco depois da unificação, era a diferença de opiniões relativamente ao sistema político a ser criado. A democracia não era o único sistema a ser invocado e isso ficou claro quando o Presidente Ali Abdullah Saleh afirmou que “the armed forces are the party of all the parties”. Ainda em 1992, foram descobertas reservas de petróleo no sul do Iémen e as eleições foram adiadas. Vieram a ter lugar em Abril de 1993⁶¹ e foram ganhas pelo CGP, com 123 deputados, num parlamento com 301 lugares. Em segundo lugar ficou o Al-Islah com 62 deputados e o PSY com 56 deputados. As

⁵⁸ P. Dresch, “Yemen as a single state”, 185

⁵⁹ Paul Dresch explica: “Kuwait, having for years helped Yemen with few strings attached had reasons to feel aggrieved; Saudi Arabia, already discounted if not alarmed with the unification before the war, turned more fiercely than any against Yemen’s government and the dislike of Saudi rulers for Yemen’s president gained the colouring of feud” - P. Dresch, “Yemen as a single state”, 186

⁶⁰ Paul Dresch dá um exemplo concreto da inflação descontrolada. Diz ele: “(...) a medium-sized tin of powdered milk thus went from YD 1 (=YR 26) to YD 7 or 8, in only two years” – *Idem Ibidem* 191

⁶¹ O site *al-bab.com*, que analisa as questões relacionadas com o mundo árabe, afirma que “Yemen became the first country in the Arabian peninsula to hold competitive multi-party elections under universal suffrage” – Disponível em: <https://al-bab.com/politics-yemen#2000>

eleições ficaram assim marcadas pela derrota do PSY que passou a ser a terceira força política. A derrota agudizou-se quando, na votação parlamentar para o Conselho Presidencial de 5 membros, o PSY conseguiu apenas um membro, ficando o Al-Islah com dois e o CGP igualmente com dois.⁶²

A década de 1990 ficou marcada pela instabilidade no país, muito causada pela rivalidade entre o CGP e o PSY que atingiu o seu pico em 1994 com uma guerra civil entre o norte e o sul. A guerra, que se iniciou com uma rebelião do grupo Al-Hirak constituído por Iemenitas do Sul que se sentiam marginalizados pelo governo após a união⁶³, levou a que os sulistas declarassem a independência da República Democrática do Iémen, que seria um novo Iémen do Sul, mas que nunca foi reconhecida internacionalmente. A guerra terminou quando o exército Iemenita tomou o controlo do sul, permitindo a Saleh reforçar a sua posição de líder⁶⁴. Estes eventos resultaram numa enorme instabilidade: a dívida Iemenita atingiu o dobro do Produto Nacional Bruto e o défice aumentou vertiginosamente entre 1990 e 1994, anos em que o CGP e o PSY não chegaram a quaisquer acordos. Tudo isto precipitou a intervenção do FMI no país, levando à necessidade de um ajustamento financeiro, que se iniciou em 1995 com um empréstimo de cerca de 100 milhões de dólares, seguidos de outro empréstimo de 80 milhões de dólares do Banco Mundial, de 70 milhões vindos da Europa, de outros 70

⁶² Estes são dados apresentados por Paul Dresch no seu livro. Estão na página 194, pertencente ao capítulo “Yemen as a single state”

⁶³ Z. Laub, “How did Yemen become so divided?”, 1

⁶⁴ Na Guerra civil de 1994 morreram entre sete a dez mil pessoas. A maioria dos confrontos ocorreram no sul e obrigou o regime, após o fim da guerra, a investir muito dinheiro na reconstrução do território.

milhões do Fundo Monetário Árabe e, em Janeiro de 1997 de mais 60 milhões do Banco Mundial, o que levou a discussões políticas e económicas muito acesas dentro do país⁶⁵.

A década de 2000

A década de 2000 ficou marcada pela instabilidade e pela oposição dos Houthis ao governo de Saleh, que se materializou nas guerras de Sa'dah e que muito enfraqueceram o regime.

No ano de 2000, o Iémen tinha cerca de 18 milhões de pessoas, um número mais de 4 vezes superior ao que se havia registado um século antes, em 1900. Desses 18 milhões, 70% era população rural e cerca de 1 milhão vivia na capital, Sanaa. Já nessa altura se sentiam problemas muito graves, apontados também pelas Nações Unidas. Entre eles, estavam o crescimento exponencial da população e a falta de água. A pobreza era também uma evidência e a capacidade de desenvolvimento era já muito limitada, num tempo em que o país se ia tornando cada vez menos auto - suficiente e mais dependente do estrangeiro. As reservas de petróleo, mencionadas acima, não trouxeram as receitas esperadas⁶⁶ e a população passava por muitas dificuldades. O Iémen tinha já uma das maiores taxas de mortalidade infantil, e vivia-se como se ainda se estivesse num país feudal, em qua apenas uma pequena parte da população conseguia viver condignamente,

⁶⁵ P. Dresch, “Yemen as a single state”, 198 e 208

⁶⁶ O Iémen, com cerca de 18 milhões de pessoas produzia cerca de 400 mil barris por dia (que, como vimos tinha trazido muita esperança, mas que se revelou manifestamente insuficiente), enquanto que, por exemplo, a Arábia Saudita, com muito menos população, produzia cerca de 8 milhões de barris por dia.

caso tivesse bons contactos com a Administração. Paul Dresch descreve bem o caos económico vivido no Iémen, apesar do país ter restabelecido ligações com os países do Golfo, em especial com a Arábia Saudita:

“(…) A Junior civil servant who held a degree was reckoned to earn YR 8.000; rent alone took YR 5.000; utilities another 1.500, and food for the family about 15.000, for a monthly total of four times his official salary”⁶⁷

Em 1999, o CGP detinha 226 dos 301 lugares no Parlamento. Aquando das eleições Presidenciais, Saleh ofereceu-se para sair e não concorrer pelo partido. Foi então aclamado pelo mesmo e escolhido para concorrer. O maior partido de oposição, o Al-Islah, também indicou Saleh, o que fez com que no final, Saleh obtivesse 96.3% dos votos⁶⁸. Por estes motivos, à entrada do milénio, Ali Abdullah Saleh era um líder incontestado⁶⁹. Apesar de toda a instabilidade política e do caos económico, o Iémen ainda acreditava que, apesar de ser um país muito tribal, a Democracia podia prevalecer, especialmente porque era um país com maior liberdade de expressão e de imprensa que

⁶⁷ P. Dresch, “Yemen as a single state”, 206

⁶⁸ P. Dresch, “Yemen as a single state”, 209

⁶⁹ Apesar deste facto, é também interessante verificar que Saleh, mesmo governando com um pulso firme, nunca atingiu o domínio que Saddam Husein atingiu no Iraque, Hafez Al-Asad na Síria, ou mesmo Mubarak no Egipto. A razão para tal, é o facto de o Iémen ter uma sociedade extremamente fragmentada, dividida entre poder central do regime, o crescimento de fundamentalistas Islâmicos e, principalmente, pelo facto do Iémen ser o país árabe mais tribal, fazendo com que o governo tenha mais dificuldade em dominar o país – O. Daair, “Introduction”

A importância das tribos no Iémen fica petente na afirmação de Saleh em 1986 em que disse: “The state is part of the tribes and our people is a collection of tribes” – O. Daair, “The role of Tribes”

outros países Árabes. No entanto, há que notar que isso foi numa altura em que, como foi salientado, o Presidente Saleh tinha muito pouca ou nenhuma oposição.

Essa situação mudou, principalmente a partir de 2004. Essa alteração teve efeitos muito relevantes e representou uma mudança muito significativa no regime de Saleh e no Iémen como um todo.

Os Houthis e a oposição a Saleh

A família Huthi assume um papel de grande relevância na história mais recente do Iémen e, por essa razão, será também muitas vezes referida na presente dissertação.

Badr al-Din al-Huthi, o pai de Husayn al-Huthi⁷⁰, nasceu em 1926, em Huth, sendo que a sua família estava já instalada na mesma cidade. No entanto, saiu cedo de Huth para ir para a cidade de Dahyan, a norte de Sa'dah (*Ver Anexo I*). Badr al-Din casou-se quatro vezes. Duas das mulheres com quem casou tinham historial tribal e as outras duas eram Xiitas Zaiditas. O facto de se ter casado com duas mulheres que vinham de contextos tribais é particularmente relevante, porque permitiu-lhe ganhar influência e o respeito de várias tribos e comunidades. Para além disso, conferiu proteção à sua família, pois os Al-Huthi não eram tribais. Badr al-Din conseguiu então estabelecer, através de documento, um acordo garantindo que a sua família era protegida⁷¹ pela tribo de *Khawlan*, a tribo da

⁷⁰ Husayn Al-Huthi, foi um líder religioso, político e militar Zaidita responsável pela insurgência dos Houthis contra o governo Iemenita, iniciada em 2004

⁷¹ M. Brandt, "Sects and Politics" 143 - Em troca dessa proteção, Badr al-Din, que se instalou no território tribal de Khawlan, dava aulas, redigia documentos, lia, mediava e arbitrava conflitos (aplicando a lei da Sharia em conflitos tribais). Em resultado disso, foi-lhe oferecido terra suficiente para lhe garantir

sua primeira mulher. Este espírito de solidariedade tribal, foi fundamental aquando das guerras de Sa'dah – analisadas mais adiante - quando a tribo protegeu Husayn al-Huthi (filho de Badr al-Din), após este ter sido alvo de ataque por parte do governo. Essa solidariedade tribal é sublinhada por Marieke Brandt quando afirma o seguinte:

“The imperatives of *hijrah* ⁷² and *asabiyyah* (‘spirit of tribal solidarity’ or ‘cohesive drive against others’ as Dresch translated it) were also at work during the Sa'dah wars, when Tribesmen protected Husayn al Huthi and his brothers, who were targeted by the government)⁷³

O facto de o Iémen ser ainda um país muito tribal teve e tem muita influência nos conflitos entre os Houthis e o Presidente Saleh, principalmente quando o filho de Badr al-Din, começou a denunciar a marginalização dos Zaiditas de Sa'dah e a corrupção do governo. Husayn Al-Huthi, por ser de uma família tão respeitada naquela zona, começou a ter muitos seguidores e apoiantes.

O movimento Houthi emergente, liderado por Husayn tinha um programa político e religioso o que, apesar de ter muitos apoiantes, gerou também vários anticorpos. Esses encontravam-se especialmente na comunidade Sunita, mas também nos Zaiditas, que se começaram a dividir (uns apoiavam Husayn, outros consideravam o movimento como sendo um movimento renegado e afirmavam até que o movimento nada tinha a ver com

a ele e à família uma fonte de receita. Após a sua morte, os seus filhos mantiveram o legado do pai, tornando-se a família Huthi numa das famílias mais influentes e respeitadas em Sa'dah

⁷² Marieke Brandt explica o que é o *hijrah*: “This *hijrah* protection is awarded only to specific *sadah* families, referred to as *muhajjarin*, and its conditions are enshrined in contracts” – Marieke Brandt, “Sects and Politics” 142

⁷³ *Idem Ibidem.*

o Zaidismo, e outros preferiam manter uma posição neutra). No entanto, o movimento Houthi continuou a crescer e começou a tornar-se num verdadeiro movimento de oposição ao governo, principalmente em 2004 com o início das guerras de Sa'dah e com a morte do líder Husayn.

A sociedade estava tremendamente dividida. Por um lado, os Sunitas opunham-se ao movimento Houthi e, por outro, alguns Zaiditas consideravam o movimento um perigo para o próprio Zaidismo. O movimento tinha, no entanto, muita influência e apoio na zona de Sa'dah e Khawlan (*Ver Anexo IV*). Mesmo assim, a divisão era tão grande que mesmo elementos de Khawlan, a tribo que protegia a família Al-Huthi, se indignavam quando algum membro da família, querendo denunciar a marginalização dos Zaiditas, se referia à tribo como sendo “o seu povo”. Esses membros da tribo Khawlan pretendiam deixar claro que a família Al-Huthi não fazia parte da tribo, sendo apenas “vizinhos” (com todo o impacto que essa palavra tem no mundo tribal). Também o governo aproveitava essa divisão e oposição à família Huthi, para os afastar da vida política, social e até religiosa, tentando transmitir a mensagem de que o movimento Houthi era renegado e apoiado pelo estrangeiro, para além de se alicerçar numa interpretação radical e errada do Zaidismo⁷⁴

Esta divisão na sociedade e o facto do movimento Houthi continuar a ganhar influência, resultou em seis guerras, entre 2004 e 2010, em que o movimento Houthi ganhou força e preponderância, opondo-se coim veemência ao governo. Essa oposição

⁷⁴ M. Drandt, “Sects and Politics”, 148 e 149

teve consequências muito negativas para o Presidente Saleh, em 2011. São elas, as *guerras de Sa'dah*⁷⁵.

As Guerras de Sa'dah

Proceder-se-á agora à análise das guerras de Sa'dah, que, começando em 2004, terminaram apenas em 2010. Uma vez que este capítulo cobre os acontecimentos até 2011, será no capítulo IV que se voltará a este ponto para analisar as consequências que delas resultaram e que se sentem até à atualidade.

Cronologia⁷⁶:

1ª Guerra de Sa'dah – 22 de Junho 2004 – 10 de Setembro 2004

2ª Guerra de Sa'dah – 19 de Março 2005 – 11 de Abril 2005

3ª Guerra de Sa'dah – 30 de Novembro 2005 – 23 de Fevereiro 2006

4ª Guerra de Sa'dah – 16 de Fevereiro 2007 – 17 de Junho 2007

5ª Guerra de Sa'dah – 2 de Maio 2008 – 17 de Julho 2008

6ª Guerra de Sa'dah – 11 de Agosto 2009 – 11 de Fevereiro 2010

⁷⁵ As guerras de Sa'dah assumiram este nome por terem começado na província de Sa'dah onde os Houthis eram mais fortes e influentes

⁷⁶ As datas foram retiradas do livro de M. Brandt, a partir do capítulo II do livro, intitulado *The Sa'dah Wars*

As guerras de Sa'dah iniciaram-se em 2004, com uma operação policial contra Husayn al-Huthi. Com este confronto e, considerando a divisão da sociedade referida anteriormente, o conflito rapidamente se alastrou. É, no entanto, importante afirmar que mesmo com o conflito a alastrar-se, este poderia ter sido contido ou terminado através do recurso à mediação e negociação. Houve ainda algumas alternativas nesse sentido, mas foram muito fracas e implementadas de forma algo desorganizada, algo que não só impossibilitou a resolução do conflito, como deu a entender que o falhanço da mediação havia sido propositado⁷⁷.

A primeira guerra de Sa'dah, em 2004, levou à morte de Husayn, fazendo dele um mártir⁷⁸, o que reforçou a capacidade mobilizadora dos Houthis, contra o governo de Saleh. O governo, em vez de ter colocado logo um fim à rebelião, foi criando ciclos de violência e de contra - violência em Sa'dah. Esta atuação por parte do governo levou a que, na segunda guerra de Sa'dah, muitos daqueles que lutavam ao lado dos Houthis não se tivessem juntado ao movimento, tanto por motivos ideológicos como políticos. De facto, para além de familiares e pessoas relacionadas com os combatentes dos Houthis, havia um grande grupo de pessoas que se tinha juntado ao movimento, ou porque familiares tinham sido mortos por ataques das forças armadas, ou porque nesses ataques

⁷⁷ Marieke Brandt afirma: "(...) It can certainly be said that in the first phase of the conflict – during the first three hours of war from 2004 until 2006 – it could well have been possible to resolve or at least contain the conflict through mediation (...) In fact, several mediation initiatives took place, but their careless implementation by the government rather creates the impression that their failure was intended" - M. Brandt, "Into the Maze of Tribalism (2004-2006)", 153

⁷⁸ A figura de Husayn como mártir ganha especial relevância, considerando que os Houthis são Xiitas Zaiditas. Marieke Brandt explica: "Given that a cult of the martyred personality is at the very core of Shiism, Husayn's death became the mise en scène of unfinished shia history and the beginning of a grand narrative of mystification of the movement's leader" – M. Brandt, "Conclusion", 349

tinham perdido as suas casas e propriedades. É relevante sublinhar que muitas pessoas se juntaram ao movimento, não por apoiarem os Houthis, mas por se oporem ao governo. Um dos motivos que levou a essa oposição foi o facto de o governo ter destacado membros de outras tribos – não a que defendia a família Houthi - para lutarem em seu nome contra os “rebeldes”. Esta situação fez com que muitas pessoas de outras tribos – não de todas - em Sa’dah se sentissem revoltadas e se quisessem juntar aos Houthis.

A participação das tribos na guerra é um elemento muito relevante, na medida em que alterou a natureza da mesma. O conflito começou por ser entre o regime e um movimento, liderado por uma família que não pertencia a nenhuma tribo, mas que era protegida por uma. No decorrer dos acontecimentos, a guerra levou ao confronto entre os Houthis e o regime, passando a assumir uma dimensão tribal, devido às várias tribos que se juntaram, fazendo com que a guerra subsistisse por diversas motivações e ambições.

A terceira guerra de Sa’dah foi, do ponto de vista de observadores externos, menos intensa do que as duas anteriores, algo que se justifica pela censura aplicada pelo governo e que levou a que quase não houvesse qualquer informação disponível relativamente à mesma⁷⁹ A cobertura mediática pró-governo focou-se mais nas eleições presidenciais e locais de Setembro de 2006 do que nos confrontos militares que ocorriam a norte. No entanto, a terceira guerra afetou muito mais áreas do que as guerras anteriores, tendo-se expandido por toda a província de Sa’dah e alastrado por outras províncias como Al-Jawf

⁷⁹ M. Brandt, “Into the maze of Tribalism”, p. 184 – Brandt acrescenta: “The government restricted and criminalized the right of the media to gather and distribute information on the Sa’dah wars, prevented journalists from entering the conflict zone and blocked telephone access in the conflict areas. When the Yemeni newspaper *al-shura* disregarded the censorship and ran stories on the conflict, it was shut down and its editor, Abdulkarim al-Khaywani, was arrested”

e Amran (*ver Anexo IV*). Fruto das eleições que se disputariam em 2006, o governo estava sob muita pressão para acalmar o conflito, mesmo que fosse apenas temporariamente. Este facto permitiu que acontecesse algo inédito: a mediação com sucesso e a assinatura de um acordo de paz entre os Houthis e o governo que deu por terminada a terceira guerra.

Aquando da quarta e da quinta⁸⁰ guerra de Sa'dah, o Presidente Saleh ao constatar que a situação se continuava a deteriorar, criou o Exército Popular. O Exército Popular era composto por mercenários Hashid (a confederação tribal que já se tinha juntado ao governo), por radicais Sunitas e por mercenários de outras áreas. Também isto prova que as guerras de Sa'dah eram mais do que puras guerras tribais, dadas as motivações ideológicas e políticas dos Houthis. As guerras de Sa'dah demonstraram também a péssima capacidade de gestão de crises, por parte de Saleh. Durante a quarta e quinta guerra, vários shayks, líderes de tribos que se tinham juntado ao Presidente, afastaram-se dele, considerando que a defesa do país contra os Houthis deveria ser feita pelo exército e não pelas tribos locais. Apesar da divisão, as tribos em questão e o governo continuaram a combater separadamente os Houthis, o que só foi positivo para estes últimos, que muito beneficiaram da fragmentação e da falta de unidade dos seus inimigos.

Por volta de 2009 e da sexta guerra, os Houthis estavam já tão fortes que o exército Iemenita apenas conseguiu evitar a derrota graças à intervenção Saudita. Os Houthis, ou “rebeldes”, utilizaram então o tempo, desde o fim da sexta guerra (2010) e o início da

⁸⁰ A quinta Guerra foi muito breve mas fica marcada pela célebre expressão de Saleh sobre Iémen:

“Governing Yemen is like dancing on the heads of snakes” – M. Brandt, “The Language of War”, p. 252

Revolução em 2011, para se consolidarem e destruírem alguns inimigos locais que restavam.

As seis guerras de Sa'dah duraram seis anos e é possível salientar algumas razões para assim ter sido.

O primeiro ponto que deve ser sublinhado relaciona-se com a violência e brutalidade com que o governo lidou com a situação e atacou os Houthis. A brutalidade foi tão grande que logo em 2004, ao que tudo indica, os Houthis foram atacados de surpresa, o que teve consequências muito negativas para o movimento, tendo levado à morte do seu líder Husayn. No entanto, essa violência empregue pelo governo resultou também no crescimento dos Houthis, na melhoria das suas capacidades de combate e fez ainda com que os estes recebessem a simpatia e a solidariedade de todos aqueles que estavam a sofrer. Para além da violência utilizada, os Houthis continuaram a crescer muito porque o governo começou a destacar mercenários de outras tribos fora de Sa'dah para os combater. Isso levou a que muitos membros das tribos de Sa'dah se juntassem aos Houthis contra o governo de Saleh.

O conflito ganha ainda especial relevância pelo facto de várias tribos, muitas delas já rivais entre si antes da guerra, se terem aliado aos Houthis ou ao governo. Este facto levou a uma escalada da guerra e não só. De facto, os motivos que tinham estado no início da mesma começaram a ser difíceis de distinguir, visto que a guerra acumulou tensões ideológicas, políticas, sectárias, tribais e até de interesses pessoais. Marieke Brandt, resume bem o impacto deste segundo ponto ao afirmar:

“In particular, the involvement of the tribes, with their strong norms of collective honour and vengeance, unleashed an entirely new dynamic on an already complex and multilayered conflict”⁸¹

Também, especialmente a partir de 2006, a guerra assumiu uma dimensão económica, visto que já muita gente beneficiava com ela e, por esse motivo, não tinha qualquer interesse em que terminasse⁸². Num primeiro nível, mercenários e soldados mal pagos, vendiam as suas armas aos Houthis, dizendo posteriormente aos seus oficiais superiores que as tinham perdido. Num nível mais elevado, o negócio era ainda mais lucrativo com oficiais militares a facilitarem a venda de armas em larga escala, aos Houthis. Para além disso, e num nível ainda mais alto, com o conflito de Sa’dah os orçamentos militares podiam ser livremente aumentados sem um controlo e supervisão independentes. Para além destas situações, muitas armas que eram pedidas, acabavam em mercados paralelos, como por exemplo na Somália. Havia também um fenómeno problemático conhecido como *soldados fantasma*. Estes *soldados fantasma* alistavam-se, raramente trabalhavam e vendiam o seu equipamento militar no mercado negro. Este fenómeno acontecia também com os movimentos tribais que eram contratados por exemplo pelo governo de Saleh e financiadas geralmente pela Arábia Saudita, e que depois acabavam por mobilizar muito menos tropas do que o que havia sido pedido, fazendo com que o dinheiro ficasse

⁸¹ M. Brandt, “Into the Maze of Tribalism (2004-2006)”, 154

⁸² “Many stakeholders – traders, shaykhs, army officers, state officials, and the government itself – benefited from the war and therefore had no interest in its end” – M. Brandt “The Language of War (2006-11)”, 202

com os shaykhs que lideravam as tribos.⁸³ O contrabando durante a guerra foi porventura a principal razão que levou ao enriquecimento de muitas pessoas fazendo com que esses não quisessem que a guerra terminasse.

Por fim, especialmente a partir de 2006, a guerra tinha já atingido uma dimensão internacional, com a participação da Arábia Saudita e, alegadamente, do Irão. A Arábia Saudita apoiava o regime Iemenita com armas e dinheiro, até que em 2009 entrou diretamente no conflito numa altura em que a fronteira com o Iémen estava a ficar especialmente insegura, com cada vez mais refugiados Iemenitas e Houthis a irem para a Arábia Saudita. Relativamente ao Irão, desde o início das guerras que oficiais Iemenitas iam acusando o país de apoiar os Houthis e de suportar financeiramente a guerra. No entanto, até 2009 o Irão não ia mostrando qualquer interesse nos Houthis e, até 2011, não havia qualquer prova direta de que o Irão estivesse envolvido no conflito, até porque nessa altura era melhor para o Irão manter boas relações com Sanaa, do que apoiar um movimento que, apesar de tudo, não parecia ser capaz de derrubar o governo de Saleh e, mesmo que o viesse a conseguir, não mostrava que viesse a ser subserviente a Teerão.

As guerras de Sa'dah fizeram com que em 2010, o Norte do Iémen fosse uma zona dominada pela guerra, uma situação que se alastrou para outras partes do país depois de 2010 e que teve o seu pico mais alto quando, em 2014, os Houthis capturaram a capital do país, Sanaa. As guerras de Sa'dah são essenciais para entender a influência dos Houthis

⁸³ Este parágrafo relativamente à dimensão económica da guerra é baseado no livro de Marieke Brandt, no capítulo “The Language of War (2006-11), página 202 e 203

no Iémen atual e para entender como é que o Iémen chegou ao estado calamitoso em que hoje se encontra, como salienta Marieke Brandt:

“The conflict started in 2004 as a police operation in a village in the remote Marran mountains. By 2011, the Houthis held sway in the entire Sa’dah province, as well as northern Amran and western al-Jawf. By 2014, the rebellion had overrun almost all of Yemen’s north, including the capital Sanaa, and was about to provoke the multi-national foreign intervention which became known as the Saudi-led Operation Decisive Storm”⁸⁴

A participação e influência da Arábia Saudita e do Irão nos conflitos de Sa’dah e nos acontecimentos que correram depois de 2011 até à atualidade serão discutidos no próximo capítulo.

⁸⁴ M. Brandt, “Conclusion”, 349

Capítulo II - Guerra no Iémen. Atores Regionais e Conflito

Tendo já analisado a evolução histórica do Grande Médio Oriente e a evolução do Iémen nesse contexto, é importante perceber a importância que o Iémen assume na região. Por se tratar de um país fragmentado, instável e por ser o país árabe mais pobre do mundo, seria de pensar que o Iémen não assumisse qualquer papel relevante na região. No entanto, a realidade tem demonstrado o oposto. Esse ponto é essencialmente sustentado por quatro motivos que serão elencados no capítulo III, sendo eles a situação política atual vivida no Iémen (é um Estado falhado), a sua importância geoestratégica em função da sua posição geográfica, os fatores que hoje fazem com que a crise humanitária ali vivida seja considerada pela ONU⁸⁵ como a mais grave em todo mundo (falta de água, surtos de doenças como o ébola, alterações climáticas e fome) e, por fim, as possibilidades de paz que surgiram no fim de 2018. A prova de que o Iémen é um ator importante no Grande Médio Oriente é que tem atraído a atenção dos dois principais atores regionais – Arábia Saudita e Irão. Ambos os países, em lados opostos, têm tentado influenciar e controlar o rumo dos acontecimentos no Iémen. A Arábia Saudita, como foi referido no capítulo anterior, intensificou a sua influência durante as guerras de Sa'dah, e o Irão, apesar de nas guerras de Sa'dah ter sido acusado de apoiar os Houthis, começou a ter uma presença mais visível no conflito a partir de 2011.

O objetivo deste capítulo é de explorar, analisar e perceber melhor a importância que o Iémen assume para a Arábia Saudita e para o Irão e, de que maneira é que estas

⁸⁵ <https://news.un.org/en/story/2018/09/1020232> - Este artigo que será utilizado mais adiante no capítulo III deixa bem evidente a crise humanitária vivida no Iémen, demonstrando que é a maior crise Humanitária do mundo

potências têm influenciado os acontecimentos no país. Para isso, será necessário recuar um pouco no tempo e voltar às guerras de Sa'dah, para depois analisar os acontecimentos entre 2011 e o fim de 2014.

Neste sentido, faremos uma breve análise da Arábia Saudita e do Irão, com o objetivo de explicar as divergências entre estas duas potências. Entendidas essas diferenças, a análise focar-se-á nos confrontos entre as mesmas em território Iemenita, ou com influência para o Iémen.

II.1 Arábia Saudita

A Arábia Saudita, oficialmente *Reino da Arábia Saudita*, ocupa a maior parte da Península Arábica, tendo o Mar Vermelho a Oeste e o Golfo Pérsico a leste, e tem cerca de 33 milhões de pessoas (dados de 2017).⁸⁶

A Arábia Saudita começou a ser “construída” em 1901 com a conquista do oásis de Riade, de Najd e depois, da província a leste de Hasa (*Al-Hasa*), por Abdel Aziz, que viria a tornar-se célebre como Ibn Saud. Em 1924 e 1926, as cidades santas de Meca e Medina foram, respetivamente, conquistadas e, em 1932, Abdel Aziz tornou-se Rei da Arábia Saudita. Incorporou ainda, em 1934, a província de Asir, após uma guerra contra o Iémen⁸⁷, dando origem à Arábia Saudita como é hoje conhecida.

Nas palavras de Henry Kissinger,

“O núcleo da soberania interna está entregue a duas famílias principais desde o século XVIII. A hierarquia política é encimada por um monarca da casa de Saud, que dirige os assuntos internos e internacionais do reino. A hierarquia religiosa é encabeçada pelo Grande Mufti e pelo Conselho dos Sábios religiosos, oriundo na maior parte da família Aal al-Shaykh”⁸⁸

⁸⁶ Dados do Banco Mundial e que podem ser consultados através do seguinte link:

<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=SA>

Apesar da Arábia Saudita ter menos de metade da população total da Península Arábica, apresenta uma taxa de crescimento populacional que ronda os 2%. Se esta taxa se mantiver, a Arábia Saudita duplicará em poucas décadas a população atual, o que poderá ser um problema considerando que o país está localizado numa zona plana e desértica - Informação retirada de: R. Kaplan “The Iranian Pivot”, 261

⁸⁷ A. Gresh e D. Vidal, “Arábia Saudita”, 45

⁸⁸ H. Kissinger, “O Islamismo e o Médio Oriente: Um Mundo em Desordem”, 158 e 159

A esmagadora maioria dos Sauditas é muçulmana (existe cerca de um milhão de Cristãos, essencialmente trabalhadores estrangeiros). Dentro da comunidade muçulmana, 85% a 90% é Sunita, ramificando-se no *wahhabismo*⁸⁹ que é a religião oficial do Estado. Os restantes 10% / 15% da comunidade, são Xiitas. A Arábia Saudita é um reino Árabe-Islâmico, sendo que o país é governado por uma monarquia absoluta. O Rei faz a ligação entre estes dois ramos de poder (casa de Saud e Wahhabismo)⁹⁰ através do seu papel de “Guardião das Mesquitas Sagradas” (Meca e Medina) e governa de acordo com a Xaria⁹¹ e com a lei fundamental que foi aprovada em 1993 e que articula a ação do governo⁹².

O poderio Saudita é traduzido na seguinte frase de Robert Kaplan;

“Saudi Arabia’s power derives not from the size of its population, which in fact is liability, but from the fact that it leads the world in oil reserves, with 262 billion barrels, and is fourth in the world in natural gas reserves, with 240 trillion cubic feet”⁹³

⁸⁹ O Wahhabismo, criado por Mohammed Abd al-Wahhab, é uma ramificação do Sunismo, geralmente descrita como sendo ortodoxa, ultraconservadora e extremista. É, dentro do Sunismo, a ramificação que mais se afasta e se apõe ao Xiismo, carregando consigo uma forte intolerância face a outras religiões e interpretações do Islão – F. Soromenho Marques, “As Relações Irão-Arábia Saudita: uma “guerra por procuração”, 77

⁹⁰ Francisco Soromenho Marques, na sua tese de mestrado, cita Antoine Basbous que, numa frase, nos diz que a Casa de Saud e o Wahhabismo são as duas pedras essenciais da Arábia Saudita. Afirmo o autor que “a Arábia Saudita assenta em ‘(...) dois pilares tradicionais: o wahhabismo (...) e a dinastia Saoud. A aliança entre estes dois protagonistas era indispensável ao renascimento da Arábia (...)’”.

⁹¹ Xaria é o nome dado ao Direito Islâmico, significando que não há separação entre a religião e o Direito, sendo que as leis são fundamentadas na religião e baseadas nas escrituras sagradas ou nas opiniões de líderes religiosos. O Alcorão é a fonte mais importante da jurisprudência islâmica

⁹² D. Seddon, “The Kingdom of Saudi Arabia”, 600

⁹³ R. Kaplan, “The Iranian Pivot”, 261

Najd (*Ver Anexo V*), região árida no centro da Península Arábica, é o berço geográfico da Arábia Saudita. Mas Najd assume também uma relevância substancial na dimensão religiosa⁹⁴, pois é o berço do Wahhabismo, sendo que foi aí que os Wahhabitas se concentraram e seguiram para outros pontos do país⁹⁵.

A Arábia Saudita tem sido, desde sempre, uma aliada importante do mundo Ocidental, como afirma Francisco Soromenho Marques

“Primeiro com o Império Britânico, na luta contra o Império Otomano durante a I Guerra Mundial. Em prol da luta pela independência os árabes sunitas da Península aliaram-se a uma potência “infel” contra os turcos otomanos, também eles sunitas e guardiães do califado islâmico. Mais tarde, sobretudo a partir da década de 60, o mesmo aconteceu com os norte-americanos encarados como fonte de proteção contra inimigos regionais (o Iraque de Saddam Hussein e o Irão teocrático) e parceiros comerciais privilegiados”⁹⁶

Robert Kaplan desenvolve uma ideia interessante quando explica que o Iémen se assume como um grande perigo para a Arábia Saudita, na medida em que, apesar de ter apenas um quarto do território daquele país, tem sensivelmente o mesmo número de habitantes.⁹⁷ Para além disso, e como foi já referido no capítulo anterior, o Império

⁹⁴ Apesar de Meca e Medina serem as duas cidades Islâmicas de maior referência para o mundo ocidental, a verdade é que as peregrinações de todo o mundo é que conferem o cosmopolitismo reconhecido a estas cidades. Najd assume aqui um papel de grande relevância, pois foi aí que se iniciaram as peregrinações wahhabitas – R. Kaplan, “The Iranian Pivot”, 262

⁹⁵ R. Kaplan, “The Iranian Pivot”, 261 e 262

⁹⁶ F. Soromenho Marques, “As Relações Irão-Arábia Saudita: uma “guerra por procuração”, 78

⁹⁷ O Iémen tem cerca de 28 milhões de habitantes (dados de 2017 e do Banco Mundial, que podem ser consultados através do seguinte link: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=YE>

Otomano e os Britânicos nunca conseguiram controlar totalmente o Iémen⁹⁸. Desta forma, na verdade, o Iémen nunca foi verdadeiramente colonizado e nunca desenvolveu instituições burocráticas fortes,⁹⁹ sendo que na Península Arábica, a Arábia Saudita continua a ser especialmente vulnerável a sudoeste, por onde as armas, explosivos e drogas atravessam a fronteira com o Iémen.¹⁰⁰

A Arábia Saudita tem cerca de 32 milhões, como já foi referido

⁹⁸ “The Otoman Turks and the British never really controlled Yemen. Like Nepal and Afghanistan, Yemen, because it was never truly colonized, did not develop strong bureaucratic institutions” – R. Kaplan, “The Iranian Pivot”, 263

⁹⁹ *Idem Ibidem* – O medo da Arábia Saudita relativamente ao Iémen era um medo real. Essa ideia é reforçada com a seguinte afirmação do autor: “I will never forget what an American military expert told me in the Yemeni capital of Sanaa: ‘In Yemen, you’ve got well over twenty million aggressive, commercial-minded, and well armed people, all extremely hardworking compared with the Saudis next door. It’s the future and it terrifies the hell out of the government in Riyadh’”

¹⁰⁰ *Idem*, na página 266, acrescenta o seguinte: “The future of teeming, tribalized Yemen will go a long way to determining the future of Saudi Arabia and geography perhaps much more than ideas has much to do with it”

II.2 Irão

“A tradição fundadora do Irão era a do Império Persa, que, nas suas várias encarnações desde o século VII a.C até ao século VII d.C, estendeu o seu domínio ao longo de grande parte do Médio Oriente contemporâneo e de regiões da Ásia Central, do Sudoeste Asiático e do norte de África”¹⁰¹

A Pérsia manteve sempre uma unidade e identidade nacional superior à dos restantes países da região.

Francisco Soromenho Marques explica este ponto:

“Quando o Império Otomano se tornou a grande potência do mundo islâmico, a Pérsia manteve a independência; foi inclusivamente no período de maior expansão turca (século XVI) que as autoridades safávidas do país optaram pela formal adesão ao Xiismo. Já nas décadas finais do Século XIX e princípios do Século XX, a Pérsia foi alvo dos interesses imperialistas russo e britânico. Uns e outros dividiram *de facto* o país em áreas de influência – o Império Russo a Norte e o Império Britânico a Sul – não obstante, o Irão conservou a independência formal”

O Irão, com pouco mais de 81 milhões de habitantes (dados de 2017)¹⁰², tem mais do dobro dos habitantes da Arábia Saudita e é, ao lado do Egipto e da Turquia, o maior país do Médio Oriente. Mais do que isso, o Irão conseguiu reduzir a taxa de crescimento da

¹⁰¹ H. Kissinger, “Os Estados Unidos e o Irão: Aproximações à Ordem”, 176 – No parágrafo anterior ao referido, Kissinger deixa uma nota interessante e relevante que ajuda a diferenciar o Irão dos restantes países do Grande Médio Oriente. Diz Kissinger: “De todos os países da região, o Irão terá, talvez, o sentido de nacionalidade mais coerente e a tradição de diplomacia baseada no interesse nacional mais elaborada”

¹⁰² Dados do Banco Mundial que estão disponíveis através do seguinte link:
<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=IR>

população para menos de 1%, tendo apenas 22% da população com menos de 15 anos.

Assim, ao contrário da Arábia Saudita, a demografia não é um problema para o Irão mas sim uma mais-valia.¹⁰³

Robert Kaplan ajuda a entender o posicionamento geográfico absolutamente fulcral do Irão no Grande Médio Oriente:

“Virtually all of the Greater Middle East’s oil and natural gas lies either in the Persian Gulf or the Caspian Sea regions (...) the only country that straddles both energy-producing areas is Iran. (...) For just as Iran straddles the rich energy fields of both the Persian Gulf and the Caspian Sea, it also straddles the Middle East proper and Central Asia. No Arab country can make that claim (just as no Arab country sits astride two energy-producing areas)”¹⁰⁴

O Irão nasceu do que, ainda nas palavras de Kaplan, “foi a primeira e mais antiga superpotência do mundo (...) o Império Persa”,¹⁰⁵ e manteve traços de identidade fundamentais, desde logo a língua (Farsi) que não foi substituída pelo Árabe. Nas palavras de Robert Kaplan:

“Iran has a far more venerable record as a nation-state and urban civilization than most places in the Arab world and all the places in the Fertile Crescent, including Mesopotamia and Palestine”¹⁰⁶

¹⁰³ Na mesma página, Robert Kaplan acrescenta outro dado relevante,: “Iran is number three in the world in oil reserves, with 133 billion barrels, but number two in gas reserves, with 970 trillion cubic feet” – R. Kaplan, “The Iranian Pivot”, 266

¹⁰⁴ R. Kaplan, “The Iranian Pivot”, 267

¹⁰⁵ *Idem Ibidem*, 268 – *minha tradução*

¹⁰⁶ *Idem Ibidem*, 269

O Irão mantém ainda hoje um papel interventivo na região através da sua posição política, ao controlar o Hamas em Gaza, o Hezbollah no Líbano e a Síria Alauita¹⁰⁷ (relativamente à Síria, e por essa razão, o Irão foi um dos principais apoiantes do regime de Bashar Al-Assad).

A Revolução Islâmica de 1979

1979 foi um ano marcante e icónico tanto para o Irão, como para o Islão Xiita¹⁰⁸. É o ano da revolução que transformou o Irão, até então uma monarquia autocrática pró Ocidente, comandada pelo Xá Mohammad Reza Pahlavi,¹⁰⁹ numa república islâmica teocrática sob o comando do Ayatollah Ruhollah Khomeyni¹¹⁰.

¹⁰⁷ Robert Kaplan explora este ponto e afirma: “It is no surprise that Iran is increasingly being wooed by both India and China (...) Though Iran is much smaller in size and population than those two powers, or Russia or Europe for that matter, Iran, because it is in possession of the key geography of the Middle East – in terms of location, population, and energy resources – is therefore, fundamental to global geopolitics” – *Idem Ibidem*

¹⁰⁸ Francisco Soromenho Marques explica que a revolução “projetou a materialização política de um xiismo revolucionário e com pretensões de liderança islâmica” – “A revolução Islâmica no Irão: O nascimento do Xiismo militante”, 61

¹⁰⁹ Segundo e último monarca da casa de Pahlavi, Reza Pahlavi foi Xá do Irão entre 1941 até à revolução Iraniana de 1979

¹¹⁰ Khomeyni foi o líder espiritual e político da Revolução Iraniana de 1979 que depôs o Xá Mohammad Reza Pahlavi e instaurou uma república islâmica naquele país

Kissinger explica bem como a revolução foi importante na medida em que deu início a um novo equilíbrio de poderes no Grande Médio Oriente:

“A primeira afirmação do islamismo radical como doutrina de poder estatal ocorreu em 1979, na capital onde era mais inesperada – num país diferente da maioria dos Estados do Médio Oriente na sua longa e gloriosa história nacional e na sua reverência antiga pelo passado pré-islâmico. Assim, quando o Irão, um Estado aceite no sistema vestefaliano, se transformou em advogado do islão radical depois da revolução do aiatola Khomeini, a ordem regional do Médio Oriente ficou virada do avesso”¹¹¹

Antes de ser uma revolução Islâmica, esta revolução teve uma natureza social e de oposição à arbitrariedade e autoritarismo na atuação do Xá e veio a criar uma nova ordem na região. Foi com a revolução de 1979 que a oposição Persa/Xiita e Árabe/Sunita começou a ganhar substância e relevância. Foi com esta revolução que, como foi referido, o Islão Xiita começou a lutar pelo domínio e liderança do mundo Islâmico.

A revolução criou dois rivais que, desde então, se combatem, o Irão e a Arábia Saudita. Apesar dos dois países nunca se terem confrontado diretamente, combatem-se em países terceiros, através das “guerras por procuração” (*proxy war*), apoiando lados distintos nas guerras. Os dois países combatem-se por motivos religiosos, na medida em que pretendem ser os líderes do mundo Islâmico, por motivos geopolíticos na vontade de dominar o Golfo Pérsico, mas também por motivos identitários que se evidenciaram em dois momentos. O primeiro em 1979, fazendo a distinção clara entre Persas/Xiitas e

¹¹¹ H. Kissinger, “Os Estados Unidos e o Irão: Aproximações à Ordem”, 175 e 176

Árabes/Sunitas, mas também em 2003, com a invasão do Iraque, como se consubstancia nas palavras de Ali Fathollah-Nejad:

“The U.S.-led “regime change” in Iraq in 2003 and the dismantling of Saddam Hussein’s Baathist state paved the way for Iran’s rise in power”¹¹²

Para além destes fatores, os dois países distinguem-se ainda no próprio modelo de governação da sociedade. Por um lado, a Arábia Saudita é uma Monarquia absoluta em que o chefe de Estado é também o chefe de Governo (segue-se a linhagem da casa de Saud). Os líderes não são, por isso, eleitos¹¹³. Já o Irão é uma República Teocrática Islâmica, significando que acima dos poderes executivo, legislativo e judicial, existe o Guia Supremo que é o chefe de Estado, sendo eleito pela Assembleia dos Peritos (onde os membros são eleitos por sufrágio universal) para um mandato vitalício. O chefe de Governo é o Presidente, escolhido por sufrágio universal para um período de quatro anos, sendo que os candidatos têm de ser previamente aprovados pelo Conselho dos Guardiões (que tem como missão a proteção da constituição Iraniana). Estas diferenças são muito relevantes e levaram a que o Irão quisesse exportar a revolução de 1979 aos países vizinhos e que a Arábia Saudita, como se analisou no capítulo anterior, se colocasse ao lado de regimes monárquicos.

¹¹² Artigo intitulado “The Iranian – Saudi Hegemonic Rivalry”, publicado pelo *Harvard Kennedy School Belfer Centre for Science and International Affairs* – Disponível através do link: <https://www.belfercenter.org/publication/iranian-saudi-hegemonic-rivalry>

¹¹³ Em 2005, depois de várias pressões para se democratizar o regime, foram convocadas eleições municipais pela primeira vez, embora tenham sido alvo de constrangimentos e de influências

O Iémen é exemplo de um país terceiro cujo conflito serve de palco para que aqueles dois países se confrontem. Mais recentemente, isso tornou-se numa evidência, com o Irão a apoiar os Houthis e a Arábia Saudita a apoiar o regime Iemenita. Mas, como também foi referido no capítulo anterior, a interferência de ambos os países no Iémen começou, pelo menos, no início do século.

Cabará agora analisar e explicar como é que no Iémen se vive *de facto* uma *proxy war* entre a Arábia Saudita e o Irão. Para isso, será necessário recuar um pouco na História, até ao início da década de 2000.

II.3 Proxy War no Iémen entre 2000 e 2010

O maior palco de conflitos entre a Arábia Saudita e o Irão tem sido o Golfo Pérsico, geralmente com a Arábia Saudita a apoiar os regimes monárquicos e o Irão a apoiar grupos rebeldes Xiitas. O Iémen é um bom exemplo disso mesmo e é essencial entender como é que este país, apesar de ser o país Árabe mais pobre do mundo, assume tanta importância para a Arábia Saudita e Irão. É isso que se procura explicar neste e no próximo capítulo. Esse é, aliás, o principal objetivo desta dissertação. Explicar como é que o Iémen assume tanta relevância na região, quando na verdade é um país extremamente pobre.

O Iémen, que faz fronteira com a Arábia Saudita, desenvolveu principalmente desde a unificação em 1990, uma relação especial e complicada com os Sauditas, sendo o Iémen, muito em função da sua localização geográfica, um país muito importante para a segurança nacional da Arábia Saudita. Como afirma Rachel Grumet, “Saudi Arabia and Yemen share a 700 - mile border that is highly penetrable and often used by criminals, smugglers, terrorists and insurgents”¹¹⁴

Por esta razão, a Arábia Saudita tem sido um ator influente e ativo em todas as crises e desenvolvimentos que ocorreram no Iémen, nas últimas décadas¹¹⁵. De modo

¹¹⁴ Artigo intitulado “New Middle East Cold War: Saudi Arabia and Iran 's Rivalry”, escrito por Rachel Grumet e publicado pela Universidade de Denver. Disponível através do seguinte link: <https://digitalcommons.du.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2027&context=etd>

¹¹⁵ Parágrafo inspirado no artigo intitulado “Saudi Arabia and Iran: the Islamic Awakening Case”, Escrito por Ali Adami e Najmieh Pouresmaeili e publicado no Iranian Review of Foreign Affairs, Vol. 3, No. 4, Winter 2013, pp. 153-178. Disponível através do seguinte link: <http://irfajournal.csr.ir/WebUsers/irfajournal/UploadFiles/OK/13940904103215000097-F.pdf>

particular e especialmente desde 2004, devido às guerras de Sa'dah, a Arábia Saudita tornou-se num observador ainda mais atento do Iémen,¹¹⁶ acusando o Irão de apoiar os rebeldes Houthis, Xiitas.

A Arábia Saudita envolveu-se nas guerras de Sa'dah no final do Outono de 2009. O motivo principal foi a especial vulnerabilidade da sua fronteira com o Iémen, nessa altura. A Arábia Saudita tem encarado os conflitos internos Iemenitas como questões de segurança nacional. Isso já tinha ficado patente aquando da guerra civil do Iémen do Norte em 1962 quando a Arábia Saudita interveio a favor dos monárquicos e voltou a ficar patente em 2009. Nesse ano, a fronteira estava especialmente vulnerável devido ao número de refugiados que fugiam do Iémen para a Arábia Saudita e porque milhares de pessoas atravessavam a fronteira para estar com as suas famílias durante o Ramadão e as festividades Islâmicas. Em consequência, o contrabando na fronteira aumentou significativamente e, para além disso, muitos Houthis “infiltrados” entravam também na Arábia Saudita. Esta conjugação de fatores foi essencial para a decisão da Arábia Saudita de intervir nas guerras de Sa'dah.¹¹⁷ Desde cedo que Sauditas e o regime Iemenita começaram a cooperar, embora uns e outros afirmando sempre que não havia qualquer tipo de *joint operations room*¹¹⁸. No entanto, os Sauditas deram permissão a

¹¹⁶ Os autores do artigo “Saudi Arabia and Iran: The Islamic Awakening Case”, Ali Adami e Najmieh Pouresmaeili, acrescentam um ponto interessante ao afirmar: “In addition, Yemen's territory is considered a safe haven for the opponents of Saudi policies. Therefore, Saudi Arabia needs security along its long borders with Yemen”

¹¹⁷ “This uncontrolled cross-border movement of not simply goods but large numbers of people – smugglers, refugees, legal and illegal workers, Houthi fighters – confronted the Saudi security forces with a serious challenge” – M. Brandt, “The language of War”, 309

¹¹⁸ Frase utilizada por Marieke Brandt na página 309

que o exército Iemenita atravessasse a fronteira e entrasse em território Saudita para flanquear os Houthis, até que a 1 de Novembro de 2009, a Arábia Saudita abriu oficialmente a sua fronteira ao exército Iemenita. A escalada no conflito não se fez esperar. Os Houthis aumentaram a pressão sobre a fronteira, obrigando os seguranças fronteiriços Sauditas a combater. Foi aí que a Arábia Saudita se envolveu oficialmente na guerra, com o maior destacamento de forças desde a primeira guerra do Golfo e começando a bombardear alvos dentro do Iémen. Deve ser sublinhado que a campanha aérea Saudita não tinha apenas o objetivo de aliviar a pressão na fronteira com o Iémen. A Arábia Saudita assumiu como prioridade a destruição dos Houthis. Conseguir destruir os Houthis era –e ainda é - uma matéria de segurança nacional para os Sauditas, por tudo o que os Houthis representam. Por controlarem Sa'dah que fica muito próxima da fronteira com a Arábia Saudita causando distúrbios e levando a que muitos consigam passar a fronteira com facilidade, porque são um movimento Xiita e, por isso, por estarem na ponta oposta do espectro dos Sauditas, que são Sunitas Wahhabitas, e, principalmente, porque são apoiados e incentivados pelo Irão que é o grande rival da Arábia Saudita. Conseguir derrotar e destruir os Houthis seria um passo importante para parar a agenda expansionista do Irão na região e para afastar das proximidades do seu território um movimento apoiado por aquele país. A destruição dos Houthis é essencial para os Sauditas porque em parte também significa destruir as ambições regionais do Irão. Com este objetivo, a Arábia Saudita empregou tanta violência que a campanha aérea não pareceu ser apenas uma reação à pressão feita pelos Houthis mas como algo que, pelo contrário, estava já a ser preparada há muito tempo.

Marieke Brandt explica:

“The Saudi air campaign was not just a matter of targeted airstrikes to take pressure of the common border and to establish a buffer zone along it. Rather, the Saudi air war led to two months of heavy shelling of Houthi positions throughout the conflict zone (...) On 13 December a single Saudi air-strike took as many as seventy lives and wounded up to 100 others. At the same time, Saudi Arabia focused on imposing a naval blockade on northern Yemen. The Royal Saudi Naval Forces bolstered their presence in the Red sea in order to prevent arms shipments to the Houthis via the port of Midi.”¹¹⁹

Apesar de tudo isto, os avanços dos Houthis infiltrados em direção à Arábia Saudita tornaram-se num verdadeiro dilema para este país. Os guardas fronteiriços não tinham homens suficientes - ao ponto de alguns que já estavam reformados serem obrigados a ajudar - e para além disso, as unidades de guardas, dominadas por Xiitas, recusaram-se a combater os Houthis.

Os Houthis, mais fortes que nunca, conseguiram mesmo controlar durante o mês de Novembro, algumas cidades fronteiriças como *al-Khawbah* (Ver Anexo VI) e *Jabal Dawd*, a norte. Os Sauditas assustados com o avanço dos Houthis¹²⁰, pediram ajuda aos seus aliados árabes e a Jordânia enviou alguns dos seus melhores soldados, o que se revelou fundamental para que, no fim de novembro, os Sauditas fossem capazes de restabelecer o controlo sobre as terras fronteiriças.

O regime Iemenita e a Arábia Saudita foram sempre acusando o Irão de estar a apoiar os Houthis com armas, treino e dinheiro, embora isso seja algo difícil de provar,

¹¹⁹ M. Brandt, “The Language of War”, 310

¹²⁰ Marieke Brandt, cita o *World Tribune*, que por essa altura havia escrito “The Saudis are in a panic mode and don’t have the troops or capabilities to stop the Yemeni Shi’ites” – *Idem Ibidem*, 310

como foi referido ainda no capítulo I. Até essa altura, como afirma Rachel Grume, o Irão ia apenas demonstrando solidariedade religiosa para com o movimento rebelde.¹²¹

No entanto, não é certo que o Irão demonstrasse apenas solidariedade religiosa para como os Houthis. Houve sempre uma forte suspeita de que houvesse um envolvimento maior por parte do Irão. Nabeel Koury afirma que a ajuda Iraniana começou ainda em 2009-2010 e acrescenta um elemento novo, ao dizer que também o Hezbollah treinava os Houthis¹²² Peter Salisbury vai no mesmo sentido e afirma o seguinte no seu artigo:¹²³

“Western and Yemeni officials have long accused Iran of backing the Houthis. An article in the Financial Times in February 2014 quoted a Yemeni official as claiming that Iran and its Lebanese proxies provided direct financial and logistical support, as well as military advisers, to the Houthis”

No entanto, há realmente um ponto de interrogação relativamente ao nível de ajuda e de apoio prestado pelo Irão aos Houthis. Isso é claro quando, no mesmo artigo, Peter Salisbury afirma o seguinte:

¹²¹ Rachel Grume escreve, na página 103: “The Iranian leadership has supported the Houthis rhetorically, advocating religious solidarity”

¹²² Artigo intitulado “A New Hezbollah in Yemen?”, escrito por Nabeel Khoury e publicado no *Atlantic Council*, a 29 de Janeiro de 2015. Está disponível através do seguinte link: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/a-new-hezbollah-in-yemen>

Nesse artigo, o autor afirma ainda o seguinte: “ [The] Iranian assistance and Hezbollah training, both of which began during the war with Saudi Arabia in 2009-2010”

¹²³ Artigo intitulado “Yemen and the Saudi-Iranian ‘Cold War’”, publicado no *Chatham House* e disponível através do seguinte link: https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/field/field_document/20150218YemenIranSaudi.pdf

“(...) This marks a change in tone from 2010, when diplomatic cables released by Wikileaks pointed to scepticism among US officials in Sanaa that the Houthis were heavily backed by Tehran and Hezbollah, or even that they were part of a regional proxy war between Iran and Saudi Arabia.”

Apesar da envolvimento do Irão de parecer algo evidente no conflito e de haver fortes suspeitas que o Hezbollah poderia estar também envolvido, Marieke Brandt aponta numa direção um pouco diferente e alerta para o facto do Presidente Saleh exagerar sobre o envolvimento do Irão no conflito. Neste sentido, o governo Saudita suspeitava que Saleh pudesse estar propositadamente a exagerar relativamente à presença e participação do Irão no Iémen. O objetivo de Saleh era o de alarmar o vizinho Saudita, levando a que este pudesse intervir no Iémen de forma direta e na máxima força, sabendo que os Sauditas reagiriam de imediato caso a deriva expansionista do Irão se fosse também ali verificando. É interessante verificar como Saleh utilizava o facto de no Iémen se viver uma *proxy war*, para tentar manipular os Sauditas em seu proveito¹²⁴.

As guerras de Sa’dah terminaram finalmente em 2010, mas nem a presença Saudita nem a presença Iraniana desapareceram.

¹²⁴ Marieke Brandt afirma: “The Saudi government’s Special Office for Yemen Affairs, a committee headed by Crown Prince Sultan, was privately sceptical of Salih’s claims of Iranian involvement and his desire to regionalize the conflict. The Saudi committee members privately shared the view that the Yemeni President was providing a false or exaggerated picture of Iranian aid to the Houthis in order to elicit direct Saudi involvement” - Marieke Brandt, “The Language of War”, 204 e 205

II.4 Do fim de Saleh à captura de Sanaa (2011-2014)

“The period from March 2011 until the seizure of Sanaa in September 2014 was marked by an enormous territorial expansion of the Houthis domination, made possible by military coercion, astute political activism at national level, shadowy deals and adjustment and renegotiation of alliances”¹²⁵

A nova década não começou de forma pacífica para o Iémen. Apesar das guerras de Sa'dah terem terminado em 2010 com uma derrota dos Houthis, a verdade é que essa derrota era mais aparente do que real. Os Houthis tinham conseguido atingir pelo menos uma boa parte do seu objetivo: colocar o regime de Saleh em perigo. E o início da nova década não se mostrou melhor para Saleh do que a década anterior.

As primaveras Árabes que se iniciaram em 2010 na Tunísia¹²⁶ rapidamente se alastraram para outros países. O presidente Tunisino abdicou do poder em Janeiro de 2011 e, nos meses seguintes verificaram-se protestos semelhantes no Egito, na Síria, na Líbia e em Marrocos.

¹²⁵ Marieke Brandt, “Faustian Bargains”, 337

¹²⁶ O fenómeno que ficou conhecido por “Primavera Árabe” teve início quando, a 17 de Dezembro de 2010, o vendedor de rua Tunisino, Mohammed Bouazizi, se imolou depois do seu *stand* de rua ter sido arbitrariamente confiscado pela polícia depois de não ter conseguido uma permissão. Este acontecimento levou a fortes protestos na capital do país, Tunes. Em resultado, o Presidente autoritário e que governava o país com pulso de ferro, Zine El Abidine Ben Ali, abdicou do poder e, em 2011, foram realizadas as primeiras eleições livres no país. O sucesso dos protestos levou a que, noutros países, se iniciassem “Primaveras Árabes” e o Iémen não foi exceção. – Informação retirada do *Canal História*, num artigo intitulado *Arab Spring* e que está disponível em: <https://www.history.com/topics/middle-east/arab-spring>

O Iémen não foi exceção e, em 2011, a “Primavera Árabe” iniciou-se também aí. Os protestos começaram em Janeiro de 2011, com o objetivo de afastar o Presidente Saleh. Este prometeu que não seria novamente candidato, mas os protestos aumentaram. Em consequência, apoiantes de Saleh e as forças de segurança deram início a um movimento de repressão que se estima que tenha morto entre 200 a 2000 pessoas. Em Março de 2011, os protestos tinham já atingido uma magnitude tão substancial que originaram um vazio de poder na região de Sa’dah, o que foi aproveitado pelos Houthis para expandirem o seu controlo sobre a cidade.

Em Abril de 2011, e na sequência de uma iniciativa da Arábia Saudita¹²⁷.o Congresso Geral do Povo (partido de Saleh), concordou em realizar um acordo mediado pelo Conselho de Cooperação do Golfo¹²⁸ com o objetivo de abdicar de forma voluntária do poder, Não é um pormenor que a iniciativa tenha vindo dos Sauditas. Como foi já referido, a instabilidade no Iémen foi sempre um fator de enorme preocupação para aquele país. Com medo que as “Primaveras Árabes” pudessem atingir ou prejudicar o regime Saudita, a Arábia Saudita foi rápida a apresentar uma proposta com o objetivo de garantir que a transição de poder ocorresse de forma benéfica para si. No entanto, o Presidente Saleh recusou-se a entregar o poder voluntariamente,

¹²⁷ Ali Adami e Najmeh Pouresmaeili referem esta iniciativa no seu artigo quando afirmam: “The GCC by Saudi's initiative presented a plan in March 2011 for a power transition in Yemen, so that it could be carried out gradually and in desirable manner for the Saudis.” – Artigo intitulado “Saudi Arabia and Iran: The Islamic Awakening Case”, publicado no *Iranian Review of Foreign Affairs*, Vol. 3, No. 4, 2013, pp. 168

¹²⁸ O Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) é uma organização de integração económica que reúne seis estados do Golfo Pérsico: Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait. Tem como objetivo coordenar, integrar e interconectar os seus Estados Membros. É de realçar que nem todos os países que rodeiam o Golfo Pérsico são membros do conselho, especificamente o Irão e o Iraque

despoletando com isso reações em comandantes do exército e na Federação tribal *Hashid*, que demonstraram o seu apoio à oposição, o que levou a novos protestos em Sanaa, em Junho de 2011. Em Setembro de 2011, e depois de ter ficado ferido num atentado bombista, Saleh voltou ao Palácio Presidencial, no meio de novos protestos. Nesse mês, Saleh assinou em Riade o mesmo acordo que antes havia rejeitado e entregou o poder ao seu Vice-Presidente e número 2, Abd Rabbuh Mansur Al-Hadi, que assumiu o poder e formou um governo de união nacional. O acordo previa ainda total imunidade para Saleh e este saiu do país. Nas palavras de Ali Adami e Najmieh Pouresmaeili:

“According to this plan, which was signed in November 2011 in Riyadh by Ali Abdullah Saleh and his opponents, it was agreed that Saleh would give up his powers to Yemeni vice president, Abd Rabbo Mansour Hadi and a national unity cabinet would be formed by one of the opposition leaders. Following the enforcement of the agreement, the Yemeni parliament based on a clause of the accord, ratified a law giving full immunity to Saleh, and the president presented his resignation to the parliament and left the country”¹²⁹

Em Fevereiro de 2012, depois de eleições em que não enfrentou qualquer oposição, Hadi iniciou um mandato de 2 anos.¹³⁰

¹²⁹ Ali Adami e Najmieh Pouresmaeili, “Saudi Arabia and Iran: The Islamic Awakening Case”, 168

¹³⁰ Este parágrafo também é baseado no artigo “Arab Uprising: Country by Country – Yemen”, publicado no site online da *BBC World News*, de 16 de Dezembro de 2013. O artigo pode ser consultado através do seguinte link:

<https://www.bbc.com/news/world-12482293>

Sobre o acordo alcançado e relativamente à missão que Hadi tinha em mãos, Marieke Brandt diz o seguinte: “A UN sponsored implementation document outlined a transition road-map that included three principal tasks: holding a national dialogue with the goal of producing a new constitution before elections

A guerra fria entre Irão e Arábia Saudita não só se manteve em 2011, como se começou a agravar a partir daí, levando a uma deterioração da relação entre os dois países. Isso justificou-se pela intervenção do Conselho de Cooperação do Golfo no Bahrain em Março de 2011, que muito irritou os Iranianos, na medida em que era a população Xiita (maioritária) a revoltar-se contra o regime. Para além da intervenção no Bahrain, o Irão estava preocupado pelo facto de Bashar Al-Assad, seu aliado, não ter sido capaz de conter os protestos verificados na Síria, especialmente porque a Arábia Saudita apoiava os rebeldes. A partir de 2011, tornou-se mais forte a ideia de que os Iranianos poderiam estar muito envolvidos no Iémen e a apoiar materialmente os Houthis. Foi principalmente a partir dessa altura que os oficiais Americanos e até mesmo a comunicação social Americana começaram a encarar como séria a possibilidade dos Iranianos estarem bastante envolvidos no Iémen. É no início de 2011 que começa a ser dado como certo que o Irão estava a providenciar apoio militar, nomeadamente fornecimento de armas, aos Houthis para os ajudar a combater o regime e a conquistar território¹³¹.

Por outro lado, os Sauditas nem sempre intervieram diretamente no conflito e também por isso, os Houthis conseguiram conquistar território tão facilmente. Exemplo disso foram as “batalhas de Amran” (*Ver Anexo VII*). Amran foi plenamente

to be held in February 2014; addressing issues of transitional justice; and unifying as well as reforming the armed forces” – Marieke Brandt, “The Faustian Bargains”, 338

¹³¹ Marieke Brandt afirma o seguinte: “In early 2011, US government officials and major US media outlets publicly began treating accusations of Iranian weapons being transferred to the Houthis as a serious concern. American officials, having previously dismissed accusations as baseless, have remarked since 2012 that the Iranians appear to be providing at least limited material support to the Houthis” - Marieke Brandt, “The Language of War”, 207

conquistada pelos Houthis em 2011, quase sem ter havido luta por parte do regime, muito porque a Arábia Saudita decidiu não intervir e se manteve afastada do conflito nessa província.¹³²

Em 2012 dá-se um acontecimento surpreendente e com ele os Houthis ganharam um aliado altamente inesperado e improvável. O ex-Presidente Saleh, juntou-se aos Houthis contra o governo de Hadi depois de assinar o acordo de 2012. Sobre este acordo entre Houthis e Saleh, Marieke Brandt escreve o seguinte:

“The alliance between Saleh and the Houthis as outrageous as it was artful, was initially kept secret. It was the result of the profound changes in Yemen’s power structures since the beginning of the ‘revolution’ in 2011”¹³³

Este momento assume uma relevância muito substancial. Saleh, descontente com o facto de ter deixado de ser Presidente do Iémen, demonstrou todo o seu calculismo político, chegando ao ponto de se aliar com quem tinha combatido durante seis anos. Já para os Houthis, contar com o apoio e os conhecimentos do ex-Presidente eram um passo importante para desacreditar e, posteriormente, derrubar o governo de Hadi.

A 18 de Março de 2013 realizou-se um evento da maior importância para a transição política Iemenita. Realizou-se a Conferência de Diálogo Nacional (CDN) que

¹³² “From 2011 onwards, driven by local political calculations and tribal feuds, many areas of Amran fell into the Houthis’ lap without a fight. During that time, their main adversaries in the province, the al-Ahmar brothers and Sunni Islamists, were weakened by the absence of Saudi aid, as Riyadh remained passive and kept its distance from all parties to the ‘Amran battles’” – *Idem*, “The Faustian Bargains”, 338

¹³³ Marieke Brandt, “Faustian Bargains”, 339

juntou 565 delegados de todos os partidos, da sociedade civil, do al-Hirak (movimento separatista do sul)¹³⁴, de grupos de jovens e de mulheres. Os Houthis, apesar de inicialmente terem rejeitado estar presentes, fizeram-se representar por uma ala mais moderada e o CDN revelou-se um momento importante para eles. Durante o evento, os Houthis demonstraram a sua vontade para que fosse criada uma “segunda república”, com igualdade entre todos os grupos e um propósito de pôr fim à corrupção. Este foi um momento fundamental para o movimento, pois conseguiu afastar, perante a sociedade civil, a ideia que o regime criara e desenvolvera de que este era um movimento controlado pelo Irão, um braço armado Iraniano que tinha como propósito voltar ao regime pré 1962.¹³⁵

O CDN trouxe algum otimismo, que todavia durou pouco tempo. Em Fevereiro de 2014 o Presidente Hadi dividiu o país em seis regiões diferentes. A região que incluía Sa’dah e onde os Houthis eram mais fortes, ficou privada de importantes recursos e de acesso à costa.¹³⁶ Em resposta, os Houthis intensificaram a sua presença militar à volta da capital Sanaa e quando conseguiram cercar a cidade aumentaram o tom das reivindicações. Nos seus discursos, apesar de ainda se verificar alguma retórica de legítima defesa em relação ao governo, os Houthis mostravam-se poderosos e bem organizados e começaram a focar os seus esforços na captura da capital. Em Julho do

¹³⁴ O Al-Hirak é um movimento político e militar ativo no antigo Iêmen do Sul desde 2007 e que exige a independência do Iêmen do Sul. Atualmente, controla todas as províncias do sul em redor de Áden (antiga capital do Iêmen do sul)

¹³⁵ Marieke Brandt, “Faustian Bargains”, 340

¹³⁶ “Here the Houthis were referring, respectively, to the hydrocarbon-rich governorate of al-Jawf and the Red Sea province of Hajjah, both of which the movement has traditionally considered within its sphere of influence” -*Idem Ibidem*, 341

mesmo ano, os Houthis elaboraram uma lista de reivindicações que passava pela substituição do governo por um executivo multipartidário que incluísse todas as fações.

No outono de 2014, os Houthis podiam ser considerados o grupo não governamental mais forte de toda a Península Arábica.¹³⁷

Em Setembro de 2014, depois de meses de intensas negociações e de os Houthis terem recusado todas as propostas do governo, o inevitável aconteceu e os Houthis capturaram e tomaram o controlo da capital do Iémen, Sanaa. Sobre essa captura, ficam as palavras de Marieke Brandt:

“After violent confrontations between security forces and Houthi protesters, provoked by the Houthis’ escalation strategy, the rebels overran Sanaa. In a swift coup de main, they seized the Yemeni capital. Those military and security units still loyal to Saleh – the Central Security Forces and the Republican Guard – stood aside and watched the rebels take the town. The Houthis seized the campus of the ultra-conservative Sunni al-Iman University, a number of government institutions, including the Central Bank and several ministries, and homes belonging to members of the Islah party and the al-Ahmar clan. They gained strategic advance over a number of army units, and overpowered parts of the First Armoured Division headed by General Ali Muhsin. After ten years of war, the Houthis held the reins of power in their hands”¹³⁸

A *proxy war* entre o Irão e a Arábia Saudita não terminou em 2014 com a captura de Sanaa. Ela continuou, principalmente porque em 2015 se iniciou, no Iémen, a guerra civil que dura há sensivelmente três anos.

¹³⁷ Marieke Brandt, “Faustian Bargains”, 341

¹³⁸ *Idem Ibidem* 342

Mesmo que por vezes a ajuda e apoio não sejam evidentes a verdade é que, como foi descrito neste capítulo, nem o Irão nem a Arábia Saudita abandonam o Iémen. O embate das duas potências existe sempre. Umas vezes de forma mais agressiva, outras vezes apenas no plano discursivo e diplomático. Mas é impossível não concordar de que tanto o Irão, apoiando os Houthis, como a Arábia Saudita, colocando-se ao lado do regime, têm tentado controlar o rumo de acontecimentos no Iémen.

Capítulo III – O Significado do Iémen na Região no pós 2014 até à atualidade

Depois de ter sido analisada a História e evolução do Médio Oriente enquanto região e de se ter também analisado a presença e a interferência de Irão e da Arábia Saudita nos conflitos internos do Iémen, abre-se agora espaço para compreender os fatores e as razões que fazem do Iémen um país importante na região. Um país cujos acontecimentos internos se revestem de significado levando a que as duas grandes potências regionais tenham sentido a necessidade de interferir no conflito, apesar do Iémen ser o país Árabe mais pobre do mundo.

Neste sentido, o presente capítulo dividir-se-á em quatro sub-capítulos, em que se realizarão análises concretas e específicas.

O primeiro sub-capítulo destinar-se-á ao estudo da situação política vivida no Iémen. Começando em 2015, já com a capital Sanaa sob o domínio dos Houthis, explicar-se-á como é que a guerra civil que dura há cerca de três anos se iniciou e como o vazio de poder no Iémen leva a que Irão e Arábia Saudita se concentrem no território Iemenita.

Posteriormente, será dedicado um segundo sub-capítulo à posição geográfica e posicionamento geoestratégico do Iémen. A geografia assume aqui grande relevância especialmente considerando que o Iémen controla o estreito de *Bab El Mandeb*, um *choke point* essencial para as trocas comerciais, nomeadamente de petróleo.

Passar-se-á depois à investigação dos fatores que hoje contribuem para que a ONU tenha considerado o Iémen como sendo protagonista da maior crise humanitária

do planeta¹³⁹. A fome, as doenças, a falta de água, as alterações climáticas são fatores que têm contribuído para que se verifique essa catástrofe. Esses fatores deveriam ser suficientes para que o Iémen deixasse de ser a “guerra esquecida” e merecesse a atenção de todo o mundo.

Finalmente, no quarto sub-capítulo far-se-á referência às mais recentes negociações de paz iniciadas entre o regime de Hadi e os Houthis e mediadas pela ONU. Sem querer traçar cenários futuros, pretende-se explicar porque é que num país tão dividido e influenciado por forças tão diferentes se sentiu a necessidade de interromper a guerra.

¹³⁹ Notícia acessível através do seguinte link: <https://news.un.org/en/story/2018/09/1020232>

III. 1 Situação política

A situação política vivida no Iémen desde 2015 é uma das razões que explicam a importância do Iémen na região. Estando tremendamente dividido, como se verá, o Iémen é um país atrativo para que forças externas se instalem e aumentem a sua influência naquele território. Não havendo um governo sólido, forte e capaz de controlar o território e a população, o Iémen é facilmente penetrável pelos dois grandes atores regionais, a Arábia Saudita e o Irão. A fragmentação do Iémen é muito causada pela reivindicação de poder feita por atores mais localizados como os Houthis, a Al-Qaeda da Península Arábica (AQAP) e o Al-Hirak (movimento separatista do sul). Como referido no capítulo anterior, uma das obrigações que Hadi havia assumido no acordo assinado – e que tinha levado à queda de Saleh - era a de realizar uma nova Constituição para o país. Em Novembro de 2014, após a conquista de Sanaa por parte dos Houthis, iniciou-se uma importante renovação governamental e o novo governo integrou maioritariamente tecnocratas independentes e não figuras partidárias. Algo que muito agradava aos Houthis.¹⁴⁰

¹⁴⁰ Adam Baron acrescenta um ponto muito importante, ao realçar que a renovação do governo não tinha sido impulsionada por protestos pacíficos, nem por uma vontade pacífica de fazer alterações. Elas foram impulsionadas por um grupo armado que ficava com a sensação de que a violência gerava benefícios. Afirmo o autor “ The formation of the unity cabinet, made up largely of technocrats rather than partisan figures, was widely celebrated and ostensibly backed by the Houthis. But it also set a dangerous precedent. It was not peaceful protests nor negotiations that led to change, but the actions of an armed group; ultimately, in making such a move at such a time, it sent the message that violence and unilateral action pay. The Houthis have appeared to take this to heart, expanding their power with force more through broader swaths of the country, pushing for the appointment of their supporters in key positions and demonstrating an increasingly adversarial position with regard to the central government.” - “Civil War in Yemen: Imminent and Avoidable”, 3

No esboço da nova Constituição estava prevista uma nova organização do território que dividiria o país em seis regiões federais (*Ver Anexo VIII*), o que havia sido recusado pelos Houthis e que os tinha especialmente motivado para capturar a capital do país, Sanaa.

Em fevereiro de 2015, os Houthis raptaram o chefe de gabinete do Presidente Hadi, Ahmed Awadhbin Mubarak e ocuparam as casas de vários dirigentes importantes. Posteriormente apresentaram uma lista de reivindicações ao governo e, uma semana depois, a 22 de Janeiro, o Presidente Hadi, o Primeiro-Ministro Khaled Bahah¹⁴¹ e todo o governo demitiram-se das suas funções.

De seguida, os Houthis provaram que estavam efetivamente determinados em governar o Iémen e a impor a sua liderança. Nesse sentido, a 6 de Fevereiro, dissolveram o Parlamento e o poder passou para o seu Comité Revolucionário, liderado por Mohammed Ali al-Houthi. O objetivo era o de governar o Iémen e de garantir que o comité de Alta de Segurança do país estava entregue a figuras do movimento. Assim, os Houthis ficariam responsáveis pela proteção do país, dominando matérias tão essenciais como a segurança, a defesa e a política externa. Este facto não é, de todo, um pormenor. Numa região tão bélica e instável, os Houthis teriam o poder de delinear estratégias e de estabelecer alianças, e essas alianças não seriam certamente estabelecidas com a Arábia Saudita, nem com o mundo Ocidental. A agenda do Comité Revolucionário determinaria o rumo do país e procuraria romper com o *status quo*. Parece ser seguro

¹⁴¹ Khaled Bahah tornou-se primeiro-ministro em Novembro de 2014, no novo governo tecnocrata

afirmar que tal posicionamento por parte do Iémen seria simplesmente inaceitável para os Sauditas¹⁴².

A demissão do Presidente Hadi significava naturalmente que a transição de poder iniciada em 2011 tinha falhado e gerara as condições propícias para que fosse continuada a expansão territorial dos Houthis no país (*Ver Anexo IX*). No entanto, trouxe também um elemento novo e que criava pressão sobre os Houthis. Até esse momento, tinham combatido o regime numa ótica de legítima defesa. Diziam-se atacados pelas forças governamentais e no seu discurso justificavam as suas ações como sendo meras reações a esses ataques. A partir do final de 2014 e início de 2015 assistiu-se a uma mudança de postura por parte dos Houthis. Deixaram de lado a tese da legítima defesa e, abertamente, assumiram uma postura ofensiva, de ataque e de conquista. A conquista de Sanaa foi mais uma prova de que os Houthis já não escondiam as suas pretensões de governar o país.¹⁴³

¹⁴² A interpretação feita é retirada das palavras de Adam Baron: “Adam Baron explica: “As political negotiations sputtered, the Houthis unilaterally issued a ‘constitutional declaration’ on 6 February, dissolving the parliament, forming a new transitional council that would form a presidential council that would rule Yemen for two years, and reshaping the higher security committee to include key Houthi figures. The Houthi decree has effectively left power in the hands of their Revolutionary Committee, headed by Mohammed Ali al-Houthi, a former political prisoner who headed a committee that organised aid distribution by international NGOs in the province of Saada” - Adam Baron, “Civil War in Yemen: Imminent and Avoidable”, 4

¹⁴³ Esta postura adotada pelos Houthis não começou apenas perto do final de 2014, ou no início de 2015. Iniciou-se no princípio de 2014, pelo menos. Esta ideia foi retirada do artigo de Mareike Transfeld, intitulado “The Failure of the Transitional Process in Yemen”.

Diz Mareike Transfeld: “It has since become clear that the Houthis were less and less inclined to share power, and that the government was unable to put a stop to their hollowing out of the state apparatus. Rather than withdrawing their militias from the capital as stipulated, the Houthis have instead dug in and taken over certain functions of the state, for instance by setting up checkpoints. They have also begun intervening in the affairs of state institutions. The state broadcasting station and the agencies for national and political security, among others, have been under Houthi control since 19 January.”

O país ficou ainda mais dividido quando, a 21 de Fevereiro, o Presidente (demissionário) Hadi, conseguiu escapar de sua casa em Sanaa, onde estava preso, e fugir para Aden, no sul (antiga capital do Iémen do Sul), retirando a sua demissão e declarando Sanaa como tendo sido “ocupada” pelos rebeldes Houthis. Hadi fez de Aden a “nova capital do Iémen”, rivalizando com Sanaa, e aí acolheu as embaixadas dos países do Conselho de Cooperação do Golfo e teve reuniões com embaixadores Americanos e Britânicos. Por outro lado, os Houthis não reconheceram a declaração de Hadi retirando a sua demissão e mantiveram a sua postura inalterável.

Em Março de 2015, o país estava tremendamente dividido. Os Houthis, aliados com Saleh¹⁴⁴, dominavam a costa Oeste e parte do centro. Já o regime dominava maioritariamente a zona leste e a restante parte do centro (*Ver Anexo X*). É importante salientar que, apesar do equilíbrio de forças ser razoável, importa perceber que regiões estavam controladas por cada lado e o que isso significava. Os Houthis controlavam a capital, Sanaa, o que lhes conferia um estatuto de poder e de autoridade. Por outro lado controlavam totalmente Sa’dah no noroeste. Nos capítulos anteriores já se fez referência à importância de Sa’dah, mas é importante reafirmar que esta província, que faz fronteira com a Arábia Saudita, era fator de enorme preocupação para os Sauditas.

O que é mais curioso de verificar no final 2014 é que o elemento da “legítima defesa” desaparece também do discurso.

¹⁴⁴ Aqui é importante referir que esta aliança terminou em Dezembro de 2017 quando foram os próprios Houthis a matar Saleh, acusando-o de querer fazer as pazes com a Arábia Saudita nessa altura. Este episódio é demonstrativo do carácter de Saleh que sempre foi um político habilidoso com a capacidade de proteger a si primeiro. Combateu os Houthis durante seis anos. Depois, aliou-se aos mesmos contra o Presidente Hadi e, em 2017, acusado de querer fazer as pazes com o inimigo, é morto pelos Houthis

Assim, os Houthis controlavam duas províncias de extrema importância. É ainda de sublinhar que os Houthis controlavam as províncias de Al- Hudaydah, onde se situa o porto de Hodeida, fundamental para a receção e distribuição de alimentos e medicamentos (a importância do porto de Hodeida será abordada no último sub-capítulo) e Hajjah na costa Oeste, permitindo aos Houthis ter uma via de comunicação com o mundo, assumindo extrema relevância no plano da defesa e das relações comerciais. É ainda de salientar que a Al-Qaeda da Península Arábica (AQAP¹⁴⁵) não tinha uma presença forte e considerável em nenhuma das regiões controladas pelos Houthis (*Ver Anexos X*).

O regime, que estava naturalmente mais débil e enfraquecido por não ter o controlo de Sanaa (Hadi fez de Aden a capital do regime), dominava províncias maiores e mais próximas da fronteira com o Omã, uma fronteira muito mais pacífica do que a de Sa'dah com a Arábia Saudita. Para além disso, é de realçar o facto das províncias controladas pelo regime terem também a presença da AQAP, à exceção de Taiz e de Mahrah, o que se traduzia num entrave ao domínio completo das regiões por parte do regime (a AQAP chegou mesmo a dominar a cidade populosa de Al-Mukalla e o respetivo e muito importante porto). É de sublinhar o facto do regime deter o controlo de Áden e de Taiz. O porto de Áden era essencial e permitiu ao regime, não apenas

¹⁴⁵ A AQAP, também conhecida como *Ansar Al-Sharia*, foi ativada em 2009 e é principalmente ativa no Iémen e na Arábia Saudita. Subordinada à rede al-Qaeda, já chegou a ser considerada como o seu ramo mais ativo desde o enfraquecimento da sua liderança central. É considerada uma organização terrorista pelas Nações Unidas e países como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iémen, Irão, Síria, Austrália, Canadá, Rússia, Estados Unidos e ainda pela União Europeia.

rivalizar com Sanaa, mas ter também uma via aberta com o mundo. Muito importante era igualmente o controlo de Taiz, cujo posicionamento geográfico era e é muito vantajoso (a importância do posicionamento geográfico no Iémen será desenvolvido no sub-capítulo seguinte). O controlo desta província permitia ao regime manter o controlo do estreito de *Bab El Mandeb*, dominando assim um *choke point* essencial, determinando quem podia e não podia passar (ou seja, permitindo ou negando o acesso ao canal do Suez e, posteriormente, ao mar Mediterrâneo) (*Ver Anexo XI*).

Em 2015, o Iémen era um Estado falhado visto que não existia nenhuma força capaz de dominar e governar o país, resultando assim num país extremamente dividido, fragmentado e sob a influência de vários grupos. Desde o governo que tinha retirado a demissão, aos Houthis, à AQAP, mas também ao movimento separatista do sul, Al-Hirak. O Al-Hirak era nesta altura uma força importante a ter igualmente em conta. A 22 de Janeiro de 2015, o Al-Hirak tinha declarado a independência do sul o que, apesar de ser um ato sem verdadeiras consequências materiais, carregava consigo um forte elemento simbólico, comprovando que estavam dispostos a encetar todos os esforços necessários para voltar a dividir o Iémen. O Al-Hirak colocava assim um entrave muito significativo ao desenvolvimento e progresso do Iémen, na medida em que apenas contribuiriam nesse sentido se, em primeiro lugar, o Iémen se dividisse (e dividido só contribuiriam para o desenvolvimento e progresso do sul).

Considerando o cenário de profunda divisão interna e, sendo um Estado falhado, a 25 de Março de 2015 iniciou-se a guerra civil no Iémen, guerra que, ao momento em que se escreve, ainda dura.

A guerra iniciou-se depois das tensões entre o governo de Hadi e Houthis terem aumentado. Depois do Presidente Hadi ter apelado aos Estados Árabes, nomeadamente do Golfo, para intervirem militarmente no Iémen, a coligação militar liderada pela Arábia Saudita e composta pelos Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Kuwait, Qatar entre, outros países, e que contava ainda com o apoio dos Estados Unidos, Reino Unido e também da França, lançou ataques aéreos¹⁴⁶ contra os Houthis em Sanaa e em Sa'dah. Em Março de 2015, o Presidente fugiu para a Arábia Saudita e o conflito intensificou-se nos meses seguintes¹⁴⁷.

Desde então, até ao momento em que é escrita esta dissertação, a coligação liderada pela Arábia Saudita e os Houthis, apoiados pelo Irão e pelo Hezbollah, têm-se combatido no Iémen, situação essa que apenas complicou a situação política vivida naquele país. Já não era apenas um Estado falhado. Era um Estado falhado e em guerra. Importa sublinhar aqui que o vazio político existente no Iémen é fator essencial para que a Arábia Saudita e o Irão tenham interesse em se combater no Iémen. Para o Irão,

¹⁴⁶ Só em Março de 2015 foram lançados 202 ataques aéreos em Sanna e Sa'dah - retirado do site *Al Jazeera* e disponível através do seguinte link: <https://interactive.aljazeera.com/aje/2018/Saudi-Arabia-air-raids-on-Yemen/index.html>

No dia 27 de Março, a CNN deu conta da ocorrência e explicou que países participaram na ofensiva e em que medida: “The swift and sudden action involved 100 Saudi jets, 30 from the United Arab Emirates, 15 each from Kuwait and Bahrain, 10 from Qatar, and a handful from Jordan, Morocco and Sudan, plus naval help from Pakistan and Egypt, according to a Saudi adviser. The Egyptian state news agency on Thursday quoted Egypt's Foreign Ministry as saying Egypt's support also could involve ground forces” – retirado do seguinte link: <https://edition.cnn.com/2015/03/26/middleeast/yemen-saudi-arabia-airstrikes/>

¹⁴⁷ Informação retirada do site da Amnistia Internacional no artigo intitulado “Yemen: The Forgotten War”, disponível através do seguinte link: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2015/09/yemen-the-forgotten-war/>

conquistar influência no Iémen afigura-se como importante para a expansão da sua influência no Médio Oriente e é essencial para rivalizar com a Arábia Saudita. Para os Sauditas, é fundamental conter o Irão e garantir que, num país com quem mantém uma fronteira física, os Iranianos não controlem Sanaa, depois de já controlarem Beirute, Bagdad e Damasco¹⁴⁸.

Irão e Arábia Saudita encaram então o vazio político vivido no Iémen de maneira distinta. Para os Iranianos é uma oportunidade ímpar que deve ser aproveitada. Para os Sauditas é causa de enorme preocupação e sentem ser fundamental preencher o vazio político com um aliado.

No terceiro sub-capítulo será feita uma análise dos prejuízos que esta guerra civil iniciada em 2015 já causou e no quarto sub-capítulo será feita uma análise das negociações de paz que se iniciaram no final do ano de 2018.

¹⁴⁸ “Yemen, under the control of al-Houthi, would be a burning barrel alongside the oil wells in Saudi, and close to areas where more than two-thirds of the world's oil reserves are located. What's more, in this manner a state loyal to Iran and possessing ballistic weapons may pose a major threat to the Saudi economy, and to the global economy reliant on the oil and gas originating from the Middle East.” – Retirado do artigo “Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country”, 5

III. 2 Posicionamento geoestratégico do Iémen

Tendo analisado as consequências para a Arábia Saudita e Irão decorrentes do facto do Iémen ser um Estado falhado, analisar-se-á agora um outro elemento extremamente relevante para se entender a importância que o Iémen assume na região. Esse elemento é o elemento geográfico, que confere ao Iémen uma influência e um poder de decisão substanciais. Nas relações internacionais, o posicionamento geoestratégico assume uma importância considerável e ajuda a explicar diversos momentos da História. No entanto, este elemento não é dissociável daquele que foi analisado no capítulo anterior. É um facto, e será aqui estudado, que a localização geográfica do Iémen atrai outros atores regionais e que também desperta a atenção de atores globais. Mas, tudo isso seria inconsequente se o Iémen, ao invés de ser um Estado falhado, tivesse um governo forte, capaz de liderar, governar e controlar o país. É exatamente por não ser esse o caso que se torna ainda mais importante estudar a geografia. O posicionamento geográfico configura-se como um motivo fundamental para o Iémen ser um país importante, e o facto de ser um Estado falhado configura-se como a oportunidade ideal para controlar um país com uma localização geográfica que lhe confere um importante posicionamento geoestratégico.

A posição privilegiada do Iémen, junto ao golfo de Aden, permite-lhe controlar um *choke point* muito relevante para a geopolítica da região, nomeadamente para o comércio e, em particular, para o comércio de petróleo. Esse *choke point* é o estreito de *Bab El-Mandeb*¹⁴⁹, que fica próximo e a sul de outro estreito essencial que é o estreito

¹⁴⁹ Em português traduz-se para “portal ou portão das lágrimas”, devido às dificuldades ali sentidas na navegação

de Ormuz. Essa circunstância assume relevância acrescida pelo facto de a ilha de Perim - que divide o estreito em dois canais e que fica entre o continente Africano (Djibouti) e o continente Asiático (Iémen) - pertencer ao Iémen, conferindo-lhe um papel fundamental no controlo de quem passa por aquela zona (*Ver Anexo XII e XIII*).

O estreito tornou-se especialmente importante após a criação do Canal do Suez, sendo essencial para aceder ao Mar Vermelho e, posteriormente, ao Mar Mediterrâneo. Grande parte das trocas comerciais passam por aquela zona e, por essa razão, o Iémen é um país extremamente atrativo para outros atores na região.

O estreito¹⁵⁰ estabelece conexões muito relevantes. Está entre a península Arábica e o corno de África, estabelece a ligação entre o Oceano Índico, o Golfo de Aden e o Mar Vermelho, sendo assim a porta de entrada no Mar Mediterrâneo permitindo consequentemente a entrada no continente Europeu. O estreito de *Bab El Mandeb* é considerado o quarto *choke point* mais importante do mundo, nomeadamente

¹⁵⁰ A definição do estreito de *Bab-El-Mandeb* dada pela *Encyclopedia Britannica* ajuda a perceber bem a importância do estreito: “**Bab el-Mandeb Strait**, Arabic **Bāb al-Mandab**, strait between Arabia (northeast) and Africa (southwest) that connects the Red Sea (northwest) with the Gulf of Aden and the Indian Ocean (southeast). The strait is 20 miles (32 km) wide and is divided into two channels by Perim Island; the western channel is 16 miles (26 km) across, and the eastern is 2 miles (3 km) wide. With the building of the Suez Canal, the strait assumed great strategic and economic importance, forming a portion of the link between the Mediterranean Sea and East Asia. The flow through this strait provides for the circulation between the Red Sea and the Gulf of Aden, since no flow takes place through the Suez Canal. The strait’s Arabic name means “the gate of tears,” so called from the dangers that formerly attended its navigation.” - Encyclopedia Britannica, disponível através do seguinte link: <https://www.britannica.com/place/Bab-El-Mandeb-Strait>

considerando o volume de petróleo que é por ali comercializado.¹⁵¹ O que é verdadeiramente importante sublinhar é que, considerando as conexões que o estreito estabelece, qualquer país teria interesse em dominá-lo e, no entanto, é ao Iémen que ele pertence¹⁵².

Este estreito é essencial ao fazer a ligação entre o Golfo Pérsico, o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo através do Mar Vermelho. É tão importante nesta ligação como é o canal do Suez a fazer a ligação entre a Europa, Ásia e África¹⁵³.

¹⁵¹ Ver a tabela 1 do seguinte link: <https://www.eia.gov/beta/international/regions-topics.php?RegionTopicID=WOTC>

¹⁵² Neste sentido, é muito importante referir que também a China percebeu a importância do estreito e, também por causa disso, colocou bases navais no Djibouti em 2017. Os motivos que levaram a essa decisão podem ser explicados através da seguinte frase: “Much of the tension is attributable to a plethora of countries establishing bases in the Horn of Africa for its geostrategic location. Djibouti offers a prime opportunity for third party state actors to observe and defend international commerce passing through the Bab el-Mandeb strait, a shipping passage renowned as the fourth most important world chokepoint for oil exports and imports.” – Disponível através do seguinte link: <https://thediplomat.com/2018/12/chinas-djibouti-base-a-one-year-update/>

¹⁵³ Esta ideia fica clara com a contribuição do artigo “Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country”, de Moosa Elayah; Lau Schulpen; Bilqis Abu-osba; Bakeel Al-zandani que, relativamente à importância geoestratégica do Iémen diz o seguinte: “Yemen is situated in the Strait of Bab al-Mandab in the Red Sea. The Bab Al-Mandeb is a chokepoint for worldwide maritime trade and energy shipments, as it connects the Arabian/Persian Gulf via the Indian Ocean with the Mediterranean Sea via the Red Sea. It is similarly as vital as the Suez Canal for the sea shipping paths and exchange between Africa, Asia, and Europe” O artigo traz ainda um outro elemento relevante para a discussão que é a importância que o controlo eventual do estreito de *Bab El Mandeb* por parte do Irão significaria para Israel. O artigo afirma que, caso o estreito fosse controlado pelos Houthis (logo com grande influência do Irão), Israel teria muita dificuldade em aceder ao Oceano Índico e a desferir a partir daí ataques ao Irão, caso os dois países estivessem em guerra: “Israel has its interest in the Saudi war in Yemen, as controlling Yemen by the militias of al-Houthi will give Iran the ability to control the Strait of Bab al-Mandab. In such a manner, Iran can keep the Israeli military constrained from effortlessly entering the Indian Ocean through the Red Sea to strike Iran if there is a war between the two countries” – *Idem Ibidem*

Outra dimensão essencial e que explica a importância que o estreito assume e, em consequência, a que o Iémen assume é a dimensão económica. A enorme relevância da posição geográfica do Iémen relaciona-se em grande medida com o impacto e os ganhos económicos retirados do comércio de petróleo. Uma parte muito significativa do petróleo no mundo tem origem nos países do Golfo Pérsico, em especial, vindo da Arábia Saudita, que é o segundo maior produtor de petróleo no mundo, logo atrás dos EUA, produzindo cerca de 12 milhões de barris de petróleo por dia.¹⁵⁴ Mais importante do que produzir é comercializar. Para isso, é preciso chegar aos países importadores mais cedo e mais rápido que outros fornecedores, sendo necessária então a criação de canais, infraestruturas e ligações para que isso seja possível. A relevância do estreito de *Bab El Mandeb* está muito relacionada com a abertura do Canal do Suez, como foi referido e a possibilidade entrar no Mar Mediterrâneo através do Canal é essencial, pois caso contrário a travessia terá de ser feita contornando o sul do continente Africano¹⁵⁵, demorando muito mais tempo e exigindo muito mais recursos.

¹⁵⁴ Dados de 2017 retirados da EIA (*US Energy Information Administration*) – Disponível através do seguinte link: <https://www.eia.gov/tools/faqs/faq.php?id=709&t=6>

¹⁵⁵ A *Bloomberg*, ajuda a explicar este argumento: “Ships carrying oil from the Persian Gulf to Europe and North America can avoid the Bab el-Mandeb by traveling around the southern tip of Africa. The voyage from Fujairah, at the exit from the Persian Gulf, to Houston would increase by 2,660 nautical miles, or 28 percent. The distance to Rotterdam would rise by 4,800 nautical miles, or 78 percent, while a journey to Augusta in Italy would be nearly three times as long, at 10,860 nautical miles. The increased distances would add to shipping and fuel costs, and also disrupt supplies. A voyage from Saudi Arabia to Rotterdam takes about 22 days via the Bab el-Mandeb and Suez Canal, compared with 39 days around Africa, according to data compiled from Bloomberg tanker tracking.” - Disponível através do seguinte link: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-07-26/bab-el-mandeb-an-emerging-chokepoint-for-middle-east-oil-flows>

Relativamente à importância do estreito na comercialização do petróleo, os dados retirados da *EIA (US Energy Information Administration)* relativamente a 2016 (últimos dados disponíveis) são impressionantes:

“An estimated 4.8 million b/d of crude oil and refined petroleum products flowed through this waterway in 2016 toward Europe, the United States, and Asia, an increase from 3.3 million b/d in 2011”¹⁵⁶

A dimensão geográfica e económica são indissociáveis. O estreito de *Bab El Mandeb* precisa de ser navegado para que o petróleo possa ser comercializado e, nesse sentido, os países do Golfo Pérsico, em especial a Arábia Saudita, têm grande interesse em influenciar quem pode e não pode entrar no estreito. É também por esse motivo que, para a Arábia Saudita, a manutenção de relações estáveis com o Iémen, mantendo o Irão

¹⁵⁶ Informação disponível através do seguinte link:

<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=32352>

Os dados também são muito relevantes se considerarmos apenas a Arábia Saudita. A *Bloomberg*, no seu website, refere o seguinte relativamente à importância que o estreito assume para a Arábia Saudita: “It [Saudi Arabia] sent 600,000 barrels a day of crude from the Persian Gulf to buyers in Europe and North America this year [2018], according to tanker tracking data compiled by Bloomberg. An additional 330,000 barrels a day were shipped from the country’s main export facility at Ras Tanura to its Red Sea port of Yanbu. On top of that, 120,000 a day went in the opposite direction, to Asia from Yanbu. The kingdom’s total exports have been about 7 million a day this year.— Disponível através do seguinte link: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-07-26/bab-el-mandeb-an-emerging-chokepoint-for-middle-east-oil-flows>

afastado do território Iemenita são matérias de segurança nacional. Não é apenas pela estabilidade da fronteira em terra. É muito porque se o Iémen, controlado pelo Irão, decidir que a Arábia Saudita fica sem acesso de navegação no estreito, esta fica numa posição muito sensível. Na verdade, qualquer país que não seja aliado do Irão ficaria numa situação muito sensível¹⁵⁷.

Constata-se pois que o posicionamento geoestratégico do Iémen e o controlo do estreito de *Bab El Mandeb* são essenciais não apenas sob um prisma de influência regional. Esta situação tem também efeitos a nível global e os seus efeitos repercutem-se nos aliados da Arábia Saudita e de Israel, desde logo os Estados Unidos da América. Os EUA consideram que a estabilidade e segurança dos dois países representam um assunto de segurança nacional norte- americano. Para além disso, permitir que o Irão controle o estreito é conferir também aos seus aliados, Rússia e China, uma posição muito privilegiada naquela zona do globo, o que seria catastrófico para a liderança dos EUA na cena global.

Este argumento é mencionado no artigo “Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country”::

“The United States of America and the other Western countries allied with it also have their own geopolitics behind the war in Yemen. The Western alliance, especially America, believe that the security of Israel and Saudi Arabia is part of their national security and thus the prejudice of these two countries is a serious threat to global peace and security. America believes that Iran's rule and control over Yemen will be catastrophic for American influence in the world. Iran's control of Bab al-Mandab via the

¹⁵⁷ “A large portion of oil originates from Saudi Arabia and other Arabian gulf countries (...)in this manner a state loyal to Iran and possessing ballistic weapons may pose a major threat to the Saudi economy, and to the global economy reliant on the oil and gas originating from the Middle East.” – Disponível através no artigo “Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country”, 5

Houthis means giving Iran's allies, Russia and China, a position in this important chokepoint for the whole world. Hence the global competition and the proxy war is occurring again in Yemen”¹⁵⁸

O controlo do estreito caiu nas mãos dos Houthis logo em Março de 2015, até que em Outubro do mesmo ano, o regime de Hadi apoiado pelos Sauditas conseguiu capturar a ilha de Perim¹⁵⁹ (*ver Anexo XII*) e controlar o lado Iemenita do estreito. Em Outubro de 2015, a coligação liderada pela Arábia Saudita, e que contava com o contributo dos Emirados Árabes Unidos¹⁶⁰, lançou uma ofensiva para recuperar os territórios que iam de Aden até ao estreito.

Como explica Shaul Shay, os Sauditas encontraram pouca resistência por parte dos Houthis:

“The coalition forces met with little resistance during its 160-kilometer advance from Aden to the Bab al Mandab. By the second week of October 2015, Houthi forces holding the strait had pulled out. Mop-up operations continued with Saudi and Egyptian airstrikes

¹⁵⁸ “Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country”, 5

¹⁵⁹ A ilha de Perim pertence ao Iémen e está situada no estreito de *Bab El Mandeb*

¹⁶⁰ Não é objetivo da presente dissertação analisar o papel dos Emirados Árabes Unidos no conflito Iemenita. No entanto, desde 2015 que os EAU têm sido um ator essencial e têm estado bastante ativos. No artigo de Jonathan Fenton-Harvey, intitulado “How the UAE is destroying Yemen”, ficam bem explicados os interesses que movem os EAU a ser uma peça importante no Iémen. É escrito no artigo: “The UAE's long-term goals have become increasingly clear: to divide Yemen and create a friendly southern state, which would secure trade routes through the port of Aden to the rest of the world; to exploit Yemen's natural resources; and to empower itself as a regional hegemon.” – Disponível através do seguinte link: <https://www.middleeasteye.net/opinion/how-uae-destroying-yemen>

and naval gunfire supporting naval and helicopter landings to clear the Red Sea islands”¹⁶¹

Os Sauditas, cientes da importância do estreito e do controlo da costa ocidental do Iémen, lançaram em 2017 uma operação chamada *Golden Spear*, consistia em libertar a costa ocidental do Iémen do domínio dos Houthis. A costa ocidental era, e é, absolutamente fundamental para garantir o controlo do estreito de *Bab El Mandeb* e a entrada no Mar Vermelho, sendo que o objetivo final era o de libertar a cidade de Hodeida que, como se verá, é ainda hoje absolutamente essencial tanto para os Houthis, como para a entrada de ajuda Humanitária no país e, no fundo, para toda a relevância que o Iémen assume¹⁶².

O plano das forças governamentais para recuperar o estreito de *Bab El Mandeb* passou então pela libertação de dois portos essenciais na costa ocidental Iemenita – Mokha e Midi – sendo ainda fundamental conquistar o porto de Hodeida (*Ver Anexo XIII*)

¹⁶¹ Artigo de Shaul Shay, de Junho de 2018, publicado pelo “Institute for Policy and Strategy” da Universidade IDC Herzlyia de Israel; página 2

¹⁶² Como afirma Shaul Shay no seu artigo: “Yemen’s army, backed by the Saudi-led coalition, launched in January 2017, a major military offensive, operation ‘Golden Spear’, aimed at ousting the Houthis from the country’s long western coast and securing the strategic Bab al-Mandab Strait against Houthi missile attacks. The final destination of the offensive is the city of Hodeida, the last major coastal city under their control” - Artigo de Shaul Shay, de Junho de 2018, publicado pelo “Institute for Policy and Strategy” da Universidade IDC Herzlyia de Israel; página 1

A libertação do porto de Mokha

Para controlar o estreito de *Bab El Mandeb* era necessário controlar os portos situados na costa Oeste do Iémen. Um deles é o porto de Mokha na província de Taiz. A coligação liderada pela Arábia Saudita e o regime de Hadi acusavam os Houthis de traficar armas que vinham do Irão e que entravam no Iémen através do porto de Mokha. A ofensiva com o objetivo de libertar o porto do controlo dos rebeldes foi selada com sucesso no dia 23 de Janeiro de 2017, como explica Shaul Shay:

“After heavy clashes with Houthi rebels, Yemen government forces backed by coalition jets, attack helicopters and warships stormed the town of Mokha and its seaport from different directions and on January 23, 2017, took control of the strategic port town of Mokha”¹⁶³

A libertação do porto de Midi

A batalha pela libertação do porto de Midi foi uma das mais longas e intensas tendo durado cerca de três anos a ser concluída. O porto, à semelhança de outros portos na costa Iemenita, estava a ser utilizado como porta de entrada de armas para dentro do país.¹⁶⁴ Era então essencial conseguir que o porto deixasse de ser controlado pelos Houthis, o que exigiu às forças governamentais um esforço muito substancial, até que em Abril de 2018, essas forças conseguiram capturar a cidade e obrigar vários elementos dos Houthis a render-se ou a abandonar o local¹⁶⁵. Também através destes

¹⁶³ Shaul Shay, “The war over the Bab al Mandab straits and the Red Sea coastline”, 3

¹⁶⁴ Shaul Shay, “The war over the Bab al Mandab straits and the Red Sea coastline”, 3

¹⁶⁵ Neste sentido, Shaul Shay afirma o seguinte: “The battle for Midi has been one of the longest-lasting continuous campaigns in the war (3 years). On April 11, 2018, forces loyal to the internationally-recognized president of Yemen, backed by the Saudi-led coalition troops and fighter jets, seized control

episódios se pode observar a seriedade com que as forças governamentais encaravam o desafio de libertar a costa Ocidental e quão difícil isso era, na medida em que os Houthis tinham sido capazes de se instalar e de combater de forma bastante aguerrida. O porto de Midi tinha ainda a particularidade de se situar muito perto de Sa'dah (*Ver Anexo XIII*), a província onde os Houthis eram naturalmente mais fortes.

A libertação do porto de Hodeida

A libertação do porto de Hodeida, que deu origem a outra operação intitulada “Operation Golden Victory” e que se iniciou a 11 de Maio de 2018, foi um dos momentos mais importantes para as forças governamentais dada a importância estratégica do porto, mas também pelo facto de Hodeida ser a terceira cidade mais populosa do Iémen, sendo considerada um centro de negócios e de indústria e por essa razão poder representar ganhos económicos claros através de tarifas e taxas alfandegárias.¹⁶⁶

Hodeida assume também um papel essencial, por outros motivos¹⁶⁷:

of the port city of Midi in the northern province of Hajja after fierce clashes with the Houthis. Many Houthi combatants had surrendered to army units, while others fled the site”

¹⁶⁶ “Hodeidah with a population of 600,000 people is the third most populated city in Yemen. Hodeidah is considered a hub for business and industrial activities and its port is considered the second biggest in the country after Aden port. The control over Hodeidah port also means the control over economic incomes from customs and tariffs on exported and imported goods.” – Shaul Shay, “The war over the Bab al Mandab straits and the Red Sea coastline”, 4

¹⁶⁷ Os motivos elencados foram retirados no artigo de Shaul Shay, na página 4

- 1) É uma entrada privilegiada para a capital do país, Sanaa, assim como para as ilhas Iemenitas no mar vermelho¹⁶⁸ e cerca de 70% das importações Iemenitas passam por este porto¹⁶⁹;
- 2) É a principal sede ou quartel-general dos Houthis na costa ocidental e a principal entrada utilizada pelos Houthis para tráfico de armas. Contém ainda várias importantes instalações militares e de segurança;
- 3) O porto de Hodeida é a entrada principal de ajuda humanitária no país (este ponto será elaborado e desenvolvido no próximo sub-capítulo, em que serão analisados os custos humanitários da guerra), entrando por ali produtos básicos para combater a fome e a epidemia de cólera no país;

Hodeida é também essencial dum ponto de vista estratégico. A Oeste é um dos portos fundamentais, sendo usado para a troca de inúmeros bens entre a Europa, Ásia e África através do canal do Suez. A este de Hodeida fica *Tihama*, a área agrícola mais importante no Iémen e o seu terreno mais fértil. Finalmente a norte, fica o terminal petrolífero que chegou a ser o maior terminal exportador de petróleo no Iémen¹⁷⁰

¹⁶⁸ Na dissertação foi apenas referida a ilha de Perim, por ser fundamental no estreito de *Bab El Mandeb*. No entanto, o Iémen têm outras sete ilhas (algumas são grupos de ilhas) ao longo do mar vermelho

¹⁶⁹ “Hudaydah's port is the principal lifeline for just under two-thirds of Yemen's population, which is almost totally reliant on imports of food, fuel and medicine” - <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-44471977>

¹⁷⁰ “To the west of the city is the Red Sea and major international shipping lanes that are used to move goods between Europe, Asia and Africa via the Suez Canal. To the east is the fertile Tihama plain, Yemen's most important agricultural area. And just to the north is the Ras Isa oil terminal - which served the Marib oilfields and was the country's main export terminal - and the nearby port of Saleef” - <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-44471977>

A operação “Golden Victory”, foi iniciada depois das forças governamentais garantirem o controlo de várias áreas na província de Taiz. A ideia era entrar pelo sul da cidade, garantindo que os Houthis ficavam sem possibilidade de reforço e ajuda e, posteriormente, o plano era o de abrir um canal a norte para que os Houthis fossem saindo enquanto as forças governamentais tomavam o controlo da cidade.

A 2 de Junho de 2018, Martin Griffiths, enviado especial das Nações Unidas para o Iémen, chegou ao país com o objetivo de iniciar conversações de paz. Estas negociações serão analisadas no último sub-capítulo mas, no entanto, é possível elencar algumas razões que explicam a decisão da ONU. Passados cerca de três anos desde o início da guerra, o Iémen estava a viver uma violenta catástrofe humanitária, com consequências terríveis que serão analisadas no próximo sub-capítulo. Para além disso, colocava-se, em Junho de 2018, o risco sério de agravar essas consequências, considerando que, de acordo com as Nações Unidas, um conflito em Hodeida podia causar cerca de 250 mil mortos e cortar a ajuda humanitária a milhões de pessoas¹⁷¹. A conquista de Hodeida era absolutamente essencial para as forças governamentais, fundamentalmente, porque era a maior área de costa dominada pelos Houthis o que significava que se Hodeida fosse libertada, grande parte da capacidade militar dos Houthis ficava comprometida o que permitiria às forças governamentais estabelecerem-se como principal força na costa ocidental, não esquecendo que já dominavam os portos de Mokha e de Midi. Precisamente por esta conquista ser tão importante para as forças governamentais, a intervenção da ONU revelou-se importante, pois de outra forma dificilmente as partes teriam aceitado sentar-se à mesa das negociações. É de relevar

¹⁷¹ <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-44471977>

que se tanto as forças governamentais como os Houthis aceitaram negociar, mesmo com tantos interesses em jogo, é porque um conflito em Hodeida podia acarretar perdas incalculáveis¹⁷².

Em síntese, depois deste sub-capítulo é possível entender claramente a importância do Iémen na região e até no mundo. Essa importância pode ser resumida em três pontos:

- 1) A localização geográfica do Iémen assume um valor considerável. Situado junto ao golfo de Aden e ao estreito de *Bab El Mandeb*, o Iémen é fundamental na medida em que controla esse *choke point*. O Iémen faz então a ligação entre o Oceano Índico, o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo, posição esta que ficou ainda mais relevante desde a abertura do canal do Suez;
- 2) Ao estar localizado junto ao estreito, o Iémen assume relevância económica, considerando que grande parte das trocas comerciais passam por ali, algo que fica claro com os números divulgados pela *EIA*. O fator económico, associado

¹⁷² Relativamente à importância que a libertação de Hodeida assume para as forças governamentais, Shaul Shay afirma o seguinte: “The May 2018 offensive is aimed at liberating the city of Hodeida, the last major coastal area under control of the Houthi militias. Liberating Hodeidah would give the Arab coalition the upper hand in the war, which it has fought since 2015 to restore the internationally recognized government led by President Abed Rabbo Mansour Hadi. If the Yemeni armed forces backed by the Arab coalition regain control over the city, then all coastal fronts vital for Houthis armed and logistic supplies will consequently fall, especially given that the Yemeni legitimate government has control over the strategic ports of the coastal city of Midi and al-Mokha” - Shaul Shay, ““The war over the Bab al Mandab straits and the Red Sea coastline”, 8

ao fator geoestratégico despertou a atenção não apenas de atores regionais, mas também de atores globais;

- 3) Por ser tão importante controlar o *choke point* que presentemente o Iémen não consegue dominar, a coligação liderada pela Arábia Saudita lançou a operação “Golden Spear” para retirar a costa ocidental do Iémen ao domínio dos Houthis, libertando, para isso, os portos de Mokha e de Midi. O processo relativamente ao porto de Hodeida será elaborado mais exhaustivamente no último sub-capítulo.

III. 3 Crise Humanitária

“The war in Yemen, which escalated in March 2015 when a Saudi-led coalition intervened on behalf of the internationally recognised government against Huthi rebels aligned with former President Ali Abdullah Saleh, has turned a poor country into a humanitarian catastrophe”¹⁷³

Ao longo de toda a dissertação foram sendo explicados os vários conflitos internos do Iémen. Foram analisadas as guerras de Sa’dah iniciadas em 2004 e foi estudada a guerra civil em curso no Iémen desde 2015. Foi também explicada a importância e a relevância desses conflitos internos assumiam para a Arábia Saudita e para o Irão e como estes dois países se têm combatido no Iémen, transformando este país no palco de uma *proxy war*. Já neste capítulo se deixou clara a ideia de que o Iémen é um país realmente importante para a região, por motivos geoestratégicos, económicos (resultantes da localização geográfica) e que, o facto de ser um Estado falhado, faz com que outros países queiram exercer a sua influência no Iémen.

Agora, será explicado porque é que o Iémen merece a atenção de todo o mundo. Porque é que toda a comunidade Internacional deve focar a sua atenção no que se passa em território Iemenita. A crise humanitária vivida naquele país foi já considerada pela ONU como sendo a pior do mundo. No entanto, o Iémen continua a ser a “guerra esquecida”.

¹⁷³ International Crisis Group – Disponível em <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/yemen-war>

Neste sub-capítulo analisar-se-á como as alterações climáticas têm prejudicado a vida dentro do Iémen, como a falta de água potável torna a vivência diária absolutamente desesperante, como o surto de doenças, nomeadamente da cólera, têm arrasado o país e, finalmente, como o crescimento exponencial da população em pouco tempo contribuiu para que todos estes fatores tivessem feito com que no Iémen se viva uma autêntica catástrofe Humanitária.

Como referido, o Iémen atravessa em 2019 a pior crise humanitária do mundo e os números são verdadeiramente impressionantes. Em Outubro de 2018, Mark Lowcock, subsecretário geral da ONU responsável pelos assuntos humanitários e coordenador da ajuda de emergência, afirmou que, no Iémen, 24 milhões de pessoas precisavam de ajuda humanitária¹⁷⁴ e que existiam cerca de dois milhões de pessoas deslocadas dentro do país.¹⁷⁵ A ONU anunciou que 14 milhões de pessoas estão à beira da fome, sendo que 8 milhões necessitam de ajuda urgente¹⁷⁶ e a associação “Save The Children” afirmou que nos três anos de guerra morreram cerca de 85 mil crianças com menos de cinco anos de idade. Existem 2 milhões de crianças subnutridas, sendo que 400 mil estão gravemente doentes¹⁷⁷. No mínimo, morreram já 6.800 civis e 10.700 ficaram feridos durante a guerra e um surto de cólera historicamente grave atacou cerca de 1.2 milhões de pessoas.¹⁷⁸ Para além destes dados, o “United Nations Office for the

¹⁷⁴ <https://www.aljazeera.com/news/2018/12/yemen-face-worst-humanitarian-crisis-2019-181204105615554.html>

¹⁷⁵ <https://newrepublic.com/article/152011/climate-change-aggravating-suffering-yemen>

¹⁷⁶ <https://www.nytimes.com/interactive/2018/10/26/world/middleeast/saudi-arabia-war-yemen.html>

¹⁷⁷ <https://www.nytimes.com/interactive/2018/10/26/world/middleeast/saudi-arabia-war-yemen.html>

¹⁷⁸ <https://www.bbc.com/news/world-middle-east-46261983>

Coordination of Humanitarian Affairs (*OCHA*)” anunciou¹⁷⁹ que 16 milhões de pessoas não têm acesso a água potável e a saneamento básico¹⁸⁰ e que 16. 4 milhões de pessoas não têm acesso a cuidados de saúde adequados.¹⁸¹ A *OCHA* acrescenta ainda que cerca de 1.25 milhões de funcionários públicos não recebem qualquer salário desde Agosto de 2016 ou receberam-no de forma intermitente. Deve lembrar-se que o Estado é o principal empregador no Iémen, ou seja, significa que centenas de milhares de famílias ficaram, de repente, sem qualquer meio de sustento. Esta é uma realidade devastadora. Para além dos salários não serem pagos, a inflação disparou quando em 2016, o governo Iemenita transferiu as operações do Banco Central de Sanaa (controlado pelos Houthis) para Aden. Em Aden, apesar dos Houthis terem deixado de conseguir controlar as operações do Banco Central, este passou a ser gerido na prática pelos Sauditas. Estes começaram a imprimir vastas gamas de dinheiro novo para entrar em circulação o que resultou num aumento exponencial dos preços devido à inflação galopante que resultou dessa atuação dos Sauditas. Este é um exemplo paradigmático e que explica bem a influência que os Sauditas exerciam nas forças governamentais, chegando ao ponto de

¹⁷⁹ <https://www.unocha.org/yemen/about-ocha-yemen>

¹⁸⁰ Relativamente a este ponto em particular, a *OCHA* afirma o seguinte: “Only 50 per cent of the total health facilities are functioning, and even these face severe shortages in medicines, equipment, and staff”

¹⁸¹ Os números variam e muitas vezes as Instituições e organizações apresentam dados diferentes. Por exemplo relativamente ao acesso a água potável e saneamento básico a UNICEF afirma que são 19.3 milhões de pessoas sem acesso e afirma ainda que “Of these [19.3], 50 per cent have been directly cut off from these basics of life by the conflict” - https://www.unicef.org/yemen/activities_11440.html

controlar as operações do Banco Central, que o governo tinha ordenado que saísse de Sanaa¹⁸².

Os dados impressionam ainda mais se se pensar no longo prazo. Estão em causa gerações de jovens e de crianças que deixaram de ir à escola. Entre 12 mil e 14 mil escolas fecharam e os professores deixaram de receber salário.¹⁸³ Neste sentido, os problemas que se vivem no Iémen terão efeitos prolongados no tempo. Mesmo que o conflito termine em 2019, as crianças e jovens que tiveram de abandonar a escola terão muito mais dificuldade em se adaptar às exigências de um mundo em mudança. São crianças e jovens traumatizados pela guerra e que têm o seu futuro hipotecado. As alterações climáticas têm originado efeitos gravíssimos e são muito difíceis de combater, pois o Iémen tem diferentes sistemas ecológicos, o que dificulta que se tome uma posição firme, como é referido no artigo de Hadil Mohamed, Moosa Elayah e Lau Schuplen:

“Yemen is characterized by 5 major ecological systems as follows: Hothumid coastal plain, temperate highlands, Yemen high plateaus and Hadramout and AlMmahrah uplands, The Desert Interior and the Islands Archipelago”¹⁸⁴

¹⁸² É o que afirma Declan Walsh no *New York Times*: “In 2016, the Saudi-backed Yemeni government transferred the operations of the central bank from the Houthi-controlled capital, Sana, to the southern city of Aden. The bank, whose policies are dictated by Saudi Arabia, a senior Western official said, started printing vast amounts of new money — at least 600 billion riyals, according to one bank official. The new money caused an inflationary spiral that eroded the value of any savings people had” — Disponível através do seguinte link:

<https://www.nytimes.com/interactive/2018/10/26/world/middleeast/saudi-arabia-war-yemen.html>

¹⁸³ Hadil Mohamed, Moosa Elayah, Lau Schuplen, “Yemen between the impact of the climate change and the ongoing Saudi – Yemen war: A real tragedy”, 1

¹⁸⁴ *Idem Ibidem*, 2

O sector agrícola, que representa quase 50% da força de trabalho no Iémen, é ainda muito primitivo e pouco tecnológico, estando também por isso muito sujeito às alterações climáticas e ficando muito vulnerável tanto às secas como às cheias¹⁸⁵

Aliado às alterações climáticas surge a falta de água, o que tem graves implicações na vida dos Iemenitas, sendo que a capital do país, Sanaa, é uma das dez cidades no mundo com maior escassez de água. O problema da falta da água tem repercussões a vários níveis, desde logo ambientais e socio-económicas. A fraca segurança alimentar e a queda da produção agrícola levam à degradação da terra, tornando difícil a sua utilização e aproveitamento. Tudo isto faz aumentar a competição pelos poucos e fracos recursos existentes, sendo esse um fator de agravamento das vulnerabilidades de quem vive no Iémen e, em particular, de quem depende do setor agrícola¹⁸⁶.

Prevê-se que as alterações climáticas continuem e se agravem. As projeções¹⁸⁷ apontam para um aumento considerável da temperatura a cada ano que passa, o que afetará essencialmente o interior do país, dando origem a um êxodo para o litoral, deixando o interior do país desertificado.

¹⁸⁵ Mesmo as chuvas variam bastante dentro do país: “Rainfall varies widely across the country, from less than 50 mm along the coast, and rising with the topography to between 500 and 800 mm in the Western Highlands, and dropping again to below 50 mm in the desert interior” – *Idem Ibidem*, 2

¹⁸⁶ “The increasingly growing water crisis in Yemen has severe socioeconomic and environmental consequences including decreased agriculture productivity, reduced food security, increased conflict over resources and accelerated land degradation, and increased livelihood vulnerability” - Hadil Mohamed, Moosa Elayah e Lau Schuplen no artigo “Yemen between the impact of the climate change and the ongoing Saudi – Yemen war: A real tragedy”, 2

¹⁸⁷ *Idem Ibidem*, 3

O Iémen é então um dos países com maior escassez de água no mundo, causada pelas secas, por um clima seco e por má gestão por parte do governo¹⁸⁸. Este é um factor que contribui para que os conflitos locais se intensifiquem, especialmente por o Iémen ser um país muito tribal onde as identidades são muito marcadas pelos direitos de propriedade sobre os territórios, especialmente se estiverem perto de zonas de fornecimento de água. Um bom exemplo disso foi a rejeição pelos Houthis do esboço de federação que Hadi havia proposto exatamente porque ficavam sem ligação à costa ocidental.

Hadil Mohamed, Moosa Elayah e Lau Schuplen ajudam a explicar este ponto afirmando:

“In rural Yemen, identity is connected to land and water rights, and conflicts over these rights could be the spark for larger tribal disputes. It is therefore no surprise that the pressure is being felt locally from the lowering water supplies”¹⁸⁹

O problema da escassez de água piorou devido à guerra que se iniciou no Iémen em 2015, existindo relatos de que tanto as forças governamentais como os Houthis bloquearam as ajudas humanitárias e os abastecimentos de água e comida. Isso tem acontecido tanto a nível de bombardeamentos que atingem reservas de água, como

¹⁸⁸ Como se explica no artigo mencionado acima: “[Yemen] It's among the most Water-stressed countries in the world, brought on by regional drought, a naturally dry climate and failed attempts at management”

¹⁸⁹ *Idem Ibidem*, 5

existem também relatos de guardas a confiscar água a civis. Este exemplo demonstra bem o nível que o conflito atingiu¹⁹⁰.

As alterações climáticas não são, no entanto, uma novidade ou um problema novo para o Iémen¹⁹¹. O país tem sido avisado, desde pelo menos 2010¹⁹², altura em que o Banco Mundial emitiu um relatório avisando que o clima iria ficar mais seco e que haveria chuvas mais violentas e difíceis de prever. No relatório é referido o seguinte:

¹⁹⁰ O parágrafo é sustentado pela seguinte afirmação: “There have been reports of both the Houthi and Saudi forces blocking deliveries of humanitarian aid consisting of food and water. In February 2016, there were reports that Saudi planes bombed and destroyed a reservoir that held the drinking water for 30,000 Yemenis; roughly 5,000 cubic meters of water. There have also been reports of guards confiscating water from civilians at Houthi-controlled checkpoints around the city of Taiz” - Hadil Mohamed, Moosa Elayah, Lau Schuplen, “Yemen between the impact of the climate change and the ongoing Saudi – Yemen war: A real tragedy”, 5

¹⁹¹ As consequências da guerra aliadas às alterações climáticas são facilmente visíveis, como afirma Margaret Suter no seu artigo “An Update on Yemen’s Water Crisis and the Weaponization of water”, quando a autora afirma o seguinte: “With the onset of conflict, even regions once known for their lush green landscapes and arable soil have become unrecognizable. In Ibb, for example, Yemen’s most fertile area, an influx of internally displaced persons and the subsequent resource strain have rendered the land parched and unworkable. An inability to grow crops not only contributes to the humanitarian crisis facing Yemen’s growing population, but also affects its economic prospects”

¹⁹² Margaret Ruter afirmou ainda o seguinte: “Yemen was considered one of the world’s most severely water-stressed countries even before the war, with public water accessible to just half of the overall urban population, and to about 40 percent in rural areas.”

“Possible climate change impacts, such as more violent and less predictable rainfall and a hotter and possibly drier climate, would place Yemen’s people and economy under further stress”¹⁹³

Quatro anos depois, o Banco de Mundial voltou a avisar:

“[The region would] get hotter and drier if warming trends continued. This would cause shorter growing seasons, which could threaten food security and competition for dwindling natural resources could fuel conflict.”¹⁹⁴

Devido à escassez de água, o controlo de provisões tem sido, para os dois lados, uma estratégia imperativa e essencial para a gestão do conflito¹⁹⁵ Neste sentido, a operação “Golden Victory” que nasceu com o objetivo de capturar Hodeida, desempenhou (e ainda desempenha) um papel essencial no escalar da crise humanitária. Quando a guerra chegou ao norte da cidade, a única rota viável de transporte em larga escala de bens e de produtos que ia de Hodeida para o resto do país foi bloqueada. A importância do porto de Hodeida já foi mencionada anteriormente, mas é essencial lembrar que Hodeida assume um papel essencial não apenas dum ponto de vista geoestratégico, mas também de um ponto de vista de ajuda humanitária. Hodeida é a principal entrada de ajuda Humanitária no país. Cerca de 70% do que é comercializado e da ajuda Humanitária que entra no Iémen entra pelo porto de Hodeida, que desempenha ainda um papel essencial no plano de apoio e ajuda médica, incluindo o

¹⁹³ Informação retirada do seguinte link: <https://newrepublic.com/article/152011/climate-change-aggravating-suffering-yemen>

¹⁹⁴ Texto retirado do mesmo link da nota acima

¹⁹⁵ É o que diz Margaret Suter no seu artigo “An Update on Yemen’s Water Crisis and the Weaponization of water”: “It is clear that for both sides, the struggle for access to water and control of its provision continues to be a strategic imperative, with the effect of mass civilian suffering.”

armazenamento de *stocks* de comida e água¹⁹⁶. O porto continua no entanto a ser dominado pelos Houthis e a coligação liderada pela Arábia Saudita impôs um bloqueio ao mesmo, fazendo com que o a crise humanitária se fosse agravando. No entanto não é apenas a coligação a utilizar como arma de guerra recursos essenciais como a água¹⁹⁷. Também os Houthis o fizeram para dificultar a batalha pelo controlo da província de Taiz, obstaculizando também a ajuda das organizações humanitárias aos cidadãos. No fundo, a situação humanitária é muito causada pela falta de água e de recursos essenciais, que se agravam também devido às alterações climáticas e ao crescimento da população como se verá. No entanto, as partes que se confrontam no Iémen têm utilizado esses problemas para ganhar vantagem no conflito, deixando para segundo lugar as necessidades e vulnerabilidades dos cidadãos.

Em resultado do conflito, dos problemas de escassez de água potável, aliado ao declínio da produtividade agrícola e às alterações climáticas surgiu no Iémen uma das maiores epidemias de cólera de sempre atacando cerca de 1.2 milhões de pessoas como aliás foi acima mencionado. O surto de cólera demonstra bem as fragilidades vividas no Iémen pois, mesmo em países em desenvolvimento, a cólera é facilmente tratada com

¹⁹⁶ “The Hodeidah Port serves as the central point through which approximately 70 percent of Yemen’s commercial and humanitarian supplies are imported, including crucial stores of food, water, and medicine for civilians in Houthi-held areas.” - Margaret Suter no seu artigo “An Update on Yemen’s Water Crisis and the Weaponization of water”

¹⁹⁷ “The weaponization of water through siege and blockades is a tactic both sides in the conflict have readily employed in an attempt to strengthen their leverage. Houthi forces have adopted these tactics to restrict the access in the battle for control of Taiz, which has severely constrained the ability of aid organizations to supply vulnerable civilians in need.” - *Idem Ibidem*

antibióticos. No entanto, a subnutrição¹⁹⁸ fez com que no Iémen a cólera tenha alastrado.¹⁹⁹ Com os sistemas de saneamento destruídos, assim como as infraestruturas de água potável, os casos de cólera aumentaram exponencialmente entre 2015 e 2017, tendo havido uma diminuição em 2018, mas existindo o receio de haver um terceiro surto²⁰⁰, algo que não é apenas grave e preocupante, mas de onde pode ser retirada a leitura de que o conflito em vez de estar a caminhar rumo a uma solução e um fim, está a piorar. Essa possibilidade veio mesmo a materializar-se:

“Yemen’s cholera outbreak - the worst in the world - is accelerating again, with roughly 10,000 suspected cases now reported per week, the latest data from the World Health Organization (WHO) That is double the average rate for the first eight months of the year,

¹⁹⁸ A subnutrição faz com que milhares de crianças fiquem sujeitas à cólera, como foi dito pela Reuters em Outubro de 2018 – “Some 1.8 million Yemeni children are malnourished, making them more vulnerable to disease, the U.N. Children’s Fund (UNICEF) says. They include nearly 400,000 whose lives are at risk from severe acute malnutrition.” (Disponível através deste link:

<https://www.reuters.com/article/us-yemen-security-cholera/yemen-cholera-outbreak-accelerates-to-10000-cases-per-week-who-idUSKCN1MC23J>

¹⁹⁹ Este parágrafo é baseado no artigo de Hadil Mohamed, Moosa Elayah, Lau Schuplen, “Yemen between the impact of the climate change and the ongoing Saudi – Yemen war: A real tragedy”, na página 6

²⁰⁰ Margaret Suter afirma: “As sanitation failed, cholera rapidly spread. While cholera was endemic to Yemen before the conflict, the spate of cases rose sharply from 2015 to 2017, following the destruction of critical water infrastructure that left many reliant on unsafe sources of drinking water. Although cases have reduced dramatically in 2018, the UN says it is concerned about a possible “third wave” of the epidemic. In October 2018, the Ministry of Public Health of Yemen reported that the cumulative total number of suspected cholera cases from April 2017 to September 2018 was 1,207,596, with 2,510 associated deaths.” - Margaret Suter no artigo “An Update on Yemen’s Water Crisis and the Weaponization of water”

when 154,527 suspected cases of cholera - which can kill a child within hours if untreated - were recorded across the country, with 196 deaths”²⁰¹

A falta de saneamento básico é apenas uma parte do problema. É necessário adicionar ainda a falta de cuidados de saúde e as consequências do conflito que continua a decorrer²⁰²

A Organização Mundial de Saúde alertava em Outubro de 2018 que os números tinham aumentado em Setembro do mesmo ano e que cerca de 30% dos afetados de cólera no Iémen eram crianças com menos de 5 anos. Para além disso, na mesma altura a cólera já tinha alastrado praticamente pelo país todo. Só em 2018 tinham sido detetados 15201 casos suspeitos de cólera, sendo que 14% eram casos severos e graves. Os números são alarmantes e são mais uma prova da catástrofe humanitária vivida no país, com mais de um milhão de casos detetados entre Abril de 2017 e Setembro de 2018, com 2510 mortes associadas²⁰³.

²⁰¹ Reuteurs - <https://www.reuters.com/article/us-yemen-security-cholera/yemen-cholera-outbreak-accelerates-to-10000-cases-per-week-who-idUSKCN1MC23J> - Na mesma notícia é ainda acrescentado o seguinte: “WHO spokesman Tarik Jasarevic said 185,160 suspected cholera cases were reported into September (...) Since Yemen’s cholera epidemic erupted in April 2017, a total of 1.2 million suspected cases have been reported with 2,515 deaths”

²⁰² Relativamente à influência que o conflito tem na propagação da cólera, Margaret Suter diz o seguinte: “In August 2018, airstrikes severely damaged Al Thawra Hospital in Hodeidah, which had served as a critical epicenter for cholera treatment. Following the attack, it was reported that estimated cholera cases in the city rose by a third”

²⁰³ Organização Mundial de Saúde no seguinte link: <http://www.emro.who.int/pandemic-epidemic-diseases/cholera/outbreak-update-cholera-in-yemen-11-october-2018.html>

A catástrofe vivida no Iémen foi agravada pelo crescimento exponencial da população num curto espaço de tempo. Dados do Banco Mundial indicam que o Iémen entre 2000 e 2017 aumentou a população em mais de 10 milhões de habitantes passando de 17.874.725 para 28.250.420.²⁰⁴ Este aumento exponencial da população coincidiu com um século XXI até agora muito difícil para o Iémen. Relembre-se que em 2004 se iniciaram as guerras de Sa'dah que duraram até 2010, seguidas da primavera Árabe em 2011 e que fez com o que o ex-Presidente Saleh se demitisse, tendo-se iniciado, em finais de 2014, a guerra civil com consequências terríveis para a população Iemenita. Tudo ficou então mais complicado quando à falta de recursos se juntou o aumento da população. Para fazer face a este aumento seria necessário ter instrumentos à disposição como uma economia competitiva e emprego, assim como incentivos para as pessoas não abandonarem o interior do país. A verdade é que, no Iémen, se verificou exatamente o oposto: uma economia arruinada e um país destruído.

²⁰⁴ Dados disponíveis aqui: <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=YE>

III. 4 Negociações de paz

Entrando no último sub-capítulo da dissertação, é importante salientar e escrever sobre as negociações de paz que se iniciaram no final de 2018. Chegados até aqui e considerado explicados a importância que o Iémen assume na região, os motivos que levaram à interferência de outros atores regionais (e até globais) e tendo-se elaborado sobre a crise humanitária vivida naquele país, entende-se que está demonstrada a importância do Iémen na região e o porquê deste país dever merecer a atenção de toda a comunidade internacional.

Fará então sentido terminar a investigação dando conta dos acontecimentos mais recentes que decorreram até ao início de Março de 2019, data apontada para a conclusão desta dissertação. Mais sentido fará considerando que se tratam de negociações de paz entre as forças governamentais e os Houthis que, poderão ou não, levar ao fim do conflito ou, pelo menos, ao seu abrandamento. Neste último sub-capítulo serão exploradas as razões que fizeram com que se sentisse a necessidade de terminar um conflito que, apesar de muito violento, tem muitos interesses associados. Explicar-se-ão os motivos que levaram à necessidade de firmar um acordo e far-se-á referência ao acordo de Estocolmo,²⁰⁵ explicando o que significa e qual o seu impacto potencial. Por fim, refletir-se-á sobre se a possibilidade de paz no Iémen é real ou não mas, dada a

²⁰⁵ “Em dezembro do ano passado, os rebeldes Houthi e o governo do país chegaram a um acordo, na capital da Suécia, que prevê uma troca de prisioneiros, a criação de uma zona desmilitarizada e o compromisso com novos encontros” – Informação retirada do seguinte link: <https://news.un.org/pt/story/2019/01/1653832>

imprevisibilidade de todo o conflito, não se tentará esboçar nenhum cenário em concreto.

No final de Outubro de 2018 o conflito chegou à cidade de Hodeida. Como foi já referido anteriormente, as forças governamentais com o apoio da coligação Internacional liderada pela Arábia Saudita iniciaram uma operação com o objetivo de libertar a costa ocidental do domínio dos Houthis. Depois de libertados os portos de Mokha e de Midi, chegou a vez de libertar o porto de Hodeida. No entanto, o porto de Hodeida assumia – e assume - extrema importância para os Houthis (que o controlam desde 2015) e é também de extrema importância para a entrada de ajuda humanitária no país²⁰⁶. Iniciar um combate por Hodeida traria outro tipo de consequências que não se colocaram no caso dos portos de Mokha e de Midi. No caso de Hodeida, uma operação militar poderia causar uma enorme vaga de fome no Iémen, considerando que é em Hodeida que estão guardadas várias provisões de água e de alimentos e por ser também por ali que, como se viu, entra a maior parte da ajuda humanitária. Desta forma, a operação em Hodeida condenaria os Iemenitas a um sofrimento impossível de caracterizar ou de definir por palavras. Para além disso, a operação implicaria também consequências a nível político. Nesta medida, possíveis negociações de paz entre os Houthis e o governo de Hadi assim como com os outros Estados Árabes do Golfo ficariam tremendamente ameaçadas. Assim, exigia-se a maior precaução possível na

²⁰⁶ Para se entender a importância de Hodeida ver o sub-capítulo III.2 do capítulo III

operação de captura de Hodeida, sabendo que as consequências seriam tão graves que seriam até difíceis de calcular²⁰⁷.

Com o intuito de evitar um agravamento da crise humanitária, reforçou-se por esta altura a necessidade de garantir um acordo de paz²⁰⁸. O *International Crisis Group* em Novembro de 2018 adiantava o seguinte sobre aquilo que deveria ser feito no Iémen:

“International stakeholders should strive to spare Hodeida and facilitate the port’s transfer to the UN. The U.S. and others should stop enabling the Saudi-led coalition’s offensives. The Security Council should pass a resolution calling for a nationwide ceasefire and for all parties to protect vital transport infrastructure (...) International stakeholders thus face a stark yet simple choice: prevent a destructive battle for Hodeida or assume complicity, through inaction, in mass starvation”²⁰⁹

²⁰⁷ O *International Crisis Group* ajuda a explicar este ponto: “A final battle for Hodeida city and port would likely plunge millions of Yemenis into famine. It would also undermine talks between Huthi rebels and the Yemeni and Gulf Arab forces arrayed against them, thereby prolonging the population’s suffering” - *International Crisis Group*, Report nº 193 - <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/193-how-halt-yemens-slide-famine>

²⁰⁸ Não foi a primeira vez que se tentou garantir a paz no Iémen. Em 2016, no Kuwait, as negociações de paz mediadas pelas Nações Unidas falharam depois dos Houthis terem anunciado um novo governo para o Iémen, apontando 10 novos membros. Na altura, o acordo que tinha sido proposto e aceite pelas forças governamentais, foi rejeitado pelos Houthis pelo facto de não cumprir com as exigências feitas pelos mesmos relativamente à necessidade de criar um governo de unidade nacional. Em Setembro de 2018 houve nova tentativa falhada de sentar ambas as partes à volta da mesa das negociações. Na altura, em Genebra, os Houthis não apareceram

Existe um outro elemento muito relevante que foi tido em conta e que contribuiu para que, principalmente a Arábia Saudita tivesse interesse em negociar a paz, que foi o assassinato do colunista do *Washington Post*, Jamal Khashoggi na embaixada Saudita na Turquia. O caso despoletou a atenção da comunidade internacional para a Arábia Saudita e, consequentemente, trouxe a guerra travada no Iémen para o debate público e que levou mesmo a Alemanha e a Noruega a suspender a venda de armas aos Sauditas.

²⁰⁹ *Idem Ibidem*

O *International Crisis Group* acrescentou ainda que, visto que a batalha final em Hodeida aconteceria principalmente pelo avanço da coligação liderada pelos Sauditas, seria igualmente necessário que os aliados da coligação deixassem de apoiar através da venda de armas. Essencialmente os EUA, mas também o Reino Unido e a França²¹⁰. No entanto e em sentido contrário, em Novembro de 2018, o Presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou que bloquearia qualquer ação que fosse contra a Arábia Saudita. Mas, não é apenas a coligação internacional que deve terminar as suas operações para garantir a paz no Iémen. Também os Houthis assumem um papel crucial para que se conquiste a paz naquele país. Estes, se estão verdadeiramente comprometidos com essa missão, deveriam optar por concordar com um cessar-fogo decretado pelas Nações Unidas. Os Houthis controlam a cidade de Hodeida e, pela importância que a mesma assume, a coligação Internacional e as forças governamentais tentarão obter o domínio sobre a mesma. Os Houthis têm então uma escolha essencial a fazer e que os coloca entre querer acordar uma saída negociada do porto sendo-lhes concedidas algumas vantagens e aceite algumas reivindicações, ou escolher a guerra e a continuação do conflito, sabendo que este seria destrutivo para os Iemenitas. Os Houthis são assim verdadeiramente confrontados com uma escolha essencial. Eles têm a

²¹⁰ “The U.S., UK and France are Abu Dhabi and Riyadh’s largest vendors of advanced offensive weapons systems. U.S., British and French military advisers and contractors play a crucial role in sustaining the coalition’s military forces and by extension the Yemen war. They should end military support to the coalition’s offensive operations, including intelligence sharing and the transfer of relevant weapons and materiel, as it is the coalition’s advance that is increasing the likelihood of a final Hodeida battle and humanitarian disaster” – *International Crisis Group, Report nº 193*

possibilidade de escolher entre a guerra e a paz e, em conflitos desta natureza, as escolhas e os *timings* da escolha são absolutamente fulcrais.²¹¹

Ainda no final de Outubro, Martin Griffiths, enviado especial da ONU para o Iémen, aumentou a pressão junto dos EUA, da coligação internacional e dos governo de Hadi com o objetivo de garantir negociações de paz. A 27 e 28 de Outubro de 2018, o General James Mattis, na altura Secretário de Defesa dos EUA, e outros responsáveis políticos de topo pressionaram os Sauditas e os EAU no sentido de estarem na mesa das negociações com o objetivo de assinar um acordo de paz para o Iémen. A 30 de Outubro, o General Mattis anunciou planos para que a ONU mediasse conversações a ocorrer na Suécia. O *International Crisis Group* sublinha a intervenção do General numa conferência dada pelo mesmo no *US Institute for Peace*. Aí, o Secretário de Defesa dos EUA, salientou a urgência das partes negociarem entre si um acordo de paz. Esse acordo deveria acontecer no prazo máximo de trinta dias e o acordo deveria ter por base um cessar-fogo, o compromisso de serem interrompidos os bombardeamentos no país e das partes se afastarem dum conflito na fronteira para que na Suécia se pudessem reunir e negociar um acordo que fosse vantajoso para ambos mas que, acima de tudo, permitisse alcançar a paz²¹².

²¹¹ “The Huthis, too, would have to be bound by a UN-decreed ceasefire. In Hodeida, they have a clear choice between agreeing to a negotiated exit from the port and joining a battle that would prove devastating to millions of people in territories currently under their control” - *International Crisis Group, Report n° 193*

²¹² “The longer-term solution, and by longer-term, I mean 30 days from now, we want to see everybody around the table, based on a ceasefire, based on a pullback from the border, and then based on ceasing dropping of bombs, that will permit the [UN] special envoy – Martin Griffiths, who’s very good, he

No mesmo dia, foi o Secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, a proferir semelhantes declarações numa conferência de imprensa, alertando para a necessidade e urgência de ser acordado e respeitado um cessar-fogo entre ambas as partes, significando que os Houthis deixariam de bombardear a Arábia Saudita e os EAU, ao passo que, a coligação Internacional deveria também respeitar esse cessar-fogo e terminar todos os ataques no Iémen. Para além dessa urgência, o Secretário de Defesa fez ainda referência à necessidade das partes se reunirem num país terceiro onde pudessem negociar e chegar a acordos e compromissos ainda durante o mês de Novembro de 2018²¹³.

As declarações destes dois altos responsáveis políticos apanharam de surpresa os aliados da coligação, como o Reino Unido, e também surpreenderam os Houthis com a ideia de que estariam em negociações na Suécia daí a trinta dias. No entanto, essas declarações revelaram-se essenciais, pois a 19 de Novembro de 2018, os Houthis anunciaram o cessar-fogo de todos os ataques com mísseis ou drones sobre a Arábia

knows what he's doing – to get them together in Sweden and end this war” - *International Crisis Group, Report n° 193*

²¹³ “The time is now for the cessation of hostilities, including missile and unmanned aerial vehicle (UAV) strikes from Houthi-controlled areas into the Kingdom of Saudi Arabia and the United Arab Emirates. Subsequently, Coalition air strikes must cease in all populated areas in Yemen. Substantive consultations under the UN Special Envoy must commence this November in a third country to implement confidence-building measures to address the underlying issues of the conflict, the demilitarization of borders, and the concentration of all large weapons under international observation. A cessation of hostilities and vigorous resumption of a political track will help ease the humanitarian crisis as well” – *Idem Ibidem*

Saudita, EAU e outros parceiros de coligação e mostraram-se ainda disponíveis para um cessar-fogo mais prolongado e alargado caso a coligação fizesse o mesmo.²¹⁴

A 15 de Novembro de 2018, a coligação anunciou uma interrupção, por doze dias, da sua ofensiva ao porto de Hodeida, com o objetivo de aguardar por um cessar-fogo duradouro, embora tenha avisado que essa interrupção seria cancelada no caso de um ataque por parte dos Houthis.²¹⁵

Durante o mês de Dezembro houve desenvolvimentos relativamente às negociações de paz e entre os dias 6 e 13 de Dezembro as forças governamentais e os Houthis encontraram-se na Suécia para assinar um acordo de paz. Em Estocolmo, as partes chegaram a três acordos distintos. Primeiro, chegaram a um acordo sobre a cidade de Hodeida e os portos de Hodeida, Salif e de Ras Issa²¹⁶, destacando-se a desmilitarização de Hodeida. O segundo acordo versou sobre a criação de um

²¹⁴ “All the same, the Huthis announced on 19 November that they would cease all drone and missile attacks on Saudi Arabia, the UAE and the coalition’s Yemeni partners, and signalled readiness for a broader ceasefire should the coalition reciprocate. This announcement put the ball in the coalition’s court”
- *Idem Ibidem*

²¹⁵ <https://www.theguardian.com/world/2018/nov/15/yemen-saudi-led-coalition-orders-halt-to-hodeidah-offensive> - O artigo acrescenta que, mesmo tendo interrompido as hostilidades, o medo de as forças governamentais tentarem obter o máximo de vantagem através de milícias no terreno era muito real

²¹⁶ O acordo está disponível no seguinte link:
https://osesgy.unmissions.org/sites/default/files/hodeidah_agreement_0.pdf

mecanismo executivo para ativar a troca de prisioneiros entre as duas partes. Em terceiro lugar, as partes concordaram numa declaração sobre a província de Taiz²¹⁷.

No acordo de Estocolmo²¹⁸, as partes comprometeram-se com o seguinte:

“We shall be committed,

- *To fully implement this Agreement and to work towards the removal of any obstructions or impediments to its implementation.*
- *To refrain from any action, escalation or decisions that would undermine the prospects for full implementation of this Agreement.*
- *To continue the consultations unconditionally in January 2019 in a location to be agreed upon by the parties”*²¹⁹

Embora Martin Griffiths não tenha conseguido atingir todos aqueles que eram os seus objetivos²²⁰ o acordo não deixa de ser considerado um bom acordo e um primeiro passo essencial para a resolução do conflito. Existem pelo menos três maneiras igualmente válidas de analisar este acordo. O primeiro é afirmar claramente que este é um bom acordo

²¹⁷ O acordo está disponível através do seguinte link:

https://osesgy.unmissions.org/sites/default/files/taiz_agreement.pdf

²¹⁸ O acordo completo pode ser verificado no seguinte link:

https://osesgy.unmissions.org/sites/default/files/stockholm_agreement_.pdf

²¹⁹ Informação retirada do website do gabinete do enviado especial da ONU para o Iémen e está disponível através do seguinte link: <https://osesgy.unmissions.org/full-text-stockholm-agreement>

²²⁰ O *International Crisis Group* explica quais eram esses objetivos: “Martin Griffiths, the UN special envoy, went to Sweden with a long wish list: a prisoner swap, an agreement on the reopening of Sanaa airport, a deal to begin reintegrating the Huthi – and government – controlled branches of the Central Bank of Yemen to help streamline civil service payments, and agreements to end the fighting in Hodeida and the central city of Taiz, along with consensus on a framework plan for the peace process. He also wanted to get the parties to agree to reconvene in late January.” – Disponível aqui: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/making-yemens-hodeida-deal-stick>

e que é sem dúvida o maior e mais importante passo dado para a resolução do conflito, desde o seu início. As Nações Unidas demonstraram que estão empenhadas em acabar com o conflito e colocaram os seus maiores esforços nesse sentido através de um *soft power* intenso e com objetivos claros. Por outro lado, o acordo é a prova de que a comunidade internacional está preocupada com a dimensão que o conflito já atingiu e que está focada não apenas em condenar a guerra travada, mas em contribuir ativamente para o seu fim. Finalmente, o acordo é um claro indicador de que os partidos, apesar de ainda divididos em questões essenciais, precisam de convergir e de chegar a compromissos²²¹.

Desde a assinatura do acordo de Estocolmo, e dada a multiplicidade de atores e de interesses no país, que reinam as dúvidas sobre se a paz será mesmo atingida no Iémen, ou se tal não se verificará. Após a assinatura dos acordos, existiam algumas dúvidas particularmente sobre se o acordo relativamente a Hodeida seria ou não cumprido. Isto porque, em público, as partes expressaram conclusões diferentes. Por um lado, o governo de Hadi afirmou que as forças governamentais controlariam a cidade e o porto e que, portanto, os Houthis abandonariam os mesmos. No entanto, os Houthis afirmaram que continuariam a ter forças presentes ainda que com menor intensidade.²²²

²²¹ Peter Salisbury, analista senior para o Iémen, do *International Crisis Group* escreve o seguinte: “There are three equally valid ways of reading the agreement. It is the biggest step forward in UN mediation efforts in Yemen since the Saudi-led coalition entered the conflict on the government’s side in March 2015. It is a signal of increased international focus on the conflict. And it is an indicator of the gulf yet to be bridged between the parties as the UN sets about mediating an accord to end the war” - Disponível aqui: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/making-yemens-hodeida-deal-stick>

²²² Em suma, estas interpretações resumiram-se ao seguinte: “For the government, this translates to a Huthi-free Hodeida, while the northern rebels expect to retain a degree of control” – *International Crisis Group* e disponível aqui: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/making-yemens-hodeida-deal-stick>

Os primeiros dois meses do ano de 2019 foram também marcados pelas dúvidas relativamente ao cumprimento ou não dos acordos assinados, em especial sobre o porto e cidade de Hodeida. A 3 de Março, Jeremy Hunt, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, visitou o Iémen e reforçou que, passados 80 dias da assinatura do acordo de Estocolmo, nada tinha sido colocado em prática e que, se não houvesse um maior empenho e esforço das partes envolvidas, o acordo podia morrer.

“We are now in last-chance saloon for the **Stockholm peace process** (...) The process could be dead within weeks if we do not see both sides sticking to their commitments in Stockholm.”²²³

Considerando tudo isto, é seguro dizer que o Iémen precisa, no mínimo, de dois fatores para conseguir a paz²²⁴. Em primeiro lugar, precisa que a comunidade Internacional continue a pressionar a coligação e os Houthis a terminarem o conflito, pressão essa que como se mencionou, aumentou significativamente depois da morte do jornalista Jamal Khashoggi. Em segundo lugar, o Iémen precisa de aplicar uma “diplomacia criativa”. É urgente que os intervenientes sejam capazes de manter as partes na mesa das negociações. Para além disso, é importante não esquecer que, até agora, os acordos alcançados ainda só o foram, no papel. É essencial garantir que as partes garantam o acordo alcançado. E, não se pode também esquecer que, apesar de tudo, não

²²³ Citação retirada do website da *France24*, disponível aqui: <https://www.france24.com/en/20190303-yemen-uk-hunt-peace-process> (O texto não é assinado por ninguém em particular, mas sim pela *France 24*)

²²⁴ Artigo de *Gregory D. Johnsen*, intitulado “Yemen’s Three Wars”, publicado a 23 de Setembro pelo blog “LawFare”. Está disponível aqui: <https://www.lawfareblog.com/yemens-three-wars>

é preciso apenas negociar com o governo de Hadi e com os Houthis. A Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Irão vão querer estar presentes no processo e é preciso saber lidar com as suas posições e exigências. Finalmente, há que recordar que a Al-Qaeda da Península Arábica tem uma presença muito significativa no sul do Iémen e será também um ator a ter em consideração²²⁵. No sul, a situação torna-se ainda mais complicada devido à presença do *Al-Hirak* (movimento que pretende a independência do Iémen do Sul) e do *STC* (*South Transitional Council*)²²⁶, uma facção do *Al-Hirak* e que afirma dominar grande parte do sul do país²²⁷.

Fica mais uma vez visível que o Iémen está dominado por visões muito diferentes e conflitantes entre si, dificultando assim a possibilidade de se chegar a uma paz prolongada e duradoura. Mesmo que o governo de Hadi e os Houthis cheguem a acordo,

²²⁵ Apesar disso, esta dissertação não era o momento ideal para desenvolver sobre a influência e presença da AQAP no Iémen. Essencialmente, porque o objetivo principal da tese é o de demonstrar que o Iémen é um mais importante na região e para a Arábia Saudita e Irão. A presença da AQAP não demonstra esse pressuposto, o que demonstra é que o Iémen está extremamente dividido e que são vários os atores a influenciar o rumo dos acontecimentos

²²⁶ O líder do STC, Maj Gen Aidarus al-Zoubaidi, confirmou isso mesmo numa conversa ao jornal Britânico *The Guardian*, onde afirma: ““To ignore the will of the people is a recipe for only more instability (...) The UN-recognised government has no influence in the south, its role is non-existent and, but for the support of the Saudi coalition, it would have entirely collapsed, plunging the country into complete chaos.”

As afirmações estão disponíveis no seguinte link: <https://www.theguardian.com/world/2019/mar/05/no-peace-in-yemen-until-souths-wish-to-split-with-north-heard-mps-told>

²²⁷ Relativamente a este ponto, é acrescentado no artigo cujo link está na nota acima, o seguinte: “Most of Yemen’s experts, such as the Sana’a centre thinktank, concur that that the issue of federation, or even secession, cannot be ignored in any final political settlement” – É importante não esquecer que a proposta de criação de uma federação foi um dos principais motivos para a rebelião dos Houthis e para o início da guerra civil. Como se verifica mais uma vez, o Iémen está dominado por diferentes facções com interesses e objetivos muito diferentes, alguns deles conflitantes mesmo

terão ainda de perceber como irão enquadrar e incluir os movimentos separatistas do sul e a AQAP.

CONCLUSÃO

“All the big countries say they are fighting each other in Yemen. But it feels to us like they are fighting the poor people (...) I can barely buy a piece of stale bread. That’s why my children are dying before my eyes.”²²⁸

Mr Hajaji – habitante do
Iémen

Ao longo da presente dissertação foram estudadas as relações complexas que constituem o Grande Médio Oriente e em que medida o Iémen contribui para as mesmas. Foi possível explorar um campo de estudo pouco trabalhado e que do qual, em Portugal, pouco se conhecia: o Iémen e o significado que assume na região onde se insere. Este país é um caso raro na região e esse facto contribuiu para que a sua análise tivesse sido manifestamente complexa. Foi crucial começar pelo estudo da região em si, permitindo adquirir uma visão completa das relações que ali se foram estabelecendo ao longo dos anos. Igualmente importante foi estudar a evolução do Iémen na região, através da análise do impacto da História, geografia, demografia, território, clima e população. Através do conhecimento da História percebeu-se que os Iemenitas se

²²⁸ As declarações são feitas por “Mr. Hajaji” e estão disponíveis num artigo do *New York Times*, através do seguinte link: <https://www.nytimes.com/interactive/2018/10/26/world/middleeast/saudi-arabia-war-yemen.html>

Uma nota relevante: As frases são ditas em momentos diferentes do artigo e, por esse motivo estão separadas pelas reticências. Na entrevista, a frase que vem em segundo lugar foi dita em primeiro lugar no artigo e vice-versa.

orgulham e gostam de fazer remontar o início do seu país ao reino de Sabá e que isso os faz sentirem-se diferentes dos países que o rodeiam. No entanto, a História também nos explica que o facto do Iémen ter sido governado de forma autocrática pelos Imãs Zaiditas ao longo de 1000 anos, fez com que no século XX, e no presente, o Iémen seja um dos países mais atrasados do mundo.

Na Introdução foi proposto explicar a importância e significado que o Iémen assume na região. É seguro afirmar que, após a investigação, esse objetivo foi cumprido. Só essa importância pode explicar que vários países se combatam e mantenham interesses no Iémen. Só isso explica que entre 1872 e 1918 o norte do Iémen tenha estado sob o domínio Otomano e que entre 1839 e 1967 o sul tenha estado sob o domínio Britânico. Também aí, o Iémen se revelou um país único. O Iémen do Norte foi o primeiro país Árabe independente após a I Guerra Mundial e o Iémen do Sul foi o primeiro Estado árabe marxista após a II Guerra Mundial Também só essa importância explica que o país, reunificado em 1990, seja desde o ano 2000 palco de uma *proxy war* que se iniciou principalmente em 2004 com o início das *Guerras de Sa'dah*.

A importância do Iémen na região está intimamente ligada ao seu posicionamento geográfico, desde logo por fazer fronteira com a Arábia Saudita, país que disputa com o Irão a liderança da região. Esse facto tem feito com que, diversas vezes, o Iémen se tivesse de sujeitar às imposições e à ambição regional dos Sauditas, que encaram a estabilidade da sua fronteira como matéria de segurança nacional, observando, por isso, atentamente todos os acontecimentos que decorrem em território Iemenita. Por ser tão importante para os Sauditas, o Iémen é também essencial para os aliados dos mesmos, desde logo para os EUA que encaram qualquer acontecimento

ligado aos Sauditas como sendo também de segurança nacional. Este é, desde logo, um argumento importante e que ajuda a explicar a relevância do Iémen na região.

A esse argumento, junta-se um outro que está intimamente ligado ao Irão, país que mantém um papel interventivo na região através da sua posição política, ao controlar o Hamas em Gaza, o Hezbollah no Líbano e a Síria Alauita de Bashar Al-Assad. Para além do controlo que já detém, o Irão tem investido numa intenção expansionista. Nesse expansionismo inclui-se o Iémen, através do apoio prestado aos rebeldes Houthis, Xiitas, e que se revelou muito problemático para a Arábia Saudita. A circunstância dos Houthis terem surgido na província de Sa'dah - província situada na fronteira com a Arábia Saudita -, colocou a estabilidade da mesma em causa, tendo obrigado os Sauditas a atuar depressa e com muita violência no Iémen.

O facto do Irão estar presente no Iémen tornou-se também uma ameaça aos Sauditas pela importância geoestratégica que o Iémen assume, o que foi explorado no terceiro capítulo. A sua localização geográfica privilegiada permite-lhe controlar o estreito de *Bab El Mandeb*, um *choke point* que se reveste de enorme importância, visto que quem o controla, controla também a ligação entre o Oceano Índico e o Mar Mediterrâneo, tendo ganho um especial destaque após a abertura do Canal do Suez. Dado o elevado número de trocas comerciais, principalmente de petróleo, que se realizam naquela zona, é essencial conseguir controlar esse *choke point* de forma a garantir pleno acesso ao Mar Vermelho, Mar Mediterrâneo e Oceano Índico. Consequentemente, para a Arábia Saudita é impensável que o Irão possa ter a capacidade de definir quem pode ou não navegar no estreito.

A situação política que o Iémen atravessa atualmente é também uma causa relevante e que explica a presença de tantos atores no território, principalmente externos. O facto do Iémen ser um Estado falhado, não tendo nenhuma força de autoridade claramente identificável como tal, permite a entrada de outros países no território, agravando o conflito. Um exemplo foi o apoio prestado pelo Irão aos Houthis, que se intensificou quando os Iranianos perceberam que não só os Houthis eram já um grupo muito forte, mas que o governo de Hadi estava tão enfraquecido que os riscos associados ao apoio prestado aos Houthis, eram diminutos.

A religião foi também um fator tido em conta ao longo da dissertação. No entanto, apesar de ser normalmente apontada como o principal motivo de discórdia entre os países do Grande Médio Oriente, a verdade é que, muitas vezes, a religião surge como justificação para perseguir outros fins. Para além da distinção entre Sunitas e Xiitas, mais concretamente para distinguir a Arábia Saudita e o Irão, a religião não foi mais intensamente estudada porque ela não explica a importância do Iémen na região. Ela é um fator, uma razão que contribui para o envolvimento da Arábia Saudita no Iémen mas não é, de todo, a razão principal. É manifesto que a religião teve impacto e contribuiu para que o Irão apoiasse os Houthis, mas a verdade é que o Irão estava e está mais interessado no Iémen pelo seu posicionamento geográfico – pelo controlo do estreito e por fazer fronteira com a Arábia Saudita - do que propriamente pelo facto dos Houthis serem Xiitas. Prova disso é que, durante muito tempo, o Irão apoiou os Houthis meramente através de “solidariedade religiosa”. Durante esse tempo, o Irão acreditava, primeiro, que os Houthis não teriam sucesso e, segundo, que eles não se deixariam dominar por Teerão. O que serviu de principal impulsionador para a intervenção do Irão no Iémen apoiando aos Houthis, foi terem compreendido que, de facto, estes estavam

cada vez mais fortes e, nesse sentido, poderiam ser úteis à expansão Iraniana. Não foi certamente a religião o principal fator de mobilização do apoio Iraniano aos Houthis.

Um ponto que deve ser reforçado é a crise Humanitária vivida no Iémen e que se prolonga. O Iémen é de facto um país com significado e importância na região mas isso de pouco vale aos Iemenitas, quando é esse o motivo pelo qual o seu país ficou destruído. No terceiro capítulo foi estudada a catástrofe vivida no Iémen. São cerca de 14 milhões de pessoas a precisar de ajuda Humanitária urgente, num país onde a água potável e os alimentos escasseiam. Também por isso, o Iémen não poderá continuar a ser a “guerra esquecida”. Não poderá continuar a ser a guerra de que pouco se fala, a guerra que pouco importa. Toda a comunidade internacional deve sinalizar o Iémen como uma prioridade. Neste sentido impõe-se que, em primeiro lugar, sejam cumpridos os acordos alcançados em Estocolmo, embora, infelizmente, não existam sinais de que isso venha a acontecer brevemente. A paz no Iémen é um objetivo relativamente ao qual todos devem estar de acordo e para o qual todos devem contribuir. Uma vez alcançada a paz, será necessário reconstruir o país. Para isso, terá de ser encontrada uma solução que consiga gerar consenso entre o governo de Hadi, os Houthis, os movimentos separatistas do sul e a AQAP. Mas, também a Arábia Saudita e o Irão quererão ter uma palavra a dizer na solução encontrada. Para além da reconstrução do país, será necessário ajudar e apoiar os milhões de jovens e de crianças que viram o seu futuro ser-lhes negado. As próximas gerações do Iémen estão hipotecadas. Não tiveram a sorte de poder estudar e de perseguir os seus sonhos no seu país. Estão traumatizados e para sempre marcados pelas feridas da guerra. Também eles devem ser ajudados e acarinhados por toda a comunidade internacional e devem constituir um foco de atenção

em qualquer negociação. O Iémen é o seu país e estes jovens têm o direito de lá ter uma vida digna e com qualidade.

Não existem “guerras esquecidas”. Não podem existir. O Iémen é a prova de que quando a mediação não funciona, quando a negociação não é sólida e quando os compromissos não se cumprem, o que resta é a destruição, a calamidade e a catástrofe.

BIBLIOGRAFIA

Livros

BRANDT, Marieke, *Tribes and Politics in Yemen, A History of the Houthi Conflict*, Hurst and Company, London, 2017.

BUZAN, Barry, WEVER, Ole., *Regions and Power*, Cambridge University Press, Cambridge, 2003.

DRESCH, Paul, *A History of Modern Yemen*, Cambridge University Press, 2000.

GRESH, Alain; VIDAL, Dominique., *Dicionário do Médio Oriente*, Coleção Contemporânea, Lisboa, 2003.

KAPLAN, Robert, *The Revenge of Geography*, Random House Trade Paperbacks, Nova Iorque, 2013.

KISSINGER, Henry, *A Ordem Mundial*, D. Quixote, 2014.

MARQUES, Francisco Soromenho, *As tensões Intra-Islâmicas: A oposição entre Sunitas e Xiitas no contexto geopolítico do Médio Oriente*, Dissertação de Mestrado *no Instituto de Estudos Políticos (IEP) da Universidade Católica Portuguesa*, Junho de 2015

MARSHALL, Tim, *Prisioneiros da Geografia*, Edições Saída de Emergência, 2017.

ORKABY, Asher, A Passing Generation of Yemeni Politics, No. 90, Brandeis University, Middle East Brief 90, 2015.

SEDDON, David, A Political and Economic Dictionary of the Middle East, First Edition, Europa Publications, London and New York, 2004.

Médio Oriente, Seleções do Reader's Digest, 1995.

Artigos e relatórios

ADAMI, Ali , POURESMAEILI, Najmieh, "Saudi Arabia and Iran: the Islamic Awakening Case", Iranian Review of Foreign Affairs, Vol. 3, No. 4, Winter 2013, pp. 153-178.

<http://irfajournal.csr.ir/WebUsers/irfajournal/UploadFiles/OK/13940904103215000097-F.pdf>

BARON, Adam, "Civil War in Yemen: Imminent and Avoidable", publicado pelo European Council on Foreign Affairs, Março de 2015

https://www.ecfr.eu/publications/summary/civil_war_in_yemen_imminent_and_a_voidable311444

BURROWES, D, Robert, "The Yemen Arab Republic's Legacy And Yemeni Unification." *Arab Studies Quarterly* 14, no. 4 (1992): 41-68. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41858029>

DAAIR, Omar, He who rides the Lion: Authoritarian rule in a plural society: the Republic of Yemen; MSc dissertation, School of Oriental and African Studies, London; Setembro 2001 – Disponível em: <https://al-bab.com/he-who-rides-lion#ABSTRACT>

FENTON-HARVEY, Jonathan, “How the UAE is destroying Yemen”, The Middle East Eye, Julho de 2018. Disponível através do seguinte link: <https://www.middleeasteye.net/opinion/how-uae-destroying-yemen>

FLAYAH, Moosa; SCHULPEN, Lau; ABU-OSBA, Bilqis; AL-ZANDANI, Bakeel, “Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country”, CIDIN, Radboud University Nijmegen, Junho de 2017 (An analytical report published by the Centre for International Development issues (CIDIN) Radboud University Nijmegen (The Netherlands), in collaboration with Qatart University, Qatar and AWAM Foundation, Yemen
Disponível em: <https://www.kpsrl.org/publication/yemen-a-forgotten-war-and-an-unforgettable-country-0>

GRUMET, Tali Rachel, “New Middle East Cold War: Saudi Arabia and Iran 's Rivalry”, Universidade de Denver, Janeiro de 2015
<https://digitalcommons.du.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2027&context=etd>

International Crisis Group, “How to halt Yemen’s slide into famine”; Report nº193 / Middle East & North Africa, 21 November 2018. Disponível em: <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/193-how-halt-yemens-slide-famine>

JOHNSEN, Gregory D. , “Yemen’s Three Wars”, blog “LawFare”; 23 de Setembro de 2018 Disponível em: <https://www.lawfareblog.com/yemens-three-wars>

KHOURY, Nabeel, “A New Hezbollah in Yemen”, Atlantic Council; 29 de Janeiro de 2015 <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/a-new-hezbollah-in-yemen>

LAUB, Zachary, “YEMEN IN CRISIS”, Council of Foreign Relations, 29 de Abril de 2015; Disponível em: https://www.files.ethz.ch/isn/190632/Backgrounder_%20Yemen's%20Ci...pdf

MOHAMED, Hadil, ELAYAH, Moosa, SCHULPEN, Lau, “Yemen between the impact of the climate change and the ongoing Saudi – Yemen war: A real tragedy”, An analytical report published by the Centre for Governance and Peace-building-Yemen, in collaboration with Centre for International Development Issues Nijmegen, The Netherlands, Novembro 2017.

NEJAD, Ali Fathollah, “The Iranian – Saudi Hegemonic Rivalry”, Harvard Kennedy School Belfer Centre for Science and International Affairs, <https://www.belfercenter.org/publication/iranian-saudi-hegemonic-rivalry>

SHAY, Shaul, “The war over the Bab al Mandab straits and the Red Sea coastline”, de “Institute for Policy and Strategy”, Universidade IDC Herzlyia de Israel, Junho de 2018. Disponível em: <https://www.idc.ac.il/he/research/ips/Documents/publication/5/ShaulShayYemen21.6.18.pdf>

SUTER, Margaret “An Update on Yemen’s Water Crisis and the Weaponization of water”, publicado pelo Atlantic Council a 29 de Novembro de 2018 e está disponível através do seguinte link: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/menasource/an-update-on-yemen-s-water-crisis-and-the-weaponization-of-water>

TRANSFELD, Mareike, “The Failure of the Transitional Process in Yemen; The Houthi’s Violent Rise to Power and the Fragmentation of the State”; publicado pelo German Institute for International and Security Affairs, Fevereiro de 2015 https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/comments/2015C06_tfd.pdf

Websites consultados

<https://www.nationsonline.org/oneworld/first.shtml>

<https://www.history.com/topics/middle-east/arab-spring>

<https://www.bbc.com/news/world-12482293>

<https://www.amnesty.org/en/latest/news/2015/09/yemen-the-forgotten-war/>

<https://interactive.aljazeera.com/aje/2018/Saudi-Arabia-air-raids-on-Yemen/index.html>

<https://news.un.org/en/story/2018/09/1020232>

<https://edition.cnn.com/2013/07/10/world/meast/yemen-fast-facts/index.html>

<https://edition.cnn.com/2015/03/26/middleeast/yemen-saudi-arabia-offensive-why-now/index.html>

<https://www.ecfr.eu/mena/yemen>

<https://www.britannica.com/place/Bab-El-Mandeb-Strait>

<https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-07-26/bab-el-mandeb-an-emerging-chokepoint>

[for-middle-east-oil-flows](#)

<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=32352>

<https://www.aljazeera.com/news/2018/12/yemen-face-worst-humanitarian-crisis-2019-181204105615554.html>

<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-46261983>

<https://www.unocha.org/yemen/about-ocha-yemen>

<https://newrepublic.com/article/152011/climate-change-aggravating-suffering-yemen>

<https://www.nytimes.com/interactive/2018/10/26/world/middleeast/saudi-arabia-war-yemen.html>

https://www.unicef.org/yemen/activities_11440.html

<https://www.reuters.com/article/us-yemen-security-cholera/yemen-cholera-outbreak-accelerates-to-10000-cases-per-week-who-idUSKCN1MC23J>

<https://news.un.org/pt/story/2019/01/1653832>

<https://www.aljazeera.com/news/2016/08/yemen-peace-talks-collapse-fighting-intensifies-160807042106210.html>

<https://www.theguardian.com/world/2018/nov/15/yemen-saudi-led-coalition-orders-halt-to-hodeidah-offensive>

<https://www.theguardian.com/world/2018/nov/15/yemen-saudi-led-coalition-orders-halt-to-hodeidah-offensive>

<https://osesgy.unmissions.org/full-text-stockholm-agreement>

https://osesgy.unmissions.org/sites/default/files/stockholm_agreement_.pdf

<https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/yemen/making-yemens-hodeida-deal-stick>

https://osesgy.unmissions.org/sites/default/files/hodeidah_agreement_0.pdf

https://osesgy.unmissions.org/sites/default/files/taiz_agreement.pdf

<https://www.france24.com/en/20190303-yemen-uk-hunt-peace-process>

<https://thediplomat.com/2018/12/chinas-djibouti-base-a-one-year-update/>

<https://www.eia.gov/beta/international/regions-topics.php?RegionTopicID=WOTC>

ANEXOS

Anexo I



Mapa do Iémen

Aqui pode-se ver Huth, onde Badr al-Din nasceu. Um pouco a norte fica Sa'dah, cidade para onde foi viver mais tarde.

Imagem consultada a 23 de Agosto de 2018 e retirada do seguinte link:

<http://www.worldmap1.com/map/yemen/yemen%20cities%20map.gif>

Anexo II



Posição geográfica do Iémen, entre o Oceano Índico e o Mar Vermelho

Figura retirada do artigo *Mapping the Yemen Conflict*, retirado do *European Council on Foreign Relations*, a 12 de Fevereiro de 2019

Anexo III

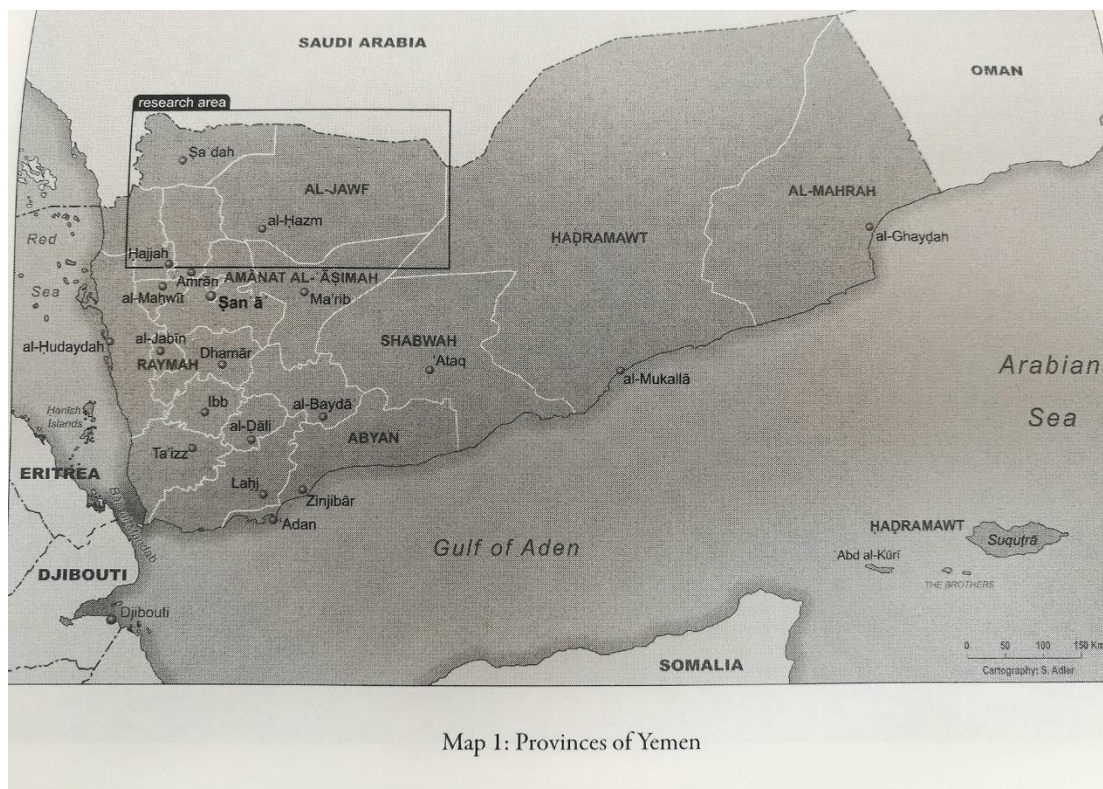


O Golfo de Áden e o Estreito de Bab El Mandeb

Imagem consultada a 17 de Junho de 2018 e retirada do seguinte link:

https://gl.wikipedia.org/wiki/Golfo_de_Ad%C3%A9n#/media/File:Gulf_of_Aden_map.png

Anexo IV



Esta imagem é relevante para dois momentos diferentes da dissertação. Por um lado, a imagem situa Sa'dah no mapa, a noroeste do Iémen, muito perto da fronteira com a Arábia Saudita. Também no mapa está Sanaa e perto de Sanaa fica Khawlan e percebe-se assim que o movimento liderado por Husayn Al-Huthi tinha já uma influência considerável no início dos confrontos com o regime (2004)

Por outro lado, a imagem permite entender a dimensão da terceira guerra de Sa'dah que se estendeu por toda a província e se alastrou para *Al-Jawf* e *Amran* (províncias a este e a sul de Sa'dah respetivamente).

Imagem consultada a 27 de Outubro de 2018 no livro de Marieke Brandt, *Tribes and Politics in Yemen: A History of the Houthi Conflict*), na página xxiii

Anexo V

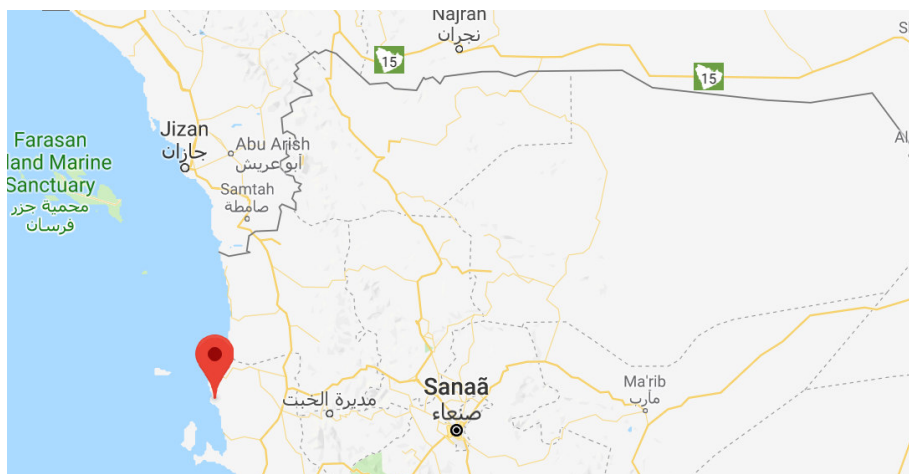


Nesta figura, é possível de perceber a localização geográfica de Najd, entre Medina e a capital Riade. Najd está no coração da Arábia Saudita e é possível ainda localizar as duas cidades santas, Meca e Medina.

Imagem consultada a 14 de Novembro de 2018.

Imagem retirada do livro de Robert Kaplan *the Revenge of Geography*”, nas páginas 256 e 257

Anexo VI



Nesta figura, é possível perceber a localização de al-Khabaw (ponto a vermelho), que os Houthis detiveram durante um mês, em Novembro de 2009 (a linha escura a norte marca a fronteira com a Arábia Saudita)

Figura retirada a 2 de Dezembro de 2018. Está disponível através do seguinte link:

<https://www.google.pt/maps/place/Al+Khawbah,+I%C3%A9men/@14.8211854,42.0003094,6.6z/data=!4m5!3m4!1s0x1605ed210a030de9:0xb87afddf0567c831!8m2!3d15.53549!4d42.743328>

Anexo VII



Neste mapa é possível perceber a localização geográfica de Amran, conquistada pelos Houthis em 2011. Por esta altura, os Houthis estavam cada vez mais perto da capital Sanaa.

Figura retirada a 13 de Janeiro de 2018 (o círculo azul foi acrescentado para facilitar a localização de Amran). Disponível através do seguinte link:

https://www.google.com/search?q=Amran+Yemen&tbm=isch&tbs=rimg:CVrzoepxZA4LIjhM4NPKsre-F5A4KnFmJLKl1OXvyoLtfi6QtpJUH5bMKMiXfOxykU4ZQqQ5w0zdNVdnGrF98nbioSoSCUzg08qyt74XERjFrOl3EDM2KhIJkDgqcWYksqURz33lZl1Vqh8qEgnU5e_1Kgu1-LhFZztm1-lFtDioSCZC2klQflswoEetAudJjgnh_1KhIJyJd87HKRThkRbAOFcQz1wHQqEglCpDnDTN01VxFVmFxMZptOOioSCWcasX3yduKhEXtV69e3sCZQ&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwj609TB2erfAhVCxYUKHSxTCJgQ9C96BAgBEBg&biw=1024&bih=518&dpr=1.88#imgsrc=rckYRumBpqz7oM:

Anexo VIII

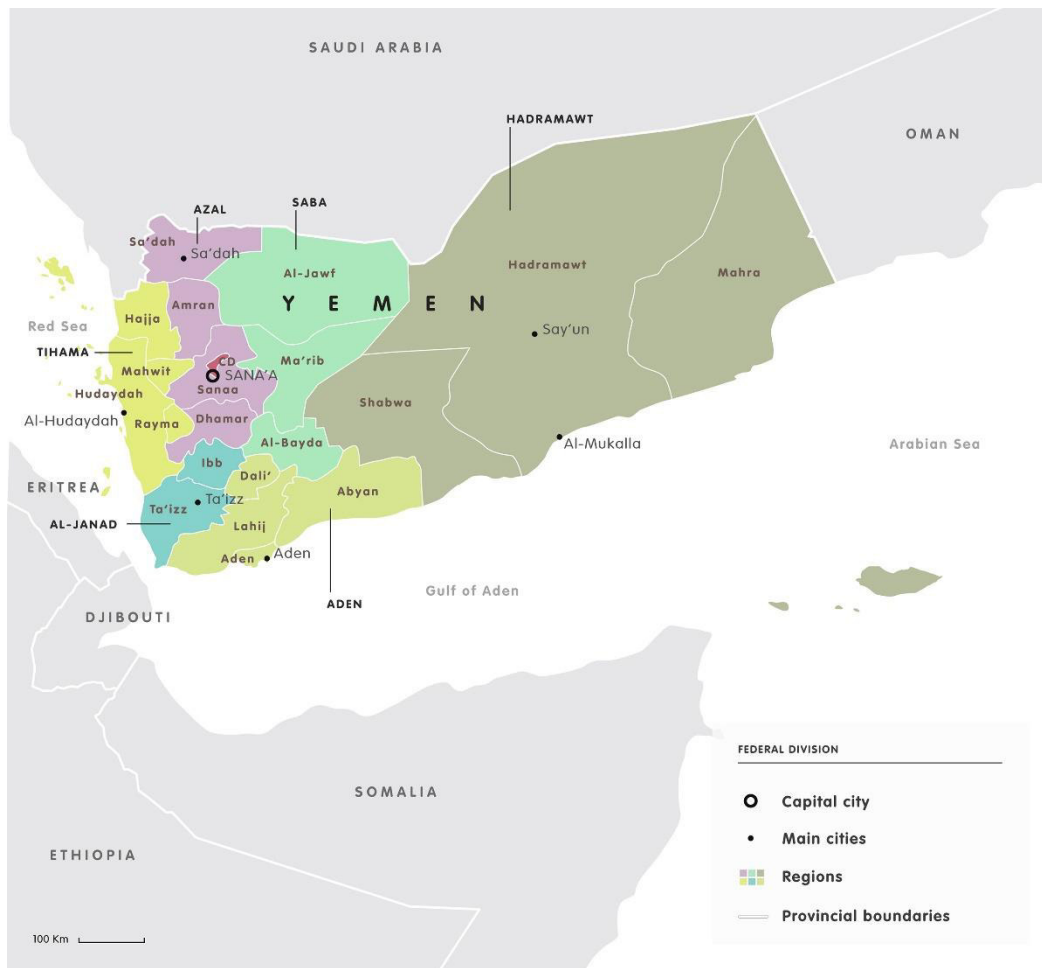
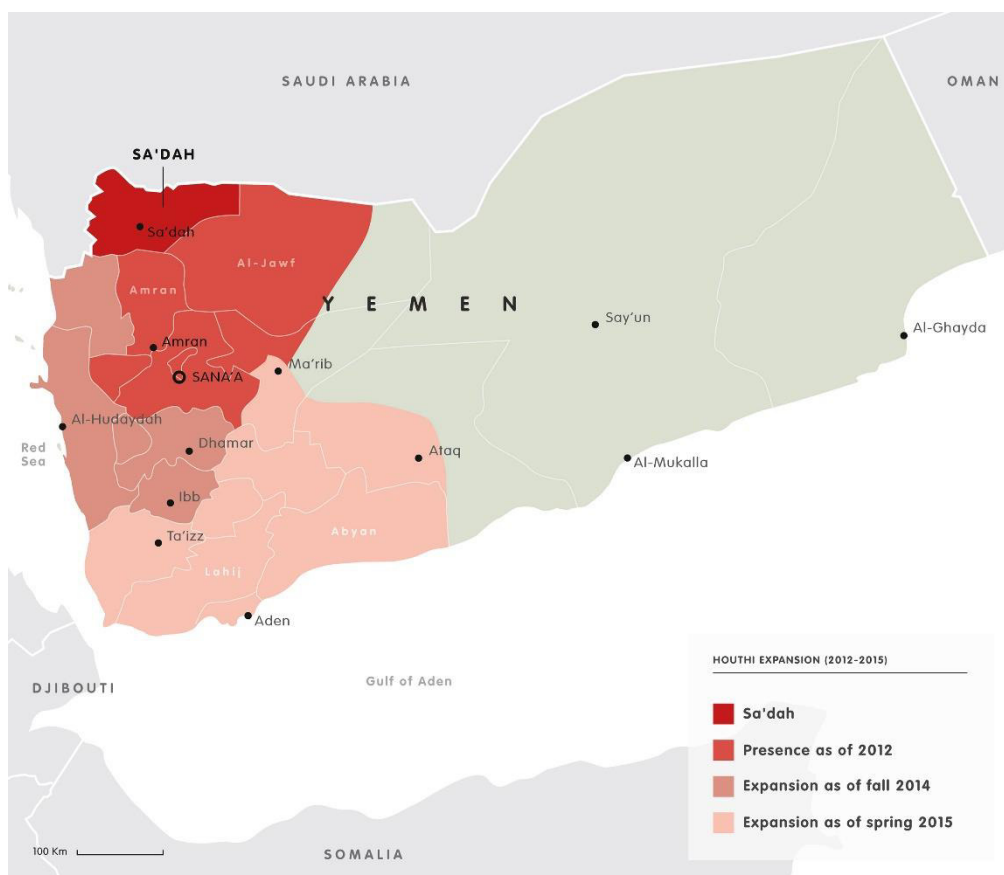


Imagem que permite perceber a organização territorial do Iémen como estava prevista no esboço da nova Constituição, que Hadi se tinha comprometido a desenhar, no acordo que tinha derrubado Saleh do poder

Figura retirada do artigo *Mapping the Yemen Conflict*, retirado do *European Council on Foreign Relations*, a 12 de Fevereiro de 2019

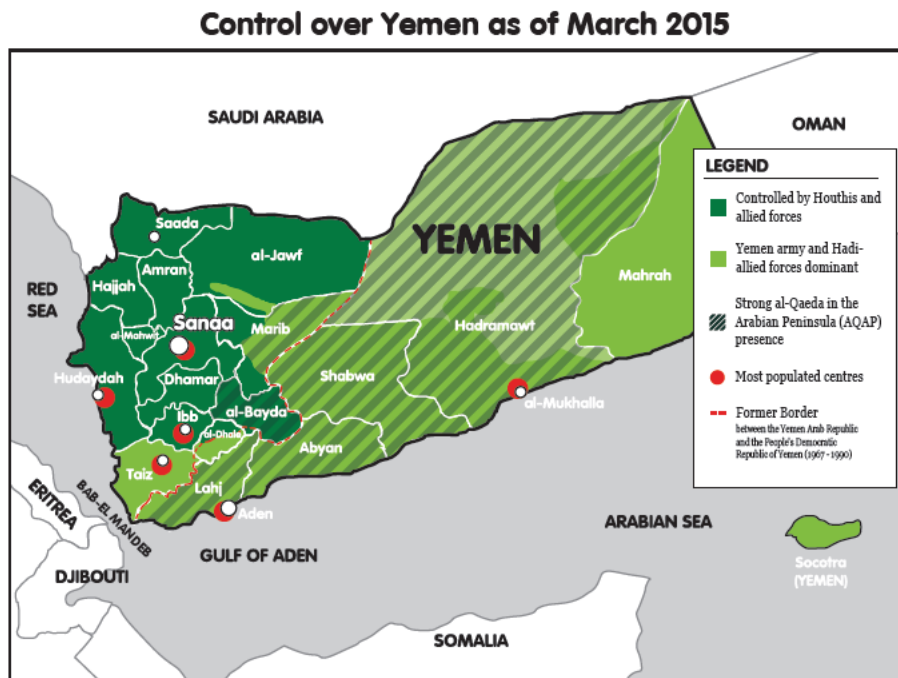
Anexo IX



A figura permite entender melhor a força dos Houthis e como foram conquistando território de 2012 a 2015.

Figura retirada do artigo *Mapping the Yemen Conflict*, retirado do *European Council on Foreign Relations*, a 12 de Fevereiro de 2019

Anexo X



Source: Author's information compiled from various interviews and other sources.

3

A figura ajuda a compreender quão dividido estava o Iémen em Março de 2015 entre os Houthis e o regime. Mostra ainda que a presença da Al-Qaeda da Península Arábica (AQAP) era muito forte no país.

Imagem retirada da página 3 do artigo de Adam Baron, “Civil War in Yemen: Imminent and Avoidable”

Anexo XI

MAP 5

Middle East Oil Transit Chokepoints



SUEZ CANAL. In 2013, 915.5 million tons of cargo transited the canal, averaging 45.5 ships transiting each day. The 120-mile-long canal is an increasingly important transit route for European oil imports from the Persian Gulf.

BAB EL-MANDEB STRAIT. This strait, 18 miles wide at its narrowest point, is an important transit route for Persian Gulf oil exports to Europe.

STRAIT OF HORMUZ. Nearly 17 million barrels of oil per day, or almost 20 percent of the world's traded oil, pass through the strait, making it the busiest passageway for oil tankers in the world.

Source: Heritage Foundation research and analysis provided elsewhere in this paper.

heritage.org

O mapa permite demonstra a importância do estreito de *Bab-El-Mandeb* e como o Iémen assume o controlo desse *chockepoint* essencial. Essa importância é reforçada pela proximidade ao estreito de Ormuz e ao Canal do Suez.

Imagem retirada do artigo “Yemen: A Forgotten War and an Unforgettable Country”, página 5

Anexo XII



Na figura percebe-se a localização da ilha de Perim e através da sua localização geográfica entende-se a importância geoestratégica que assume, por estar situada no estreito de *Bab El Mandeb*. Pertencendo ao Iémen, a ilha de Perim confere àquele país uma importância geoestratégica muito significativa

Imagem consultada a 15 de Fevereiro de 2019 e retirada do seguinte link:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Perim>

Anexo XIII



Portos de Mokha, Midi e Hodeida, cruciais para o controlo da costa ocidental do Iémen e que as forças governamentais quiseram controlar através da operação “Golden Spear”

Figura retirada a 27 de Fevereiro de 2019 e disponível através do seguinte link:

<https://www.google.com/search?q=Midi+Port+Yemen&safe=strict&tbm=isch&tbas=0&source=Int&sa=X&ved=0ahUKEwiMmvWe6dvgAhVPyRoKHYJ4B3QQpwUIIA&biw=1013&bih=467&dpr=1.88#imggrc=bsW4n3ET2FI-EM:>